



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**ANDERSON LUIS DA PAIXÃO CAFÉ**

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO CAMPO DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA FACE  
AOS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO CNPq E DA CAPES: 2007-2009**

Salvador  
2012

**ANDERSON LUIS DA PAIXÃO CAFÉ**

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO CAMPO DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA FACE  
AOS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO CNPq E DA CAPES: 2007-2009**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, na linha de pesquisa produção, circulação e mediação da informação, com o objetivo de obter o grau de mestre em Ciência da Informação.

**Orientadora: Profa. Dra. Kátia de Carvalho**

Salvador  
2012

**ANDERSON LUIS DA PAIXÃO CAFÉ****A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO CAMPO DA SOCIOLOGIA BRASILEIRA FACE  
AOS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO CNPq E DA CAPES: 2007-2009**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação, pela seguinte banca examinadora:

---

Kátia de Carvalho

Doutora em Ciências da Comunicação / Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. (Orientadora).

---

Maria do Rosário de Fátima Portela Cysne

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil.

---

Maria Yêda Falcão S. de F. Gomes

Doutora em Ciência da Informação pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, (EHESS), França.

---

Expedito Carlos Lopes

Doutor em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Brasil.

---

Aida Varela Varela

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), Brasil.

Salvador, 31 de julho de 2012.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, mesmo frente a uma sociedade marcada historicamente pela desigualdade na distribuição de capital econômico, social, político e cultural, nunca desistiram dos seus sonhos e lutam, diariamente, para concretizá-los.

## AGRADECIMENTOS

Normalmente os agradecimentos de uma tese ou dissertação são a última coisa a se escrever para integrar a seção pré-textual de um trabalho acadêmico.

Este espaço permite ao autor olhar para trás e resgatar das suas lembranças todos aqueles que lhe estenderam a mão durante a caminhada, as quais, de alguma maneira, acompanharam este período de grandes mudanças intelectuais e que vivenciaram a desconstrução e a construção, nesta mesma ordem, de tudo que se sabe.

Geralmente este texto é lido por todos, mesmos por aqueles que não tiveram aproximação com o autor, mas que estão em busca de identificar pessoas, ações familiares e profissionais que se estabeleceram durante a trajetória, seja para a conclusão de um mestrado ou de um doutorado.

Mesmo antes de dar por encerrada provisoriamente esta pesquisa, pensamos nessas pessoas e na gratidão e reconhecimento por todas elas. Algumas estiveram presentes para esta ocasião e outras estavam presentes bem antes de isto começar. A todas, nossos mais sinceros agradecimentos.

Agradecemos primeiramente a Deus, por nos permitir concluir mais esta etapa de nossa formação educacional e intelectual e por nos dar força para ultrapassar todos os obstáculos que surgiram durante o caminho.

À querida Adelmária Ione, melhor amiga e namorada do mundo, por superar comigo tantos obstáculos, pelas palavras de incentivo e pela compreensão quanto às minhas tão frequentes ausências durante esta trajetória.

Aos meus pais, irmãos, cunhados e à minha segunda mãe, dona Raimunda, pelo apoio e carinho de vocês antes e durante o curso.

À querida cunhada Adébora Iolanda dos Santos, pela constante disponibilidade para revisar gramaticalmente todas as comunicações enviadas para os vários eventos científicos dos quais participamos como mestrando do PPGCI/UFBA.

À minha orientadora, professora Kátia de Carvalho, pela confiança depositada e pelas palavras de incentivo que muito nos ajudaram.

À professora Nanci Oddone, pela amizade e auxílio nos momentos decisivos da pesquisa.

À professora Aida Varela, pelos ensinamentos proporcionados na atividade

de Tirocínio Docente e pela constante preocupação quanto ao bom andamento da pesquisa.

Às professoras Fátima Portela e Maria Yêda Falcão, por aceitarem gentilmente o convite para compor nossa banca examinadora.

À estatística Diorlene Oliveira da Silva pela revisão de todas as tabelas e gráficos.

Aos queridos amigos do mestrado, Vinícios Menezes, Stella Dourado, Maria da Conceição, pelo valioso companheirismo, palavras de incentivo e conhecimento construído com vocês durante os dois últimos anos, minha profunda gratidão.

Aos amigos Lucas Serra, Terezinha Lima Santos, Jailton Santos Reis e Gislene Soares Guerra, por se colocarem à disposição para a leitura dos originais, formatação de textos e normatização do trabalho. Muitíssimo obrigado.

Ao grande amigo Expedito Carlos Lopes, pela paciência em nos escutar durante as conversas no horário de almoço e pela disposição para tirar dúvidas sobre questões metodológicas e acadêmicas.

Aos colegas de trabalho do Tribunal de Justiça do Estado da Bahia, em especial ao coordenador de Gestão de Arquivos, Marcos Bacellar, e ao chefe do Núcleo de Documentação, Paulo Fontes, pela compreensão quanto às necessárias ausências do Tribunal.

Aos demais professores e colegas do mestrado do ICI/UFBA que ajudaram e contribuíram para este trabalho, à Maria Goret, pela revisão final da dissertação e a todos que de alguma forma se envolveram no seu desenvolvimento e colaboraram para a sua conclusão.

A publicação científica é crucial para o estabelecimento da reputação do pesquisador e esta reputação é o capital com que ele conta para obter apoio para seu trabalho. (SCHWARTZMAN, 2011).

## RESUMO

A pesquisa contempla abordagens teóricas defendidas por sociólogos da ciência como Robert Merton, Pierre Bourdieu e Richard Whitley. Esses teóricos acreditam que a produção científica valorada frente aos critérios do sistema de avaliação é a principal forma pela qual o pesquisador acumula maior reconhecimento social, capital científico e reputação acadêmica dentro do campo científico. Nesse sentido, optou-se por investigar a relação de causalidade entre produção científica e reputação acadêmica entre os pesquisadores brasileiros optando-se por estudá-la no campo da sociologia. Assim, o objetivo geral da pesquisa é verificar se há relação de causa e efeito entre as regras que governam o sistema de reputação da sociologia brasileira que está representada nos critérios do CNPq e da CAPES e a efetiva produção científica de seus pesquisadores. Para isto, primeiramente foram identificados os critérios utilizados pelo CNPq e CAPES para avaliar a produção científica na sociologia. Posteriormente, escolheram-se dois grupos de sociólogos – os bolsistas de produtividade PQ 1A e os recém-doutores que trabalham como docentes permanentes em programas de pós-graduação, mapeando-se a produção científica de ambos os grupos publicada entre 2007 e 2009. Por fim, comparou-se essa produção aos critérios do CNPq e da CAPES. Esta é uma pesquisa descritiva e documental, a qual aplica métodos quantitativos e qualitativos derivados dos estudos métricos da informação. A coleta de dados foi realizada na base de dados da Plataforma Lattes do CNPq, do caderno de indicadores da CAPES e do Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas. Esta pesquisa apresenta um perfil dos programas com cursos de doutorado em sociologia no Brasil, bem como a trajetória acadêmica e os temas de pesquisas dos bolsistas PQ1A e dos egressos. Os resultados mostraram também o comportamento da produção científica dos bolsistas em relação aos critérios para concessão de bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq, assim como a produção científica dos egressos frente aos critérios do sistema de avaliação da CAPES.

**Palavras-chave:** Produção científica. Comunicação científica. Sociologia brasileira. Critério de avaliação – CAPES. Critério de avaliação – CNPq. Campo científico. Sistema de reputação da ciência.



## ABSTRACT

This research considers theoretical approaches advocated by science's sociologists as Robert Merton, Pierre Bourdieu and Richard Whitley who believe that the scientific production valued according to the criteria of the evaluation system of science is the principal means through which the researcher accumulates greater social recognition, scientific capital and academic reputation within the field scientific. In view of that, we chose to investigate the causality relation between scientific production and academic reputation among Brazilian researchers opting for studying its in the of Sociology field. Thus the general objective of this research was to verify whether there is in cause and effect relationship between the rules that govern the reputational system of Sociology, represented by CNPq's and CAPES's criteria and the effective scientific production in Brazilian Sociology. Firstly, the criteria used by CNPq and CAPES to evaluate scientific production in Sociology were identified. Later, two groups of sociologists were chosen - the productivity scholars PQ 1A, and the recently qualified doctors who work as permanent faculty in Post graduation programs, mapping the scientific output of both groups published between 2007 and 2009. Finally, we compared this production to CNPq's and CAPES's criteria. This is a documentary and descriptive research which uses quantitative and qualitative methods derived from metric studies of information. Data collection was performed on the of CNPq's Lattes Platform database, CAPES's terms of indicators, and the National Collective Catalog of Serial Publications. This research presents programs profile doctoral courses Sociology in Brazil, as well as academic background and research themes worked by two groups of sociologists investigated. The results also showed the behavior of the stock of scientific PQ1A regarding criteria for awarding grants from CNPq research productivity, as well as the scientific production of graduates compared to the criteria of the CAPES evaluation system.

**Key words:** Scientific production. Scientific communication. Brazilian Sociology. CAPES – Evaluation criteria. CNPq – Evaluation criteria. Scientific field. Reputation System Science.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1	Organização da pesquisa	29
Figura 2	Ilustração da teoria do campo científico	33
Figura 3	Modelo teórico do sistema de reputação da ciência	40
Figura 4	Modelo do fluxo da informação científica de Garvey e Griffith	54
Figura 5	Distribuição geográfica dos programas brasileiros de pós-graduação com cursos de doutorado em sociologia	101

**LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1	Distribuição dos programas brasileiros de pós-graduação com cursos de doutorado em sociologia por unidade da federação	102
Gráfico 2	Diferenciais de gênero dos bolsistas e egressos do campo da sociologia	107
Gráfico 3	Distribuição por região geográfica dos programas onde atuam os bolsistas PQ1A e os egressos do campo da sociologia	109
Gráfico 4	Áreas de pesquisa dos bolsistas PQ1A e dos egressos do campo da sociologia	116

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1	Perspectiva simbólica e organizacional dos campos científicos	45
Quadro 2	Síntese da teoria dos campos científicos	47
Quadro 3	Síntese da teoria do <i>habitus</i>	48
Quadro 4	Síntese da teoria do capital científico	49
Quadro 5	Critérios de avaliação dos programas de pós-graduação na trienal 2010	71
Quadro 6	Subcritérios e pesos para avaliar a produção científica na trienal 2010	71
Quadro 7	Estratos para classificação dos livros na trienal 2010	74
Quadro 8	Estratos Qualis para classificação dos periódicos na trienal 2010	76
Quadro 9	Critérios vigentes para a concessão de bolsas de produtividade em pesquisa	79
Quadro 10	Sistematização dos critérios de avaliação da produção científica da CAPES e CNPq	80
Quadro 11	Mapa da revisão de literatura	82
Quadro 12	Cursos de doutorado na grande área das Ciências Humanas	90
Quadro 13	Especialidades dos sociólogos analisados	117

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Distribuição dos programas de pós-graduação brasileiros com cursos de doutorado em sociologia reconhecidos pela CAPES na trienal 2010	99
Tabela 2	Caracterização da idade dos programas de pós-graduação com cursos de doutorado em sociologia, durante o período de 1971 a 2011	102
Tabela 3	Distribuição dos programas por escala de avaliação atribuída pela CAPES na trienal 2010	103
Tabela 4	Distribuição dos programas por escala de avaliação atribuída pela CAPES na trienal 2010, segundo a região geográfica	104
Tabela 5	Distribuição dos docentes por programa de pós-graduação com cursos de doutorado por Estado da federação	105
Tabela 6	Distribuição da produção científica por programa de pós-graduação com cursos de doutorado	106
Tabela 7	Programas de pós-graduação onde os bolsistas e os egressos exercem suas atividades acadêmicas	108
Tabela 8	Características da trajetória acadêmica na graduação dos bolsistas PQ1A e egressos do campo da sociologia no Brasil, segundo curso de graduação, IES e ano de conclusão do curso	111
Tabela 9	Características da trajetória acadêmica no mestrado dos bolsistas PQ1A e egressos do campo da sociologia no Brasil, segundo curso no mestrado, IES e ano de conclusão do curso	112
Tabela 10	Características da trajetória acadêmica no doutorado dos bolsistas PQ1A e egressos do campo da sociologia no Brasil, segundo curso no doutorado, IES e ano de conclusão do curso	114
Tabela 11	Distribuição da produção científica dos bolsistas PQ1A do campo da sociologia no triênio 2007-2009	119
Tabela 12	Produção científica nacional e estrangeira dos bolsistas PQ1A do campo da sociologia no triênio 2007-2009	121
Tabela 13	Produção científica dos bolsistas PQ1A do campo da sociologia por estrato Qualis de periódicos no triênio 2007-2009	123

Tabela 14	Distribuição da produção científica dos egressos do campo da sociologia no triênio 2007-2009	125
Tabela 15	Produção científica nacional e estrangeira dos egressos do campo da sociologia no triênio 2007-2009	127
Tabela 16	Produção científica dos egressos do campo da sociologia por estrato Qualis de periódicos no triênio 2007-2009	128

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

A&HCI	Arts and Humanities Citation Index
ABC	Academia Brasileira de Ciência
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCN	Catálogo Coletivo Nacional
CEBRAP	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
CEDEC	Centro de Estudos e Educação Contemporânea
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CTC-ES	Conselho Técnico-Científico da Educação Superior
FAPS	Fundação de Amparo às Pesquisas
FI	Fator de Impacto
FUFSE	Fundação Universidade Federal de Sergipe
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituição de Ensino Superior
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
ISI	Institute for Scientific Information
IUPERJ	Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro
JCR	Journal Citation Reports
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEC	Ministério da Educação
PPG	Programa de Pós-graduação
PPGCS	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais
PPGS	Programa de Pós-graduação em Sociologia
PQ	Produtividade em Pesquisa

PUC MG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PUC SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SBS	Sociedade Brasileira de Sociologia
SCI	Science Citation Index
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SNPG	Sistema Nacional de Pós-Graduação
SSCI	Social Sciences Citation Index
UCAM	Universidade Cândido Mendes
UDF	Universidade do Distrito Federal
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná



UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNIARA	Centro Universitário de Araraquara
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	20
1.1	JUSTIFICATIVA	22
1.2	PROBLEMA	23
1.3	PRESSUPOSTOS	24
1.4	OBJETIVO GERAL	25
1.4.1	<b>Objetivos específicos</b>	25
1.5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
1.6	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	27
2	<b>O CAMPO CIENTÍFICO E A ORGANIZAÇÃO DA CIÊNCIA</b>	30
2.1	AS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU	30
2.1.1	<b>A teoria dos campos científicos</b>	31
2.1.2.	<b>A noção de <i>habitus</i></b>	35
2.1.3	<b>A teoria do capital científico</b>	36
2.2	AS CONTRIBUIÇÕES DE RICHARD WHITLEY	38
2.2.1	<b>A teoria do sistema de reputação da ciência</b>	39
2.3	A SÍNTESE DAS TEORIAS DE BOURDIEU E WHITLEY	43
3	<b>PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INDICADORES DE AVALIAÇÃO</b>	52
3.1	A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	52
3.2	OS INDICADORES DE AVALIAÇÃO CIENTÍFICA	56
3.3	ESTUDOS MÉTRICOS DA INFORMAÇÃO	62
4	<b>OS INDICADORES DE AVALIAÇÃO NO CAMPO DA SOCIOLOGIA</b>	67
4.1	A CAPES	68
4.1.1	<b>A avaliação dos livros</b>	72
4.1.2	<b>A avaliação dos periódicos</b>	75
4.2	O CNPq	77
4.3	A EXPECTATIVA DA CAPES E DO CNPq NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA	79

5	<b>PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA LITERATURA</b>	81
5.1	BOURDIEU E WHITLEY NOS ESTUDOS DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA	83
5.2	ESTUDOS DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS	86
6	<b>PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA SOCIOLOGIA BRASILEIRA</b>	90
6.1	A METODOLOGIA	90
6.1.1	<b>A abrangência da pesquisa</b>	90
6.1.2	<b>O universo</b>	92
6.1.3	<b>As fontes de dados</b>	93
6.1.4	<b>Os procedimentos adotados para a coleta de dados</b>	96
6.1.5	<b>A análise dos dados</b>	97
6.2	OS RESULTADOS DA PESQUISA	98
6.2.1	<b>Perfil dos programas e cursos de doutorado em sociologia</b>	98
6.2.2	<b>Perfil e trajetória acadêmica dos sociólogos</b>	107
6.2.3	<b>A produção científica dos sociólogos</b>	118
7	<b>DISCUSSÃO E ANÁLISE</b>	130
8	<b>CONCLUSÃO</b>	140
	<b>REFERÊNCIAS</b>	143
	<b>APÊNDICES</b>	154

## 1 INTRODUÇÃO

Robert Merton foi um dos primeiros a se interessar pela ideia de que a ciência constitui um tipo específico de organização. Sua tese de doutoramento *Science, technology and society in seventeenth century England* defendida em 1935 e publicada em 1938 é um dos marcos da sociologia da ciência. A partir da década de 1960, ao lado de Eugene Garfield e Derek de Solla Price, a contribuição de Merton foi decisiva para o surgimento e a consolidação dos estudos quantitativos da ciência. (BONITZ, 1995).

A concepção da ciência como organização que controla o desempenho do trabalho científico também pode ser entendida por meio da teoria desenvolvida pelo pesquisador britânico Richard Whitley para compreender o sistema de reputação da ciência. Whitley, assim como Pierre Bourdieu argumentam que a conquista de reputação, isto é, de capital científico dentro do campo está relacionada à capacidade do pesquisador em atender de forma competente aos critérios de avaliação existentes no interior das organizações científicas.

De acordo com a teoria do sistema de reputação, as disciplinas acadêmicas possuem estruturas organizacionais que possibilitam compreender a forma pela qual a ciência se diferencia das demais atividades sociais, concebendo-a como um tipo particular de organização que exerce o controle da atividade científica por meio de regras e normas que validam, por sua vez, o tipo de produção científica valorada no seio do campo. (WHITLEY, 2000).

A produção intelectual dos pesquisadores de determinado campo científico é comunicada pelos canais de comunicação formais e informais da ciência. Como afirmam Garvey e Griffith, (2010); Ziman (1979), Meadows (1999), Targino (2000) e Mueller (2000, 2005), o conhecimento científico só se torna legítimo quando é analisado e aceito pelos pares-concorrentes, após sua publicação nos canais de comunicação científica. Conforme argumenta Whitley (2000), os canais formais podem ser considerados como aqueles de ampla divulgação e de maior facilidade na recuperação de informações e são os principais meios pelos quais a ciência controla a concessão de reputação dentro do campo.

Assim, a presente pesquisa pretende contribuir para ampliar os estudos sobre produção científica, ao buscar compreender como funciona o sistema que auferir prestígio e reputação aos pesquisadores brasileiros, em especial aos

pesquisadores do campo da sociologia. Além disso, estudos desta natureza podem contribuir para testar a veracidade de algumas ideias amplamente generalizadas na ciência, a exemplo do princípio de que os bolsistas de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) são os mais produtivos dentro de um campo do conhecimento ou a premissa de que os livros são os veículos de comunicação mais utilizados pelos pesquisadores das ciências humanas para comunicarem os resultados de suas pesquisas.

Nesse contexto, acredita-se que o sistema de reputação da ciência brasileira que concede bolsas de pesquisas, prêmios, reconhecimento científico-acadêmico, bem como outras regalias previstas na política científica nacional, estejam representadas nas normas de produtividade científica estabelecidas pelo CNPq e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sobretudo no que diz respeito aos critérios de avaliação da produção científica.

Por conseguinte, o objetivo da pesquisa é observar o campo da sociologia brasileira para avaliar se existe relação de causa e efeito entre as regras de seu sistema de reputação e a efetiva produção científica dos pesquisadores. Para atingir este fim, decidiu-se mapear a produção científica dos pesquisadores que recebem bolsa de produtividade em pesquisa (PQ), da modalidade 1, nível A do CNPq e a produção científica dos doutores egressos que atuaram como docentes permanentes em Programas de Pós-graduação em sociologia (PPGs) ou Programa de Pós-graduação em ciências sociais (PPGCS), no período entre 2007 e 2009. Comparando esses dados com os critérios que governam o sistema de reputação e auferem prestígio aos pesquisadores da sociologia acredita-se possível responder ao problema formulado por este estudo.

Por causa das características do fenômeno analisado, desenvolveu-se uma pesquisa descritiva e documental aplicando métodos quantitativos e qualitativos derivados dos estudos métricos da informação. A coleta de dados realizou-se em bases de dados como a Plataforma Lattes do CNPq, cadernos de indicadores da CAPES e o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN).

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Os estudos sobre produção científica contribuem para a realização de sínteses sobre a ciência, evidenciando padrões de comportamentos de pesquisadores que atuam em diferentes campos do conhecimento científico. Na ciência da informação, acredita-se que estudos dessa natureza trazem significativas contribuições para o campo, especialmente para os estudos métricos da informação, cuja tônica é amplamente discutida.

Entretanto, os estudos de produção científica encontrados na literatura quase sempre focam os aspectos quantitativos da produção sem apresentarem análises contextuais e epistemológicas resultantes das relações de domínio presentes no mundo científico.

Nesse sentido, acredita-se que uma das principais contribuições da pesquisa esteja relacionada ao fato de se buscar extrapolar a simples contabilidade da produção científica, investindo-se esforços para a adoção de um referencial teórico capaz de contribuir para entender as relações de dominação e de poder que ocorrem nas cenas e nos discursos científicos ocasionados pelas disputas de capitais simbólicos. (BOURDIEU, 1983, 2001, 2004).

Assim, considera-se que esta pesquisa não só corrobora para ampliar os estudos sobre produção científica no campo da ciência da informação, como também traz novas perspectivas sobre esses estudos ao se buscar constatar se existe relação de causalidade entre os critérios que governam o sistema de reputação dentro dos campos científicos e a efetiva produção dos seus pesquisadores. Esta pesquisa certamente contribui para aperfeiçoar o delineamento de futuros estudos que tratem sobre o mapeamento da produção científica em diferentes campos do saber.

Em face da importância e tradição da sociologia para o campo das ciências humanas, bem como da escassez de pesquisas que tratem sobre produção científica nesse campo optou-se por realizar esta pesquisa na sociologia, proporcionando-se melhor entendimento sobre esse campo por meio da análise da produção científica dos sociólogos investigados. (Quadro 11).

## 1.2 PROBLEMA

Estudos desenvolvidos no âmbito da sociologia da ciência têm se dedicado a investigar a ciência como uma organização que exerce o controle das atividades científicas pelo estabelecimento de metas de desempenho científico. Assim, o sistema que concede reputação acadêmica aos pesquisadores se baseia no controle organizacional do campo científico, o qual é exercido por meio do estabelecimento de padrões de trabalho, controle de metas científicas e formalização dos padrões de comunicação científica. (WHITLEY, 2000).

Acredita-se que a conquista de reputação e reconhecimento acadêmico-científico de um pesquisador esteja relacionada à sua capacidade de desempenhar suas atividades científicas dentro dos parâmetros de controle organizacional do campo, expressos nas regras de funcionamento de uma disciplina científica. Essas regras, por sua vez, estão estruturadas em torno da produção científica como produto tangível da ciência. (ZIMAN, 1979). A produção científica é um dos principais meios pelos quais os pesquisadores conquistam seu reconhecimento social, segundo a perspectiva de Robert Merton (1974); seu capital científico segundo a perspectiva de Pierre Bourdieu (1983, 2001, 2004) ou sua reputação acadêmica segundo a ótica de Richard Whitley (2000), entre outros sociólogos da ciência como Hagstrom (1965) e Latour (2000).

Diante desta ideia, amplamente defendida pelos citados sociólogos da ciência, de que o prestígio de um pesquisador está relacionado ao reconhecimento de sua produção científica frente aos sistemas de controle legitimamente reconhecidos pelos pares-concorrentes, decidiu-se por investigar esta relação e optou-se por estudá-la no campo científico da sociologia brasileira.

Assim, o problema de pesquisa está delineado da seguinte forma: existe relação de causalidade entre as regras do sistema de reputação da sociologia no Brasil, representadas de acordo com as normas do CNPq e da CAPES e a efetiva produção científica de seus pesquisadores produzida entre 2007-2009?

### 1.3 PRESSUPOSTOS

Muitas das normas sobre o funcionamento da ciência estão contidas em manuais científicos que formaram diferentes gerações de pesquisadores. Ao longo do tempo, essas normas se incorporaram e se consolidaram nas práticas científicas, de modo a fazer parte dos discursos oficiais e/ou institucionais da ciência. Portanto, essas normas são quase sempre difíceis de serem contestadas e, para efeito da presente pesquisa, considerando-se a incapacidade de discuti-las exatamente pelo limitado tempo que caracteriza um curso de mestrado, foram adotadas como valor de verdade e influenciaram em todo o desenvolvimento do estudo.

Assim, o primeiro pressuposto da pesquisa parte da ideia de que o sistema que atribui ou auferre reputação aos pesquisadores da sociologia garantindo-lhes acesso aos recursos financeiros, prêmios e outras regalias do campo acadêmico está ou deveria estar representado pelos critérios de avaliação estabelecidos pelo CNPq e pela CAPES. Esses critérios, especialmente aqueles voltados para avaliar a produção científica, representam o sistema de reputação do campo da sociologia, por serem critérios de aferição de valor e prestígio dentro do campo que possibilita aos agentes e às instituições maior reputação acadêmica.

O segundo pressuposto está relacionado ao fato de que em um campo do conhecimento cujos critérios de aferição de reputação acadêmica sejam altamente prestigiados e reproduzidos pelos pesquisadores, é de se esperar que a produção científica dos bolsistas PQ1A, considerados pelo CNPq como os mais produtivos de um campo, reflita de maneira bastante acentuada os critérios de avaliação da produção científica estabelecidos pelo CNPq.

O terceiro pressuposto parte da ideia de que os egressos, por atuarem em programas de pós-graduação e terem alcançado o primeiro momento de suas carreiras acadêmicas, quando é maior a luta pelo acúmulo de capital científico e reputação acadêmica, a sua produção deveria reproduzir eficientemente os critérios de avaliação da produção científica estabelecidos pela CAPES.

O quarto pressuposto corresponde à ideia amplamente disseminada na literatura de que o livro é o principal canal formal da produção científica utilizado pelos pesquisadores das ciências humanas, inclusive da sociologia, para comunicarem os seus resultados de pesquisas.

O quinto pressuposto está relacionado ao fato de se acreditar que a



produção científica no campo da sociologia é frequentemente publicada em idioma nacional pelo interesse dos seus pesquisadores de investigarem problemáticas de pesquisa de âmbito local, sem pretensões de investigarem questões de ordem internacional, tal como acontece, com maior regularidade, no campo das ciências exatas e naturais.

Por fim, o sexto pressuposto corresponde à ideia de que os sociólogos, assim como os demais pesquisadores do campo das ciências humanas, publicam, com maior frequência, sob a forma de autoria única, sobretudo nos canais formais da comunicação científica, a exemplo de livros e artigos de periódicos científicos. Esse aspecto da produção está relacionado, portanto, à baixa rede de colaboração científica nesse campo do conhecimento científico.

#### 1.4 OBJETIVO GERAL

Analisar as possíveis relações entre os critérios de avaliação da produção científica estabelecidos pelo CNPq e pela CAPES e a efetiva produção intelectual dos pesquisadores do campo da sociologia no Brasil.

##### 1.4.1 **Objetivos específicos**

- a) Levantar os critérios utilizados pelo CNPq e pela CAPES para avaliar a produção científica dos pesquisadores no campo da sociologia no Brasil.
- b) Mapear a produção científica dos bolsistas PQ1A da sociologia comparando-a com os critérios utilizados pelo CNPq para a concessão de bolsas de produtividade em pesquisa.
- c) Identificar a produção científica dos doutores egressos da sociologia confrontando-a com os critérios utilizados pela CAPES para avaliar a produção intelectual dos docentes dos programas de pós-graduação.

## 1.5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Realizou-se pesquisa descritiva e documental, na qual se buscou estabelecer possíveis relações entre os critérios de avaliação da produção científica estabelecidos pelo CNPq e CAPES e a efetiva produção intelectual dos sociólogos no triênio 2007-2009. Para tanto, adotou-se o uso de métodos quantitativos e qualitativos derivados dos estudos métricos da informação.

Para atingir ao primeiro objetivo específico desta investigação, realizou-se pesquisa documental nos endereços eletrônicos dos portais do CNPq e da CAPES mapeando-se os critérios adotados pelas citadas agências de fomento para avaliar a produção científica dos pesquisadores do campo da sociologia no Brasil.

No sítio do CNPq<sup>1</sup> pesquisaram-se os critérios adotados pelo Comitê de Assessoramento da sociologia para selecionar candidatos a bolsistas de produtividade em pesquisa da categoria 1, nível A. Esses pesquisadores foram selecionados por terem galgado o maior, se não um dos mais elevados degraus possíveis da escala de progressão funcional constante nos critérios do CNPq. Conforme argumenta Bourdieu (1983, 2001, 2004), esses seriam os pesquisadores dominantes do campo que exercem, através do *habitus*, forte controle sobre os mecanismos constitutivos de uma disciplina científica.

No sítio da CAPES<sup>2</sup> realizou-se pesquisa documental no relatório de avaliação e no documento de área da sociologia relativo ao triênio 2007-2009, de forma a identificar os critérios utilizados no campo, para avaliar a produção científica dos docentes pertencentes aos programas de pós-graduação.

Para alcançar o segundo objetivo específico da dissertação identificaram-se os bolsistas PQ 1A, cujas bolsas estavam em situação ativa na base de dados do CNPq, referente ao ano de 2011, e, de posse desses dados, pesquisou-se o currículo desses pesquisadores na Plataforma Lattes, o que permitiu traçar as suas trajetórias acadêmicas e suas produções científicas.

Para atingir o terceiro objetivo específico caracterizaram-se os pesquisadores egressos dos doutorados em sociologia, os quais estão vinculados como docentes permanentes nos programas de pós-graduação do campo e,

---

<sup>1</sup> <http://www.cnpq.br/cas/ca-cs.htm#critérios>. Acesso em: 23 abr. 2011.

<sup>2</sup> <http://www.capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4684-sociologia>. Acesso em: 20 abr. 2011.

posteriormente, identificou-se a trajetória acadêmica e a produção científica de cada um deles, por intermédio de pesquisa na Plataforma Lattes do CNPq.

No que se refere à construção da estrutura teórica da dissertação, realizou-se primeiramente ampla pesquisa retrospectiva nos anais dos últimos cinco anos do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Enancib) sobre produção e avaliação científica no campo das ciências humanas e sociais aplicadas. Paralelamente pesquisou-se nas seguintes fontes: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), da Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), como também no portal de periódicos da CAPES que possibilitou amplo acesso a um número significativo de periódicos científicos qualificados, pertencentes às diferentes áreas do conhecimento. Consultou-se também a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI).

Quanto ao acesso à literatura estrangeira não disponível no portal de periódicos da CAPES, buscou-se a sua aquisição, pela compra direta (importação) nas livrarias localizadas na cidade de Salvador (BA). Um exemplo foi a aquisição do título: *The Intellectual and Social Organization of the Sciences*, de autoria de Richard Whitley, a qual contribuiu para fundamentar a construção teórica do trabalho, à medida que possibilitou melhor compreensão sobre o modelo teórico do sistema de reputação da ciência.

No sexto capítulo da dissertação o leitor encontra os resultados da pesquisa como também todo o detalhamento da metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados empíricos.

## 1.6 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Ao dar prosseguimento à leitura da dissertação, o leitor encontra a pesquisa estruturada em oito capítulos, distribuídos da seguinte forma.

No primeiro capítulo esboça-se breve introdução sobre o tema estudado, na qual se apresenta a justificativa, a pergunta de partida, norteadora do desenvolvimento do estudo, os pressupostos, os objetivos, a breve explanação sobre os procedimentos metodológicos e a organização dos capítulos da dissertação.

O segundo capítulo traz as teorias de campo científico, *habitus* e capital

científico de Pierre Bourdieu necessárias a discussão dos aspectos simbólicos das relações de força e de dominação que ocorrem nas cenas, nos discursos e nas práticas científicas dos pesquisadores e a teoria do sistema de reputação da ciência criada por Richard Whitley, a qual analisa o campo científico em perspectiva mais organizacional.

O terceiro capítulo discute a comunicação científica, o surgimento dos indicadores científicos e as contribuições de Merton, Price e Garfield para os estudos quantitativos da ciência. No decorrer da argumentação, são apresentadas também as principais técnicas utilizadas nos estudos métricos da informação.

O quarto capítulo mostra como se estrutura o sistema de atribuição de reputação no campo da sociologia brasileira. Nesse capítulo, são apresentados os critérios utilizados pela CAPES na trienal 2010 para avaliar os programas de pós-graduação da sociologia, bem como os critérios vigentes no CNPq para selecionar candidatos a bolsista de produtividade em pesquisa.

No quinto capítulo, apresentam-se e analisam-se trabalhos correlatos encontrados na revisão de literatura, os quais tratam de produção científica no campo das ciências humanas e sociais aplicadas. Esse capítulo mostra, dentre outras coisas, qual é a real contribuição da pesquisa para a literatura e sua diferença em relação às pesquisas anteriormente realizadas.

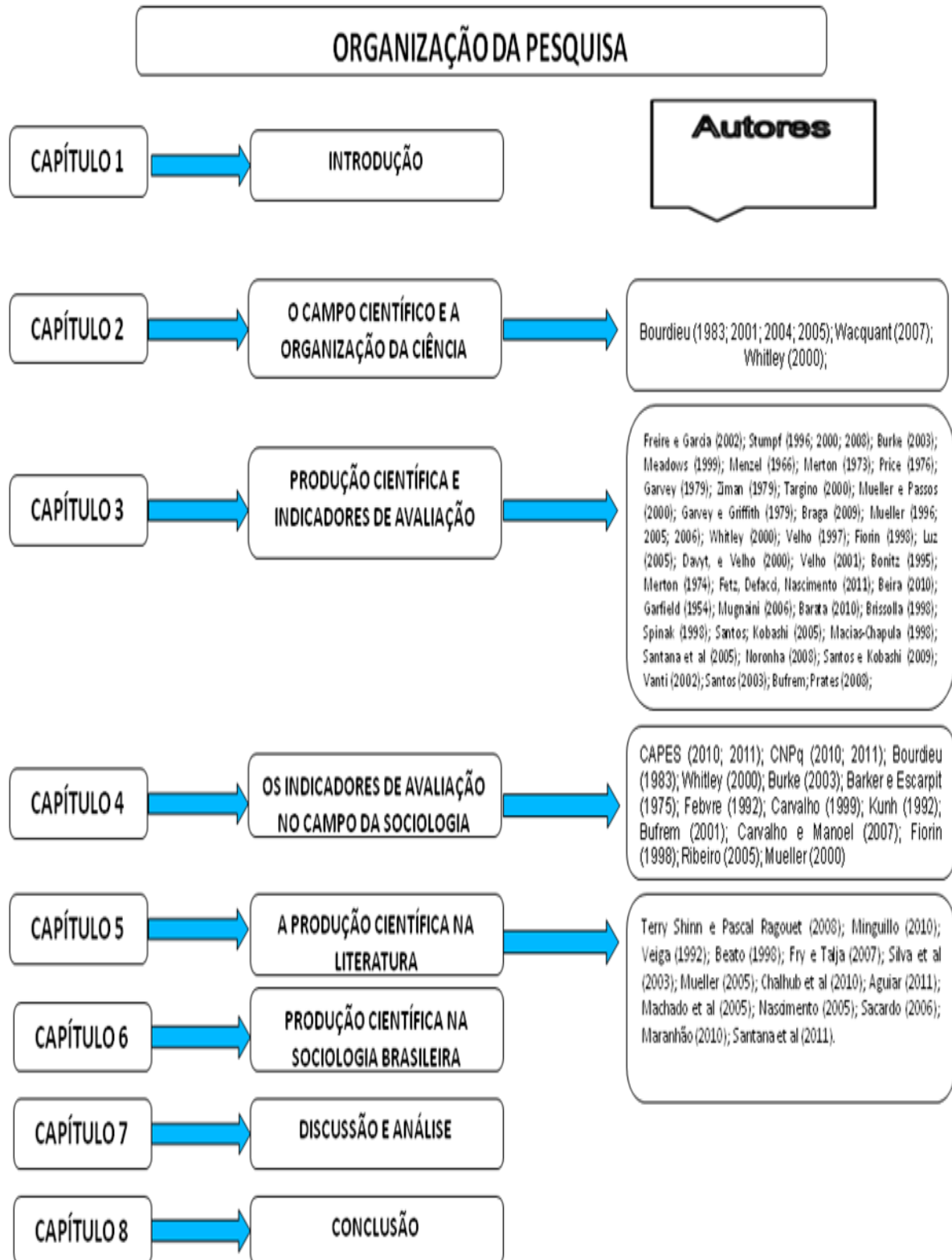
No sexto capítulo se apresenta detalhadamente a metodologia utilizada para a realização da pesquisa e os resultados alcançados com a coleta de dados obtida em pesquisa documental. No primeiro momento, apresentam-se dados sobre o perfil dos programas de pós-graduação com cursos de doutorado em sociologia no Brasil e, posteriormente, esboçam-se informações sobre a trajetória acadêmica e sobre a produção intelectual dos bolsistas PQ1A e dos egressos que compuseram o universo de pesquisa desta investigação.

No sétimo capítulo analisam-se e discutem-se os dados empíricos à luz do referencial teórico, da revisão de literatura e dos critérios de avaliação da produção científica do CNPq e da CAPES.

Por fim, no oitavo capítulo, encontram-se as principais conclusões. Posteriormente elencam-se as referências utilizadas para desenvolver a pesquisa, bem como os apêndices desta investigação.

A Figura 1 ilustra a configuração do estudo.

**Figura 1** – A organização da pesquisa



**Fonte:** Elaboração do autor.

## 2 O CAMPO CIENTÍFICO E A ORGANIZAÇÃO DA CIÊNCIA

O intelectual não fala no vazio, para si mesmo, fala para uma comunidade de vozes. Deseja que as pessoas o tenham em conta, que seja ouvido, imitado, que se publique seu trabalho, que lhe rendam homenagens e que lhe concedam prêmios. (LOUREIRO, 2008, p. 8).

Este capítulo traz as contribuições teóricas de dois grandes sociólogos da ciência que analisaram o campo científico sob as perspectivas simbólicas e organizacionais. No primeiro momento, apresentam-se e analisam-se os conceitos de campo científico, *habitus* e capital científico formulado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, que oferece perspectiva compreensiva sobre todo o complexo de ações que ocorrem na cena científica, nos discursos, nas políticas e na prática científica dos pesquisadores. No segundo momento, discute-se a teoria do sistema de reputação da ciência criada pelo pesquisador britânico Richard Whitley, cuja análise do campo científico se faz sob o enfoque organizacional da ciência.

### 2.1 AS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU

Pierre Bourdieu pode ser considerado um dos maiores intelectuais de sua geração. Formado no meio parisiense dos anos 50 e 60 do século XX, pertence à geração de Lévi-Strauss, Althusser e Foucault.

O conjunto de sua obra contribui para ampliar a compreensão sobre os diferentes campos sociais como a literatura, filosofia, educação, política e arte. Além da análise desses campos sociais, Pierre Bourdieu dedicou-se ao estudo do campo da sociologia da ciência e publicou diversas obras, as quais buscaram abranger a complexa rede de relações existentes entre os agentes e instituições que integram os campos científicos.

Para Bourdieu, o desenvolvimento científico não ocorre por meio de uma comunidade de pesquisadores voltados para a busca do bem comum e da verdade, pois “todos conhecem a verdade das práticas científicas” (BOURDIEU, 2001, p. 108), a qual está pautada em relações de conflitos e disputas pela hegemonia de poder dentro do campo.

No intuito de desvelar as práticas científicas que se estabelece entre os agentes, Pierre Bourdieu elaborou uma rede de conceitos, a exemplo de campo científico, *habitus* e capital científico que ao se articularem entre si tornam-se importantes ferramentas teóricas e metodológicas que possibilitam compreender as regras que estão em jogo dentro dos campos científicos.

Os três conceitos citados foram estudados e discutidos nesta dissertação a partir da leitura e análise de três grandes obras de autoria de Pierre Bourdieu, a saber: (1) Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico; (2) Pierre Bourdieu: sociologia e (3) Para uma sociologia da ciência.

O primeiro livro decorre da tradução para o português de uma conferência organizada pelo grupo *Science en Questions* e pelo *Institut National de Recherche Agronomique*, publicado pela editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no qual Bourdieu discute as teorias de campo científico, capital científico e *habitus*.

A segunda obra corresponde a um capítulo do livro intitulado: *O campo científico*, publicado em uma coletânea organizada pelo sociólogo Renato Ortiz e coordenada por Florestan Fernandes, o qual aborda especificamente questões relacionadas ao campo científico.

Por fim, estudou-se o livro intitulado *Para uma sociologia da ciência*, que corresponde a um curso realizado por Bourdieu no *Collège de France*, no período 2000-2001, publicado pela Edições 70, no qual o teórico realiza uma sistematização da sociologia da ciência por acreditar que a autonomia da ciência está sob permanente ameaça.

### **2.1.1 A teoria dos campos científicos**

A necessidade de refletir sobre a estrutura da sociedade e o papel dos sociólogos levou Bourdieu a criar algumas teorias, a exemplo do conceito de campo, central em sua obra, podendo se chamar sociologia do campo intelectual ou sociologia dos campos da produção de bens simbólicos.

Para Bourdieu, a gênese do campo está relacionada à necessidade de superação entre duas visões antagônicas “[...] frequentemente considerados como irreduzíveis entre as interpretações que podem ser chamadas internalistas ou internas e aquelas que se podem chamar de externalistas ou externas [...]” (BOURDIEU, 2004, p. 19).

A visão interna acreditava que para se compreender um campo bastava ler os textos produzidos pelos seus agentes enquanto a visão externa defendia a necessidade de relacionar os textos aos contextos sociais nos quais foram produzidos.

De acordo com Bourdieu, entre esses dois polos existem um universo intermediário que o teórico chama de campo, isto é, um microcosmo relativamente autônomo dotado de leis próprias de funcionamento, “[...] no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência [...]” (BOURDIEU, 2004, p. 20). O campo se constitui, portanto, como um mundo social como outro qualquer, que obedece a leis sociais mais ou menos específicas.

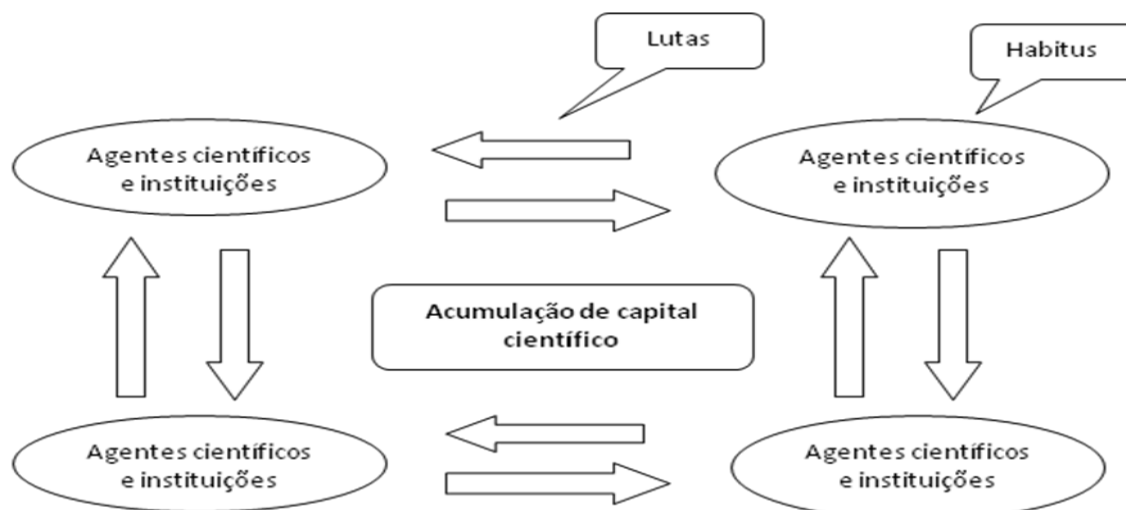
Dentre os diversos estudos sobre os campos sociais, em 1975, Bourdieu inicia pesquisas sobre o campo de produção restrito e particular que o autor denominou de campo científico, ao publicar o artigo *La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison*, que se configura, para Bonnewitz (2003), como o marco do rompimento de Bourdieu com a tradição da sociologia da ciência e sua visão conciliadora da comunidade científica, pois “[...] falar de campo significa romper com a ideia de que os cientistas formam um grupo unificado ou até homogêneo.” (BOURDIEU, 2001, p. 67). Assim, o campo científico remete à ideia de um espaço simbólico marcado por relações de força, lutas e conflitos entre os agentes. Deste modo,

O campo científico é sempre o lugar de uma luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico que o conjunto dos concorrentes produz pela sua colaboração objetiva ao colocarem em ação o conjunto dos meios de produção científicos disponíveis. (BOURDIEU, 1983, p. 136).

O campo científico se estrutura a partir das relações objetivas entre os diferentes agentes, os quais são as próprias fontes do campo, sem haver, portanto, razão de existência do campo científico sem os agentes científicos que os compõem. Nesse sentido, o campo científico é um espaço simbólico e estruturado de produção de conhecimento, onde os agentes e as instituições, dotadas de *habitus* específicos que lhes permite obter o sentido do jogo, estão em permanente luta concorrencial pelo acúmulo de maior capital científico. (Figura 2).



**Figura 2** – Ilustração da teoria do campo científico



**Fonte:** Elaboração do autor com base na leitura e interpretação de Bourdieu (1983; 2001; 2004).

Como se pode perceber, toda a luta concorrencial entre os agentes e as instituições ocorre no seio do campo científico que como os demais campos sociais, é dotado de autonomia e é relativamente independente das pressões do mundo social que o envolve.

Bourdieu (2004) diz que o grau de autonomia de um campo científico pode ser medido pelo seu poder de refração ou de retradução, ou seja, quanto mais autônomo for um campo científico, em virtude do estabelecimento de normas específicas devidamente legitimadas entre os agentes nele inseridos, maior será a sua capacidade de transformar as pressões sociais em questões específicas a serem investigadas dentro da perspectiva científica.

Quanto mais um campo é heterônomo, mais a concorrência é imperfeita e é mais lícito para os agentes fazer intervir forças não-científicas nas lutas científicas. Ao contrário, quanto mais um campo é autônomo e próximo de uma concorrência pura e perfeita, mais a censura é puramente científica e exclui a intervenção de forças puramente sociais (argumento de autoridade, sanções de carreira, etc) e as pressões sociais assumem a forma de pressões lógicas, e reciprocamente: para se fazer valer aí, é preciso fazer valer razões: para aí triunfar, é preciso fazer triunfar argumentos, demonstrações e refutações. (BOURDIEU, 2004, p. 32).

Por conseguinte, o maior grau de autonomia de um campo do conhecimento garante uma estrutura de relações objetivas pela qual os agentes científicos

disputam “[...] pontos de vista, intervenções científicas, lugares de publicação, temas, e objetivos [...]. (BOURDIEU, 2004, p. 23).

Nesse sentido, todas as escolhas científicas realizadas no interior dos campos estão sempre orientadas para aquisição de prestígio e de reconhecimento científico para o pesquisador, inclusive, no que tange à escolha dos canais de comunicação, por meio dos quais se veicula a produção científica.

Não há escolha científica – do campo da pesquisa, dos métodos empregados, do lugar de publicação, ou ainda, escolha entre uma publicação imediata de resultados parcialmente verificados e uma publicação tardia de resultados plenamente controlados – que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares – concorrentes. (BOURDIEU, 1983, p. 126).

Logo, todas as estratégias concebidas dentro do campo científico são orientadas para a aquisição de autoridade científica que corresponde à “[...] capacidade técnica e poder social, ou o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 122-123).

No campo científico, os agentes terão mais sucesso à medida que conseguirem antecipar as tendências do campo. “[...] Se há um lugar onde se pode supor que os agentes agem de acordo com intenções conscientes e calculadas, segundos métodos e programas conscientemente elaborados, é certamente o domínio científico.” (BOURDIEU, 2001, p. 58). Para o teórico, esta capacidade de planejar e calcular antecipadamente as ações está relacionada à origem social e escolar elevada do agente, o qual permite a este apoderar-se de bons temas, de bons lugares de publicação e esses fatores de ordem social e escolar são determinantes nas diferenças entre as carreiras científicas. (BOURDIEU, 2004).

O conhecimento e o domínio das regras do jogo possibilita aos agentes bem posicionados poder sobre os mecanismos constitutivos do campo. Por intermédio de sua reputação acadêmica, esses agentes conseguem adquirir fundos para financiamento de pesquisas, estudantes qualificados, convites para participar de palestras e eventos. Portanto, o melhor desempenho nas disputas acadêmicas está relacionado com a capacidade dos agentes de conhecerem e reconhecerem as estruturas objetivas que estão em disputa dentro do campo, isto é, é preciso

conhecer o jogo. Esse reconhecimento se realiza pelas disposições adquiridas, às quais o teórico chama de *habitus*. (BOURDIEU, 1983).

### 2.1.2 A noção de *habitus*

O *habitus* é uma noção filosófica originada do pensamento Aristotélico de *hexis*, a qual representa a virtude e o caráter moral que orientam os sentimentos, desejos e condutas das pessoas. O termo foi utilizado pela primeira vez por Tomás de Aquino, na obra *Summa Theologiae*, com o significado de “capacidade para crescer através das atividades, ou das disposições duráveis.” Entretanto, sociólogos da geração clássica também utilizaram o termo, a exemplo de Émile Durkheim, no curso sobre *L'Évolution Pédagogique em France* e Max Weber, ao discutir sobre ascetismo religioso. A noção aparece ainda nos textos de Edmund Husserl, que designava o *habitus* como uma “[...] conduta mental entre experiências passadas e acções vindouras” e também nos escritos de Norbert Elias, que pensava em um “[...] *habitus* psíquico das pessoas civilizadas.” (WACQUANT, 2007, p. 65).

No entanto, é no trabalho de Pierre Bourdieu que se encontra a completa renovação sociológica para a noção de *habitus*. Bourdieu a utiliza como forma de “[...] reagir contra o estruturalismo e a sua estranha filosofia da ação [...]” (BOURDIEU, 2005, p. 61), que reservava papel reduzido aos agentes integrantes dos diferentes campos sociais.

Nesse sentido, o *habitus* pode ser entendido como um conjunto de disposições adquiridas pelos agentes ao longo do tempo e funcionam como uma matriz de percepções e apreciações que os orientam no cumprimento de suas tarefas e, portanto, correspondem ao “[...] princípio geral da teoria da acção” (BOURDIEU, 2001, p. 62), configurando-se como fundamentos únicos e exclusivos adquiridos pelos agentes durante a sua formação e que orientam todas as ações praticadas dentro dos campos.

Existem duas formas de *habitus*: o *habitus* disciplinar, aquele ligado “[...] à formação escolar, comum a todos os produtos do mesmo modo de geração” e o *habitus* particular, relacionado à trajetória individual do agente que ocorre fora do campo. (BOURDIEU, 2001, p. 64).

O *habitus* se caracteriza por uma aptidão social adquirida pelo agente e que pode variar de acordo com o tempo, o lugar e a distribuição de poder, a qual é

reproduzível por meio dos vários domínios da prática. No campo científico, os pesquisadores mais experientes transmitem aos novatos as suas *expertises* acadêmicas e estes últimos são os responsáveis por transmitirem os ensinamentos adquiridos com os mestres. O *habitus* pode ser considerado como durável, porém não estático ou eterno, visto que as disposições são socialmente adquiridas e estão expostas a novas (re) formulações. (WACQUANT, 2007, p. 67).

Todo *habitus*, como lembra Bourdieu (2001), consiste em uma relação dialética entre o social e o individual, visto que o agente interioriza individualmente o conjunto de regras que estão vigentes dentro do campo em suas práticas, ao tempo em que exterioriza as suas percepções e visões por meio de ações que contribuem para a (re) estruturação do campo.

A noção de *habitus* contribui para se entender a lógica de funcionamento do campo científico à medida que “[...] um cientista é a materialização de um campo científico e as suas estruturas cognitivas são homólogas à estrutura do campo.” (BOURDIEU, 2001, p. 62). Portanto, as normas e princípios que estruturam o campo científico são considerados eficazes à medida que seus agentes com elas estão familiarizados, tornando-se capazes de percebê-las, apreciá-las e cumpri-las.

A compreensão do *habitus* de um agente ocorre por meio da análise de sua trajetória individual e social. O sucesso no percurso dessa trajetória visível nos “[...] exames orais, nas exposições em seminários, nos contactos com os outros e, mais simplesmente, no aspecto físico, um porte, uma postura, que é a sua transcrição mais directamente visível” (BOURDIEU, 2001, p. 66), permite ao agente interpretar com maior rapidez o senso do jogo, ao tempo em que lhe garante elevado domínio sobre as regras do campo e a sua possibilidade de acumular capital científico está diretamente relacionada à dimensão desse domínio.

### **2.1.3 A teoria do capital científico**

Pode-se considerar o capital científico como uma espécie particular de capital simbólico, amplamente disputado pelos agentes dentro de um campo. A posse desse capital permite ao seu portador retirar-se da indiferença, do mundo obscuro e despercebido, no qual se encontram a maioria dos homens comuns. (BOURDIEU, 1983). Ao acumular capital científico, o agente faz o seu nome, isto é, busca ser conhecido e reconhecido entre os seus pares-concorrentes, pela

qualidade de sua produção científica ou pela ocupação de posições políticas importantes dentro do campo.

Há duas espécies de representação do capital científico: o capital científico puro e o capital científico temporal. O puro está relacionado ao prestígio individual do pesquisador, ou seja, ao reconhecimento de sua habilidade intelectual que “[...] repousa quase sempre exclusivamente sobre o reconhecimento, pouco ou mal objetivado e institucionalizado, do conjunto de pares ou da fração mais consagrada dentre eles.” (BOURDIEU, 2004, p. 35). Por sua vez, o temporal é o acumulado pelos agentes por meio de estratégias políticas e está quase sempre relacionado

[...] à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, direção de laboratório ou departamentos, pertencimento a comissões, comitês de avaliação, etc., e ao poder sobre os meios de produção (contratos, créditos, postos, etc) e de reprodução (poder de nomear e de fazer as carreiras) que ela assegura. (BOURDIEU, 2004, p. 35).

Essas duas espécies de capital científico possuem diferentes leis de acumulação. O capital científico puro é o acumulado normalmente pelas contribuições “[...] reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas (as publicações, especialmente nos órgãos mais seletivos e mais prestigiosos, aptos a conferir prestígio à moda de bancos de crédito simbólico)” (BOURDIEU, 2004, p. 36), enquanto o capital científico temporal é o acumulado pelo estabelecimento de estratégias políticas específicas que demandam tempo para concretizar-se, a exemplo de “[...] participação em comissões, bancas de teses e de concursos, colóquios mais ou menos convencionais no plano científico, cerimônias, reuniões.” (BOURDIEU, 2004, p. 36).

A dificuldade de acumulação dessas duas espécies de capital científico contribui para se encontrar em uma extremidade do campo os pesquisadores que possuem elevado capital científico acumulado e frágil capital temporal e, no outro extremo, os pesquisadores que possuem elevado capital temporal acumulado e frágil capital científico. A conversão de capital científico puro em capital científico temporal é muito mais difícil quando se compara, por exemplo, a conversão de capital científico temporal em capital científico puro. (BOURDIEU, 2004, p. 39).

O capital científico temporal quase sempre se associa à tecnocracia da pesquisa e é acumulado por pesquisadores que não são necessariamente os mais

competentes do ponto de vista científico e que terminam, por força do seu *habitus*, determinando os critérios de produtividade científica que influenciam o comportamento dos demais pesquisadores, sobretudo dos mais jovens, que lutam para conquistar posições dentro do campo científico.

Seja qual for o campo científico, a base de distribuição do capital científico se manifesta por intermédio de estruturas de conservação, sucessão e subversão. Em todo campo existem forças mais ou menos desiguais no que diz respeito à distribuição do capital, tais como os dominantes e os dominados. As posições dominantes dentro dos campos científicos são ocupadas por aqueles que dispõem de maior capital científico, maior celebridade e prestígio. São os dominantes que detêm o poder de impor aos outros elementos do campo a definição de ciência que melhor lhes convém e buscam manter a perpetuação da ordem científica, o que Bourdieu, em seus inúmeros textos, denomina de ordem da ciência oficial.

Os dominados, isto é, os aspirantes à consagração científica, são aqueles que possuem pouco capital científico acumulado e que buscam estabelecer estratégias de subversão por estarem interessados na mudança das regras que beneficiam os dominantes. Na tentativa de se distinguir daqueles que o precederam, os novatos buscam incorporar as ideias, os conceitos, os métodos e as teorias já produzidas e sistematizadas em uma nova construção que tenta superar as anteriores.

Assim como Pierre Bourdieu analisou a constituição dos campos científicos sob a perspectiva teórica e simbólica, discutindo as relações de poder e de dominação, Richard Whitley examinou o campo sob o enfoque mais organizacional e apresentou a teoria do sistema de reputação da ciência por meio da qual o teórico esboça os mecanismos de controle e distribuição de reputação existente dentro das disciplinas científicas.

## 2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE RICHARD WHITLEY

Richard Whitley é professor de sociologia das organizações da *Manchester Business School*, instituição na qual atua desde 1968, e durante a sua trajetória acadêmica dedicou-se aos estudos sobre a organização social e intelectual dos campos científicos.

Em 1974, publicou a obra *Social processes of scientific development*, em

que discute os elementos que particularizam as perspectivas da organização intelectual da ciência. Em 1975, Pierre Bourdieu publicou o artigo *La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison*, o qual certamente exerceu forte influência sobre os escritos de Richard Whitley, pois este publicou, em 1984, o livro *The Intellectual and Social Organization of the Sciences*. O autor estrutura a obra em capítulos e menciona explicitamente a terminologia de campo científico concebida por Pierre Bourdieu.

A obra aborda a organização social e intelectual dos campos científicos, ao mostrar, dentre outras questões, a concepção teórica do sistema de reputação da ciência e se encontra na segunda edição, publicada em 2000. O modelo teórico proposto por Whitley contribui para explicar como os campos científicos diferem uns dos outros, uma vez que são estruturados por diferentes interações de elementos intelectuais, objetos de pesquisas, teorias e dimensões sociais, isto é, fundos, reputação e sistemas de recompensas.

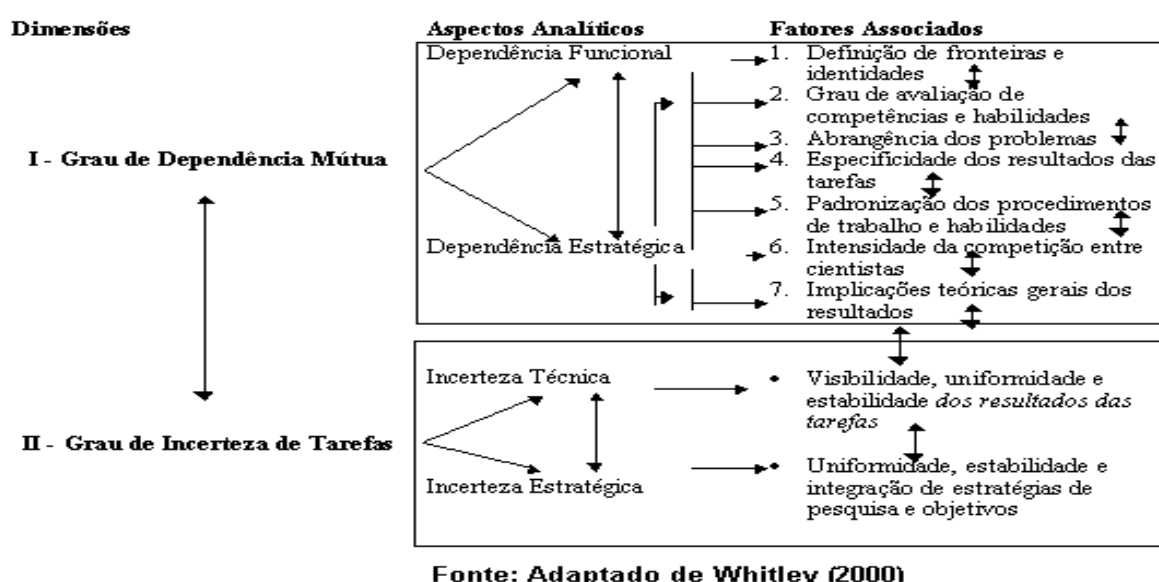
### **2.2.1 A teoria do sistema de reputação da ciência**

O modelo proposto por Whitley esboça a estrutura organizacional dos campos científicos e se baseia nos estudos de teoria organizacional desenvolvidos por Woodwar, Thompson e Perrow. (VEIGA, 1992). As estruturas organizacionais dos campos científicos são derivadas de três dimensões: a primeira delas corresponde às relações existentes entre os diferentes contextos em que ocorrem as atividades científicas. A segunda refere-se à natureza dessas atividades desempenhadas pelos cientistas e a terceira está relacionada à necessidade de coordenação dessas atividades dentro dos campos científicos. (WHITLEY, 2000).

Neste sentido, Whitley acredita que a interação entre essas três dimensões – contexto, natureza das atividades e coordenação – poderiam explicar a estrutura organizacional dos campos científicos ao permitir a análise, por exemplo, dos padrões de trabalho desenvolvidos pelos cientistas; da diversidade teórica existente no interior de um campo científico; da autonomia dos pesquisadores em relação ao controle de metas; da identidade coletiva dos pesquisadores; da formalização dos padrões de comunicação existentes no campo; da competição em torno de reconhecimento, dentre outros aspectos da atividade científica. (VEIGA, 1992, p. 55).

O modelo organizacional dos campos científicos proposto por Whitley (2000) está estruturado em duas principais dimensões: o grau de dependência mútua e o grau de incerteza de tarefas, as quais são os pilares do modelo e se desdobram em quatro aspectos analíticos que correspondem a fatores empíricos. O grau de dependência mútua desdobra-se em dois aspectos: dependência funcional e dependência estratégica enquanto o grau de incerteza de tarefas desdobra-se em incerteza técnica e incerteza estratégica.

**Figura 3** – Modelo teórico do sistema de reputação da ciência.



Conforme mostra a figura acima, a primeira dimensão do modelo teórico corresponde ao grau de dependência mútua que se refere ao controle dos resultados produzidos e das atividades desenvolvidas pelos cientistas. Essa dimensão subdivide-se em grau de dependência funcional e grau de dependência estratégica. A dependência funcional está associada a cinco fatores: (1) definição de fronteiras e identidades; (2) grau de avaliação de competência e habilidades; (3) abrangência dos problemas; (4) especificidade dos resultados das tarefas; (5) padronização dos procedimentos de trabalho e habilidades.

A definição de fronteiras e identidades corresponde ao grau de padronização no treinamento aos quais os cientistas se submeteram durante a sua formação acadêmica. Acredita-se que quanto mais elevado for o grau de padronização na formação acadêmica desses cientistas, maiores serão as estruturas de consolidação e autonomia dos campos científicos em relação às pressões externas dos demais



campos sociais, uma vez que suas fronteiras teóricas estão delimitadas e fortalecidas.

A divisão de tarefas e habilidades está associada ao grau de padronização na avaliação das competências científicas e possibilita verificar se a área possui critérios para avaliar seus pesquisadores. O elemento central dos sistemas de reputação está relacionado ao desenvolvimento de padrões de avaliação que mensure os diferentes aspectos do trabalho científico como o número de publicações científicas, as participações em congressos, a administração e coordenação de postos de direção acadêmica, as atividades editoriais, a coordenação de projetos de pesquisas.

A abrangência dos problemas de pesquisa está relacionada à identificação de um conjunto central de problemas e temas de pesquisas investigados dentro do campo.

No que diz respeito à especificidade dos resultados das tarefas, esta pode ser compreendida como a verificação da existência ou não de relação de natureza pessoal e/ou subjetiva na avaliação dos padrões de competências dos pesquisadores.

A identificação de baixo grau de dependência funcional, isto é, um inferior nível de aceitação e/ou integração do pesquisador ao conjunto de normas e procedimentos estabelecidos socialmente pelos pares se reflete na forma como os padrões de competências dos cientistas são avaliados informalmente por sistemas difusos que apresentam resultados distintos em diferentes locais e temas de pesquisas. Situações dessa natureza podem criar espaço para a formação de grupos locais de poder, em que a predominância de relações pessoais em comitês de seleção, por exemplo, sobrepõe-se à centralidade de sistemas de reputação estabelecidos universalmente.

A padronização dos procedimentos de trabalho e habilidades está relacionada à existência de um padrão de comunicação científica formal utilizada pelos pesquisadores para tornarem públicos os resultados de suas pesquisas em livros, capítulos de livros, artigos de periódicos científicos e anais de congressos científicos.

O grau de dependência estratégica está relacionado às estratégias de natureza política utilizada pelos pesquisadores para persuadir seus próprios pares a respeito da importância e relevância de sua pesquisa. Tal aspecto analítico do

modelo indica a presença de uma agenda prioritária de temas de pesquisa em face dos interesses econômicos em jogo.

São dois os aspectos associados a esses fatores: o primeiro deles corresponde à intensidade de competição existente entre os cientistas pelos escassos recursos financeiros para fomentar os seus projetos de pesquisas; o segundo está relacionado às implicações teóricas gerais dos resultados, de modo a identificar em que medida os pesquisadores prestigiados no campo científico exercem influência sobre os padrões de avaliação das competências científicas altamente compartilhadas entre os novos pesquisadores.

A segunda dimensão do modelo refere-se ao grau de incerteza de tarefas que está associado às próprias características da atividade científica, marcadas pela imprevisibilidade do impacto das descobertas científicas. Esta dimensão está subdividida em dois fatores: incerteza técnica, que corresponde à visibilidade, uniformidade e estabilidade dos resultados das tarefas e incerteza estratégica, associada à uniformidade, estabilidade e integração de estratégias de pesquisa e objetivos.

O modelo teórico do sistema de reputação da ciência traz uma série de vantagens para os diferentes estudos sobre a constituição e organização dos campos científicos. Laura da Veiga (1992, p. 56) elenca algumas dessas vantagens:

- a) torna desnecessária a classificação de atividades intelectuais em científicas ou não, ou em ciências maduras ou não, permitindo assim comparar padrões de trabalho, práticas e resultados de produção tão díspares quanto estudos literários e física moderna;
- b) impede a reificação de diferenças históricas ou contextualmente detectáveis entre campos de trabalho intelectual, pois não seriam mais tratadas como peculiaridades inexoráveis do objeto, mas como resultantes da interação entre características do objeto, do contexto e das práticas profissionais;
- c) fornece arcabouço taxonômico para situar os inúmeros aspectos das atividades de produção de conhecimento e simultaneamente sugere as interações previsíveis, o que pode ser traduzido em um sistema de proposições cuja validade possa se aferir de algum modo.

### 2.3 A SÍNTESE DAS TEORIAS DE BOURDIEU E WHITLEY

Frente ao exposto, acredita-se importante apresentar nesta seção uma síntese das principais teorias trabalhadas neste capítulo. As teorias que fundamentaram epistemologicamente esta pesquisa foram criadas por dois grandes sociólogos da ciência: Pierre Bourdieu, que analisou o campo científico numa perspectiva simbólica e Richard Whitley, que estudou o campo sob o enfoque mais organizacional da ciência. Assim, a leitura e a interpretação dessas teorias certamente trazem novos olhares que possibilitam enriquecer as análises e as discussões dos dados empíricos coletados nesta investigação.

Em Bourdieu (1983, 2001, 2004) encontra-se uma rica análise sobre a teoria do campo científico. Para o teórico, o campo científico é um espaço simbólico e estruturado de produção e (re) produção de conhecimento, onde os agentes e as instituições acadêmicas, dotadas de *habitus* próprios, ou seja, de suas formas de ver e se perceber dentro das estruturas do campo estão em permanente disputa pelo monopólio da autoridade ou do capital científico.

Para Bourdieu, a própria razão da existência dos campos científicos está pautado na crença sustentada pelos seus agentes de que vale a pena jogar o jogo das disputas acadêmicas, isto é, de que esse jogo é legítimo e que suas regras são amplamente prestigiadas pelos seus pares. A crença no sentido do jogo movimenta todas as disputas dentro do campo, sendo que o sucesso nessas lutas depende da capacidade dos agentes em internalizar e reapropriar as estruturas objetivas que estão em disputa. É esse processo que o teórico chama de *habitus*. É através do *habitus* que o agente acumula maior capital científico dentro de um campo do conhecimento científico.

O capital científico é o principal objeto das disputas científicas. É através desse capital que os agentes e as instituições deslocam-se de uma posição de obscuridade, onde se encontram a maioria dos homens comuns, para uma condição de maior visibilidade e prestígio frente aos concorrentes mais qualificados que atuam no campo.

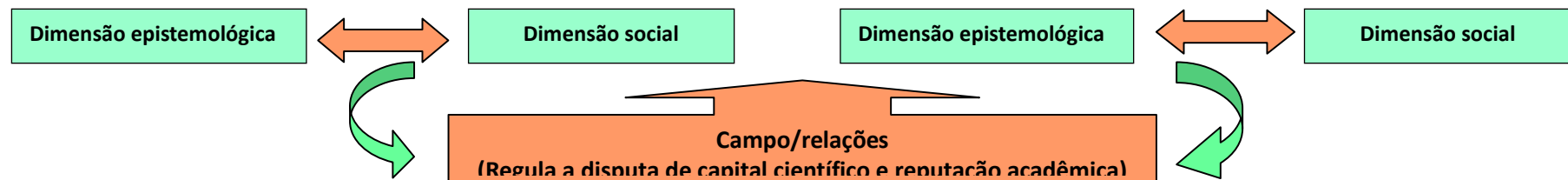
Além dos aspectos simbólicos que caracterizam todas as relações de força e de dominação que ocorrem dentro do campo científico existe também toda uma estrutura formal de critérios que controla a distribuição de capital científico e de reputação acadêmica. A estrutura organizacional da ciência foi estudada por Whitley,

que criou a teoria do sistema de reputação da ciência, que possibilita, dentre outras coisas, uma avaliação mais objetiva das atividades científicas.

Nesse sentido, a síntese de todo o referencial teórico discutido ao longo deste capítulo pode ser visualizada nos quadros 1, 2, 3 e 4 da dissertação. No Quadro 1, o leitor encontra uma síntese das dimensões epistemológica e social dos campos científicos construída com base na leitura e interpretação das obras de autoria de Pierre Bourdieu (1983, 2001, 2004) e Richard Whitley (2000).

**Quadro 1 – Perspectiva simbólica e organizacional dos campos científicos.**

CAMPO CIENTÍFICO			
Conjunto de formas e produções simbólicas			
DIMENSÃO SIMBÓLICA EM BOURDIEU (1983; 2001; 2004)		DIMENSÃO ORGANIZACIONAL EM WHITLEY (2000)	
EPISTEMOLÓGICA	SOCIAL	EPISTEMOLÓGICA	SOCIAL
<b>Campo científico</b> espaço simbólico marcado por relações de forças, lutas e conflitos.	Pesquisadores, Docentes, Discentes, Programas de Pós-Graduação, Entidades Acadêmicas, Entidades profissionais, Agências de Fomento, Periódicos Científicos, Eventos Profissionais e Científicos.	<b>Grau de dependência mútua</b> responsável pela realização do controle dos resultados produzidos e das atividades desenvolvidas pelos pesquisadores.	-está expresso no número de pesquisadores com graduação, mestrado e doutorado dentro da própria área do conhecimento; -possibilita verificar se a área possui critérios para avaliar seus pesquisadores; -identifica um conjunto central de problemas e temas de pesquisas; -pode ser aferidos pela distribuição da produção em livros, capítulos, artigos e anais de congressos; -intensidade de competição entre os cientistas pelos recursos financeiros para fomentar os seus projetos de pesquisas; -identifica em que medida os pesquisadores prestigiados no campo científico exercem influência sobre os padrões de avaliação das competências científicas.
<b>Habitus</b> forma de perceber e agir dos agentes dentro de um campo científico.	Perfil e trajetória acadêmica dos agentes dentro do campo expressos por meio de suas graduações, mestrados, doutorados e pós-doutorados.	<b>Grau de incerteza de tarefas</b> associado às próprias características da atividade científica, marcadas pela imprevisibilidade do impacto das descobertas científicas.	-corresponde a visibilidade, uniformidade e estabilidade dos resultados das tarefas;  -associada à uniformidade, estabilidade e integração de estratégias de pesquisa e objetivos.
<b>Capital científico</b> espécie particular de capital simbólico que é representado por duas espécies de capital: o capital científico puro e o capital científico temporal.	O capital científico puro pode ser aferido por meio do número de publicações indexadas em bases de dados nacionais e internacionais e por índices de citações (Estrato Qualis; Fator de impacto; índice H, etc). O capital científico temporal se manifesta pela ocupação de cargos de gestão acadêmica e científica dentro do campo.		



Fonte: Elaborado pelo autor com base na leitura e interpretação das obras de Bourdieu (1983, 2001, 2004) e Whitley (2000).

Os Quadros 2, 3 e 4 correspondem às sínteses das leituras e das apropriações dos conceitos de campo científico, *habitus* e capital científico que são os pilares da teoria sociológica de Pierre Bourdieu. Nesses quadros sinóticos o leitor encontra os enunciados das teorias, as palavras-chave que lembram ou que estão associadas aos conceitos, as características dessas teorias, bem como as articulações conceituais com as demais noções de Bourdieu e a origem de cada teoria discutida neste capítulo.

**Quadro 2 – Síntese da teoria dos campos científicos.**

TEORIA DOS CAMPOS CIENTÍFICOS				
Enunciados	Palavras-chave	Características	Articulações conceituais	Origem
<p>- Espaço social como outro qualquer onde os agentes e as instituições científicas estão em permanente disputa pela maior acumulação de capital científico.</p> <p>- Lugar de uma luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriarem do produto do trabalho científico que o conjunto dos concorrentes produz pela sua colaboração objetiva.</p> <p>- Espaço social relativamente autônomo que possui uma lógica própria de funcionamento e de estratificação e princípios que regulam as relações entre os agentes sociais, com manutenção/conservação das estruturas existentes de acumulação de prestígio simbólico, vantagens materiais e/ou formas particulares de poder.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Campo intelectual;</li> <li>- sociologia dos campos;</li> <li>- Campo da produção de bens simbólicos;</li> <li>- Teoria dos campos;</li> <li>- Campo de forças;</li> <li>- Lutas simbólicas;</li> <li>- Disputas e interesses;</li> <li>- Conflitos entre dominantes e dominados no campo;</li> <li>- Lucros e Sucessos;</li> <li>- Hierarquia e dimensão relacional das posições.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaço onde se manifestam relações de poder;</li> <li>- Existem lutas pelo poder de apropriação de determinados objetos e bens valorizados nesses espaços sociais;</li> <li>- todas as escolhas científicas realizadas no interior dos campos estão sempre orientadas para aquisição de prestígio e de reconhecimento científico;</li> <li>- A estratégia dos pesquisadores se orienta em função da posição que eles detêm no interior do campo;</li> <li>- A distribuição desigual de capital determina a posição que um agente ocupa no interior do campo;</li> <li>- O êxito das práticas será tanto mais eficaz e intenso quanto maior for a cumplicidade que os indivíduos têm com as estruturas objetivas e com as disposições subjetivas estabelecidas nos campos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O campo se estrutura a partir da distribuição desigual de capital;</li> <li>- A cada campo corresponde um <i>Habitus</i> próprio ao campo;</li> <li>- Cada agente do campo é caracterizado pela trajetória social, seu <i>Habitus</i> e posição no campo;</li> <li>- O <i>Habitus</i> permeia as relações no campo e alimenta as estratégias utilizadas;</li> <li>- A combinação de diferentes tipos de capital possibilita localizar o agente social no interior do campo em que atua;</li> </ul>	<p>A partir do processo histórico de produção e reprodução do espaço social global configuram-se campos sociais específicos.</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base na leitura e interpretação das obras de Bourdieu (1983, 2001, 2004) e adaptações de Feres (2010).

**Quadro 3 – Síntese da teoria do *habitus*.**

TEORIA DO HABITUS				
Enunciados	Palavras-chave	Características	Articulações conceituais	Origem
<p>-Noção filosófica originada do pensamento Aristotélico de <i>hexis</i>, representando a virtude e o caráter moral que orientam os sentimentos, desejos e as condutas das pessoas;</p> <p>-Conduta mental entre experiências passadas e ações vindouras;</p> <p>-Conjunto de disposições adquiridas pelos agentes ao longo do tempo que funcionam como uma matriz de percepções e apreciações que os orientam no cumprimento de suas tarefas;</p> <p>- A compreensão do <i>habitus</i> de um agente se expressa nos exames orais, nas exposições em seminários, nos contactos com os outros e, mais simplesmente, no aspecto físico, um porte, uma postura, que é a sua transcrição mais diretamente visível;</p> <p>-Disposições e esquemas cognitivos;</p> <p>-Princípios geradores de práticas distintas e distintivas;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-disposição;</li> <li>- aptidão social;</li> <li>- disposições adquiridas;</li> <li>- noção filosófica;</li> <li>- virtude;</li> <li>- caráter moral;</li> <li>- sentimentos;</li> <li>- desejos;</li> <li>- condutas;</li> <li>- incorporado;</li> <li>- internalizado;</li> <li>- predisposição;</li> <li>- inclinação;</li> <li>- propensão;</li> <li>- <i>hexis</i>;</li> <li>- <i>ethos</i></li> <li>- código;</li> <li>- assimilação;</li> <li>- inscrição;</li> <li>- conduta mental;</li> <li>-matriz de percepção.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Percepção sobre o mundo;</li> <li>- ponto de vista;</li> <li>-orientam sentimentos, desejos e condutas das pessoas;</li> <li>- princípio geral da teoria da ação;</li> <li>-fundamentos únicos e exclusivos adquiridos pelos agentes durante a sua formação;</li> <li>- aptidão social que é adquirida pelo agente e que pode variar de acordo com o tempo, o lugar e a distribuição de poder, sendo reproduzível por meio dos vários domínios da prática;</li> <li>-os pesquisadores mais experientes transmitem aos novatos as suas expertises acadêmicas e estes últimos são os responsáveis por levar adiante os ensinamentos adquiridos com os mestres;</li> <li>-durável, porém não estático ou eterno, visto que as disposições são socialmente adquiridas e estão expostas a novas (re) formulações.</li> <li>- relação dialética entre o social e o individual.</li> <li>- o agente interioriza, individualmente, em suas práticas, o conjunto de regras que estão vigentes dentro do campo ao tempo em que exterioriza as suas percepções e visões por meio de ações que contribuem para a (re) estruturação do campo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- o <i>habitus</i> é decorrente de mecanismos associados a processos ligados à incorporação de esquemas/modelos mentais e paradigmas impostos através de atos relacionados à violência simbólica;</li> <li>-o capital intelectual estabelece uma relação entre o <i>habitus</i> e o campo científico, representado pelas estruturas formais e seus respectivos agentes;</li> <li>- o <i>habitus</i> é solicitado de acordo com as propriedades do campo científico configurado por meio de estruturas formais e dos respectivos agentes;</li> <li>- A incorporação das disposições duráveis que configura o <i>habitus</i> se objetiva no curso das trajetórias dos agentes em articulação multidisciplinar com outras áreas e nos diversos campos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Produzido pela ação pedagógica familiar e de grupos subsequentes;</li> <li>- É produto de uma pedagogia implícita (inculcação inconsciente de princípios) e explícita (inculcação metodologica-mente organizada).</li> </ul>

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base na leitura e interpretação das obras de Bourdieu (1983, 2001, 2004) e adaptações de Feres (2010).



**Quadro 4 – Síntese da teoria do capital científico.**

TEORIA DO CAPITAL CIENTÍFICO				
Enunciados	Palavras-chave	Características	Articulações conceituais	Origem
<p>-E amplamente disputado pelos agentes dentro de um campo;</p> <p>- a posse desse capital permite ao seu portador retirar-se da indiferença, do mundo obscuro e despercebido, onde se encontram a maioria dos homens comuns;</p> <p>-ao acumular um capital científico, o agente está fazendo o seu nome, isto é, buscando ser conhecido e reconhecido.</p> <p>-O capital científico está representado por duas espécies: o capital científico puro e o capital científico temporal.</p> <p>-O capital científico puro está relacionado ao prestígio individual do pesquisador, ou seja, ao reconhecimento de sua habilidade intelectual.</p> <p>- o capital científico temporal está relacionado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, direção de laboratório ou departamentos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-acumulação;</li> <li>- patrimônio;</li> <li>- distribuição;</li> <li>- estrutura;</li> <li>- incorporação;</li> <li>- conhecimento;</li> <li>- aquisição;</li> <li>- lucros materiais e simbólicos;</li> <li>- transmissão;</li> <li>- saberes, valores e experiências;</li> <li>- sucesso;</li> <li>poder sobre os meios de produção e reprodução;</li> <li>-efeito cumulativo;</li> <li>- reconversão;</li> <li>- posse;</li> <li>- hierarquia.</li> <li>- desempenho.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pesquisadores e instituições dotadas de maior capital tendem a assumirem posições dominantes;</li> <li>- a partir do processo de acumulação de capital, busca-se o reconhecimento ou a imposição do valor dos produtos, bem como se desacreditam/vulgarizam-se produtos e produtores concorrentes;</li> <li>- o capital científico puro é resultado da produção científica reconhecida pelo conjunto de pares-concorrentes;</li> <li>- o capital científico temporal quase sempre está associado à tecnocracia da pesquisa, sendo acumulado por pesquisadores que não são necessariamente os mais competentes do ponto de vista científico;</li> <li>- a dificuldade de acumulação dessas duas espécies de capital científico contribui para que se encontre em uma extremidade do campo aqueles pesquisadores que são possuidores de um elevado capital científico acumulado e um frágil capital temporal e, no outro extremo, aqueles pesquisadores que são possuidores de um elevado capital temporal acumulado e um frágil capital científico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- as noções de <i>habitus</i> e capital científico de Bourdieu assumiram especial importância na medida em que romperam definitivamente com a perspectiva do fracasso acadêmico.</li> <li>- cada campo possui uma forma dominante de capital;</li> <li>- com o estado do capital incorporado vem o conceito de <i>habitus</i>, pois se entende que este tipo de capital é inserido na subjetividade de seu portador;</li> <li>- pensar na ciência como um espaço de disputa implica a utilização dos conceitos de capital científico, <i>habitus</i> e campo científico.</li> </ul>	<p>O acúmulo de capital científico é decorrente dos resultados positivos obtidos pelos agentes e/ou instituições nas lutas desencadeadas no interior dos campos científicos.</p>

**Fonte:** Elaborado pelo autor com base na leitura e interpretação das obras de Bourdieu (1983, 2001, 2004) e adaptações de Feres (2010).

Pode-se depreender da leitura e análise dos quadros (1 a 4) apresentados anteriormente, que o campo científico pode ser analisado tanto sob a perspectiva simbólica quanto organizacional. Para a análise dos aspectos simbólicos do campo científico, Bourdieu elaborou toda uma rede de conceitos que permite compreender as relações de poder e de dominação que ocorrem nos discursos e nas práticas científicas dos agentes e das instituições que estão em disputa pelo acúmulo de capital simbólico.

Para Bourdieu (1983, 2001, 2004), todo campo é um espaço social dotado de uma estrutura própria e relativamente autônomo quando comparado aos outros espaços de poder. Nesse sentido, o campo possui toda uma lógica própria de funcionamento que estrutura, inclusive, as relações entre os agentes, sendo o seu grau de autonomia uma das principais características da noção bourdieuniana de campo.

Em âmbito geral, os campos se estruturam a partir das relações de aliança ou de conflitos que se estabelecem entre os diferentes agentes que estão em disputas pela posse das formas específicas de capital que definem as suas posições nas hierarquias desse campo.

Nesse sentido, em cada campo há formas específicas de capital em disputa. No campo econômico, os agentes e as instituições estão em busca de acumulação de capital econômico que pode ser medido pela quantidade de bens materiais adquiridos. Já no campo cultural há toda uma disputa pelo capital cultural aferido, por exemplo, pelos dotes culturais que se expressam na arte e na música. Por outro lado, no campo científico toda a luta é desencadeada para a conquista de autoridade científica que permite a um agente ser conhecido e reconhecido frente aos seus concorrentes mais qualificados dentro de um campo científico.

Assim, as disputas internas que ocorrem no campo científico demandam de seus agentes o desenvolvimento de estratégias de conservação ou de subversão, conforme as suas posições relativas dentro do campo. As estratégias de conservação são aquelas desenvolvidas pelos pesquisadores dominantes que buscam formas de se manter no poder, enquanto que as formas de subversão são aquelas criadas pelos dominados ou excluídos que buscam subverter as relações de poder entre os dominantes e avançar em suas posições dentro dos campos.

Desse modo, essas estratégias montadas no seio do campo científico alinham-se aos conceitos de campo científico e *habitus* discutidos anteriormente,

podendo ser consideradas como uma série de ações ordenadas e orientadas que os agentes desenvolvem em função das possibilidades de maximização dos lucros específicos que estão em jogo no campo. Essas disputas estão expressas na luta pelos melhores lugares para publicação de resultados de pesquisas, na concorrência pelos maiores recursos para financiamento de pesquisas ou na disputa pelos melhores alunos para integrarem grupos de pesquisas.

Além de todo o arcabouço teórico oferecido por Bourdieu para a compreensão dos aspectos simbólicos do campo das produções científicas, estudou-se a teoria do sistema de reputação da ciência criada por Whitley que defende a ideia de que administrativamente ou organizacionalmente esse campo de disputa acadêmica representa um sistema de atribuição de reputação, através de certos quesitos. De certa forma, toda essa ideia de sistema de reputação já está expressa nas teorias de Bourdieu, sendo que Whitley, em seus estudos, detalha as teorias de Bourdieu transformando-a em algo mais palpável, isto é, empírico, dando-lhes nomes e permitindo, portanto, que se visualizem, mais objetivamente, as práticas acadêmicas que ocorrem dentro dos campos.

Assim, foi a partir dessas ideias sobre o funcionamento da ciência que se estabeleceram alguns pressupostos apresentados anteriormente e que, dentro dos limites de observações dos dados empíricos coletados e analisados, foram confirmados ou refutados.

### 3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INDICADORES DE AVALIAÇÃO

A avaliação é mais que uma ação cotidiana na ciência; ela é parte integrante do processo de construção do conhecimento científico. (DAVYT; VELHO, 2000, p. 93).

Após a apresentação dos princípios teóricos que sustentam a análise dos campos científicos, este capítulo aborda a comunicação científica, discutindo também o surgimento dos indicadores científicos e as contribuições de Merton (1974), Price (1976) e Garfield (1954) para os estudos quantitativos da ciência. Por fim, são apresentadas as principais técnicas utilizadas nos estudos métricos da informação para mensurar os diferentes aspectos das atividades científicas.

#### 3.1 A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

A comunicação científica certamente é um dos temas mais discutidos e debatidos, especialmente no campo da ciência da informação. O que se pretende é trazer elementos históricos e conceituais que possam contribuir para a melhor contextualização da pesquisa.

Com a invenção da imprensa, no século XV, grupos de cientistas passaram a trabalhar fora dos ambientes acadêmicos e formaram as primeiras sociedades científicas. A Royal Society de Londres (1622) e a Academia dei Lincei (1600-1630) estão entre as primeiras e mais conhecidas. (STUMPF, 1998).

Nesse contexto, começaram a aparecer as primeiras cartas manuscritas, que consolidaram o sistema de comunicação da chamada República das Letras. Esse movimento foi considerado um dos mais importantes acontecimentos culturais da história da Europa. Constituído por comunidades de pares, a regra principal desses grupos consistia na ampla difusão de idéias. (BURKE, 2003).

As cartas passaram a ser cada vez mais utilizadas com a ampliação e a consolidação das sociedades científicas. Desde a sua origem, essas tinham como finalidade agilizar as comunicações entre os membros da mesma comunidade de pesquisadores e ao longo do tempo passaram a ser consideradas como o principal meio de publicação das descobertas científicas. (MEADOWS, 1999).

A correspondência pessoal foi, portanto, o primeiro meio utilizado pelos

cientistas para divulgarem suas idéias. No século XVII, surgiram as primeiras publicações. O primeiro periódico, *Journal des Sçavans*, editado em janeiro de 1665, tinha como objetivo “[...] promover informações regulares sobre a ciência, disseminando relatos de experimentos e observações em física, química, anatomia e meteorologia.” (STUMPF, 1996, p. 384). Em maio do mesmo ano, foi criado o periódico *Philosophical Transactions*, publicado pela *Royal Society of London*, também considerado um marco para o desenvolvimento científico por veicular novas ideias e relatos de experiências de pesquisas para toda a comunidade científica. (CARVALHO, K, 1999).

Os primeiros estudos sobre comunicação científica tiveram como foco a preocupação com o crescimento dos periódicos e o aumento no número de publicações. O intenso fluxo de informações entre os cientistas, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, passou a ser objeto de preocupação de pesquisadores vinculados a diferentes campos do conhecimento científico, como Menzel (1966); Merton (1974); Price (1976); Garvey e Griffth (2010) e Ziman (1979).

Esses autores, amplamente citados nos diversos estudos sobre comunicação científica, analisavam os problemas do uso da informação pelos cientistas e tecnólogos. Em meio à acirrada disputa entre os Estados Unidos e antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas pela supremacia científica e tecnológica, os estudos sobre a comunicação científica e a literatura científica se fortaleceram no decorrer dos anos. (TARGINO, 2000).

Para Mueller e Passos (2000), a obra de Solla Price, *Little Science, Big Science*, publicada em 1963, pode ser considerada como um marco para o desenvolvimento dos estudos de comunicação científica. Segundo as autoras, nesta obra, Price propõe tratar a ciência como um fenômeno mensurável. Essa concepção de ciência contribuiu para o desenvolvimento de estudos sobre a distribuição de periódicos, produtividade de autores e estudos de citações, dentre outros.

Os produtos derivados da atividade científica precisam ser comunicados como forma de garantir, dentre outros aspectos, a autoria das descobertas científicas. Este processo é parte do conjunto maior de conhecimento que se chama comunicação científica.

Diferentes conceitos para comunicação científica são encontrados na literatura. Entretanto, um dos mais citados é o formulado por Garvey e Griffth (2010), em seu livro intitulado *Communication, the essence of science*. De acordo com o

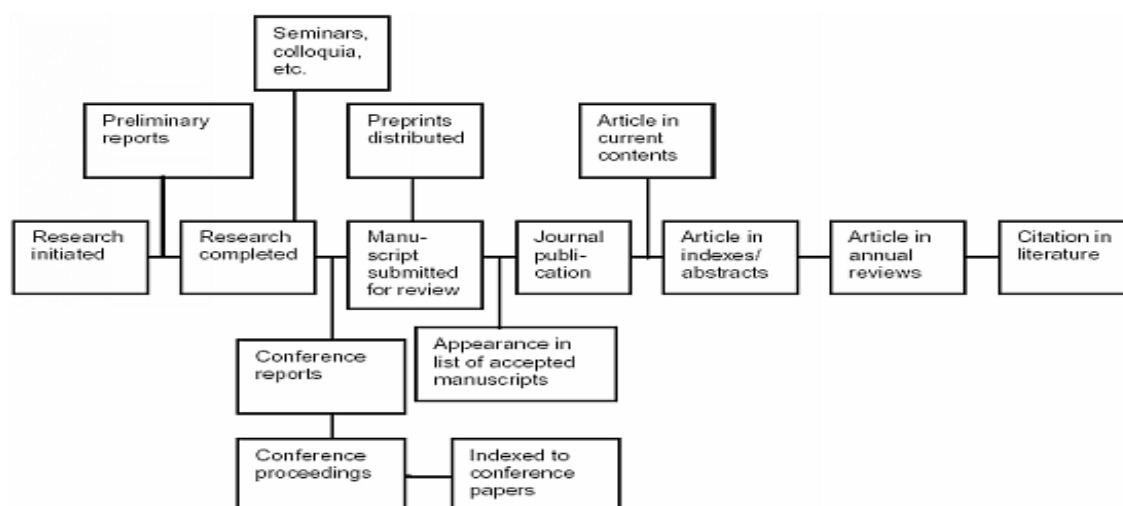
autor, a comunicação científica tem início desde o momento em que o pesquisador tem uma idéia na cabeça até o momento em que os resultados de suas pesquisas são aceitos pelos pares e materializados sob a forma de publicações científicas.

Para Stumpf (2000), a comunicação científica é um sistema geral que pode ser representado por um modelo que envolve basicamente três elementos: o emissor, o canal e o receptor. Para a autora, entre as peculiaridades da comunicação científica uma das mais evidentes é seu modelo circular, em que o emissor e o receptor são os próprios cientistas: em um momento eles produzem conhecimento e em outros consomem o saber produzido pelos colegas.

Esse modelo de produção e consumo de conhecimento científico tem se expandido consideravelmente em decorrência da crescente profissionalização das atividades científicas. (MEADOWS, 1999). Essa expansão da produção científica tem contribuído para o surgimento de estudos sobre o fluxo da comunicação científica como forma de minimizar as dificuldades de acesso ao conhecimento científico.

O modelo desenvolvido por Garvey e Griffith (2010) foi projetado com base nas práticas de divulgação científica dos pesquisadores do campo da psicologia. Entretanto, seus idealizadores afirmam ser ele passível de se aplicar a quaisquer outros campos do conhecimento.

**Figura 4** – Modelo do fluxo da informação científica de Garvey-Griffith



**Fonte:** Garvey e Griffith (1972).

De acordo com Garvey e Griffith (2010), esse modelo tem as seguintes características:

- a) é contínuo e percorre as várias fases de uma pesquisa, desde o início até todos os seus desdobramentos;
- b) a comunicação é realizada por diferentes canais que abrangem desde a comunicação oral até a comunicação escrita e formal, a depender da fase da pesquisa ou do público-alvo;
- c) o fluxo da informação inclui diferentes tipos de publicações, que podem variar de relatórios preliminares de pesquisa até artigos de periódicos científicos, utilizando-se os diversos canais de comunicação;
- d) o fluxo inclui tanto a literatura primária, isto é, os artigos, quanto à secundária, ou seja, índices e periódicos de resumos.

Independentemente do crescimento, do acesso ou do fluxo, a comunicação científica tem peso considerável para a ciência, pois permite aos pesquisadores obter e transmitir a informação científica, caracterizando-se um processo de acumulação do conhecimento. Por outro lado, ao publicar seus resultados de pesquisas em canais de comunicação reconhecidos pelos seus pares, os pesquisadores recebem o reconhecimento da comunidade científica. (MEADOWS, 1999).

Os canais de comunicação científica classificam-se em formais e informais. Os formais podem ser considerados como aqueles de ampla divulgação e de maior facilidade na recuperação de informações, caracterizando-se pelo maior controle, armazenamento e preservação das informações, a exemplo dos livros e periódicos. Os informais são aqueles caracterizados pelos contatos interpessoais entre os pesquisadores destituídos de formalismos, ou seja, pelo contato direto, pessoa a pessoa, o qual possibilita maior atualização e rapidez no processo de comunicação científica. A típica classificação dos canais formais e informais passa por profundas discussões, ocasionadas pela revolução tecnológica. Com o surgimento das tecnologias eletrônicas, a exemplo dos arquivos abertos, internets e intranets houve importantes alterações nas relações de tempo e espaço ampliando a disponibilização do acesso e do uso das informações. (MEADOWS, 1999; MUELLER; CAMPELLO; DIAS, 1996; MUELLER, 2006; TARGINO, 2000).

A utilização desses canais de comunicação pelos pesquisadores varia de acordo com os diferentes campos do conhecimento científico. (MUELLER, 2005). Os

pesquisadores das ciências exatas e naturais tendem a valorizar a produção em artigos de periódicos como principal canal formal de comunicação dos resultados de pesquisas. (LUIZ, 2006; MIRANDA; PEREIRA, 1996; VOLPATO, 2008). Os pesquisadores das ciências humanas e sociais aplicadas tendem a produzir e valorizar mais a produção em livros. (FIORIN, 1998; LUZ, 2005; MEADOWS, 1999; VELHO, 1997).

A produção de conhecimento científico em canais prestigiados da ciência, sobretudo os formais, possibilita aos seus autores ampliar a reputação acadêmica dentro do campo, uma vez que é por intermédio desses canais que a ciência realiza o controle na distribuição de prestígio e reconhecimento acadêmico e científico. (WHITLEY, 2000).

Como é possível perceber, a comunicação científica é atividade indispensável ao desenvolvimento da ciência. (MEADOWS, 1999, p. vii). É por meio dela, por exemplo, que uma ideia faz a sua passagem do domínio privado, isto é, circunscrito ao seu próprio autor, para o domínio público, no qual se pressupõe amplo acesso ao conhecimento produzido no seio de um campo científico. Nesse processo, a avaliação científica torna-se atividade essencial, à medida que possibilita, dentre outras coisas, que a ideia de um cientista transforme-se em produto tangível da ciência (ZIMAN, 1979), após parecer avaliação dos pares-concorrentes.

### 3.2 OS INDICADORES DE AVALIAÇÃO CIENTÍFICA

A avaliação científica é parte inerente ao processo de construção e comunicação do conhecimento científico. Por seu intermédio, mensura-se objetivamente a produção científica dos agentes em disputa por maior capital científico dentro de um campo. Esse procedimento busca medir, por exemplo, a produção científica, o currículo de um pesquisador, um projeto de pesquisa para financiamento, dentre outras atividades. Assim, a avaliação científica permite que se definam os rumos da ciência e das instituições a elas vinculadas. (DAVYT; VELHO, 2000).

Os mecanismos de avaliação científica têm mudado, no decorrer dos anos, e se configuram de acordo com o contexto histórico em que se inserem. Apesar dessas mudanças, parece ter sobrevivido o fato de que apenas os próprios cientistas



estão autorizados a avaliar a competência científica de outros pesquisadores. Essa certamente é uma das leis mais conhecidas e difundidas da organização científica.

Desde Galileu na corte dos Médici em Florença, passando pelos editores de livros e periódicos do século XVII em diante, até os cientistas atuais tentando conseguir financiamento para seus projetos, os detentores do poder de decisão – príncipes, outros patronos, governos ou os próprios cientistas – sentiram necessidade de assessoria para tomar decisões. Desenvolveu-se, então, uma tradição em que tal assessoria seria solicitada aos ‘pares’, isto é, aos colegas daquele que estava em julgamento (colegas estes que, freqüentemente, competem com o julgado pelos mesmos recursos e recompensas: financiamento, premiações, espaço editorial, posições profissionais etc.) e que, por sua formação e experiência, fossem capazes de emitir opinião informada e confiável. (DAVYT; VELHO, 2000, p. 3).

Nesse sentido, a avaliação da ciência promovida pelos próprios cientistas tem sido chamada na literatura de “revisão por pares”, “julgamento por pares”, “sistema de arbitragem” ou *peer review*. Esse sistema envolve o uso sistemático de árbitros para julgar os manuscritos submetidos à apreciação, os quais autorizam ou não a sua publicação em determinado periódico. (STUMPF, 2008).

Esse sistema tem função clara, por facilitar a transferência de informação dentro do campo, ao transformar um manuscrito científico em conhecimento consensual. O *peer review* contribui para a própria consolidação dos campos científicos, à medida que seus integrantes são os únicos a definirem as regras de acesso e de exclusão. (DAVYT; VELHO, 2000).

O julgamento realizado pelos pares é baseado em critérios de avaliação arbitrados pelos cientistas, o que torna o parecer de um avaliador legitimamente reconhecido entre os demais. Nesse processo, os manuscritos que conseguiram sobreviver ao escrutínio dos julgadores são transformados em produtos da atividade científica, como os artigos de periódicos, que depois de publicados são contabilizados e utilizados como indicadores da produção científica. (DAVYT; VELHO, 2000; VELHO, 2001).

Apesar de algumas críticas à burocracia e lentidão do sistema de revisão por pares, ele ainda é amplamente utilizado em toda a ciência mundial. De acordo com Davyt e Velho (2000), o sucesso desse sistema é fruto de sua disseminação, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial, quando houve maior aporte de recursos para o financiamento das pesquisas. O crescimento dos investimentos nas

pesquisas científicas, no pós-guerra, representado pelo maior número de recursos humanos, materiais e organizacionais envolvidos nas atividades científicas, demandou maior interesse do Estado e das agências de fomento pelo controle das atividades científicas.

Essa necessidade de maior controle no desenvolvimento do trabalho científico encontrou aporte teórico nos estudos elaborados pela sociologia da ciência, sobretudo nas teorias sobre a organização e institucionalização da ciência desenvolvida por Robert Merton. A partir dos anos 60, ao lado de Derek de Solla Price e Eugene Garfield, Merton contribuiu para o surgimento e a consolidação dos estudos quantitativos da ciência. (BONITZ, 1995).

Considerado o pai da sociologia da ciência, Robert Merton foi o primeiro a propor e realizar análises sociológicas sobre as atividades científicas e muito contribuiu para a estruturação normativa da ciência. Na perspectiva de Merton (1974), a ciência é tratada como instituição social que influencia e é influenciada por outras instituições, como a economia e a política, porém sua autonomia social baseia-se em valores comunitários - o *ethos científico* – que orienta o seu funcionamento interno diferenciando-a das demais práticas sociais.

A autonomia institucional da ciência é vista por Merton (1974) como algo extremamente necessário para que os pesquisadores possam exercer as suas atividades independentemente e garantir a expansão do conhecimento científico.

Para Merton (1974), a ciência produz um conjunto de conhecimento compartilhado por toda a comunidade, que o julga de acordo com os paradigmas científicos vigentes. Além disso, para que uma ideia seja socialmente aceita, o pesquisador precisa também adequar-se ao conjunto de valores éticos e morais da sociedade da qual é membro. As normas e os valores éticos são transmitidos aos cientistas por meio de exemplos e sanções. Cada uma dessas normas afeta significativamente a comunicação científica, desde a produção até o processo de edição e avaliação pelos pares.

Merton (1974) empreendeu o primeiro e o mais influente esforço sistemático realizado por um sociólogo para identificar as principais normas operativas existentes entre os cientistas, ao mostrar como essas normas contribuem para o avanço do conhecimento científico. Seu esforço muito contribuiu para os estudos quantitativos da ciência, fato reconhecido ao ganhar o prêmio Derek de Solla Price, em 1995, juntamente com Anthony F. J. Van Raan. (BONITZ, 1995).

Além de Merton, Derek de Solla Price trouxe grandes contribuições para as análises quantitativas do campo científico. Atuando primeiramente no campo da física e posteriormente no campo da história da ciência, Price, que era professor da Universidade de Yale, investigou o comportamento das redes de citações trazendo novas dimensões aos estudos bibliométricos. (BRAGA, 1974).

Autor de uma vasta produção intelectual, a qual inclui mais de 300 livros e artigos, dentre eles *Science Since Babylon* e *Little Science, Big Science*, dois livros considerados clássicos pela literatura, Price estudou a natureza da ciência, da comunicação e da produtividade científica, ao formular conceitos e leis que se tornaram internacionalmente conhecidas e aceitas: frente de pesquisa, colégios invisíveis, crescimento exponencial e elitismos. O autor contribuiu também para os fundamentos da política científica e tecnológica, amplamente adotada por diferentes países. (BRAGA, 1974).

Price é considerado o pioneiro dos estudos cientométricos e, ao valer-se das propostas de Lotka, Bradford e Zipf, ofereceu novos contornos para os estudos quantitativos, ao centrar-se na análise da dinâmica da atividade científica, incluídos tanto os produtos quanto os produtores de ciência. (SANTOS; KOBASHI, 2009).

Outro estudioso que muito contribuiu para os estudos quantitativos da ciência foi Eugene Garfield. Nascido em 1925, em Nova York, Garfield é declaradamente um dos fundadores dos estudos bibliométricos da informação e pioneiro no campo das análises de citações. (BEIRA, 2010).

Após se licenciar em química pela universidade Columbia, em 1948, Garfield se dedicou à área da ciência da informação ao se associar ao projeto *Welch Library da John Hopkins University School of Medicine*, que analisava problemas referentes à recuperação de informações médicas e à aplicação de métodos inovadores para a indexação da literatura biomédica. (BEIRA, 2010).

Aproveitando-se dos seus conhecimentos sobre tecnologias da informação, com recursos a computadores digitais e suportes de dados baseado em cartões perfurados, Garfield fundou o *Institute for Scientific Information (ISI)*, em 1958, e lançou produtos e serviços de informação, tais como o *Current Contents* e posteriormente os *Science Citation Indexes*. (GARFIELD, 2011). O ISI foi responsável pela criação e manutenção de três grandes bases de dados, os quais seriam, para Garfield, os canais mais importantes da comunicação científica internacional, por chegarem a indexar 10% do total estimado de periódicos

científicos em todo o mundo: *Science Citation Index* (SCI), *Social Sciences Citation Index* (SSCI) e *Arts and Humanities Citation Index* (A&HCI). (MUGNAINI, 2006).

Esta instituição foi responsável pela indexação, produção e gestão das informações científicas que subsidiaram os índices que medem e estabelecem o mais conhecido padrão de produtividade científica, o fator de impacto (Impact Factor).

O fator de impacto (FI) foi discutido pela primeira vez em 1955, em um clássico artigo de Eugene Garfield, publicado na *Science*. Nesse artigo, Garfield defendeu a utilidade desse índice para pesquisas históricas, quando tentou avaliar a significância de um trabalho particular e o seu impacto na literatura e no pensamento de dado período. Garfield acreditava que o FI poderia ser mais representativo do que a conta absoluta do número de publicações de um cientista. (STREHL, 2005).

Entretanto, o FI foi utilizado na prática, como instrumento de avaliação da qualidade das publicações, no início da década de 60. Em 1963, Garfield e Irving H. Sher criaram o periódico *Journal Impact Factor*, com o objetivo de desenvolver um método de seleção dos periódicos a serem indexados no então recém-publicado SCI. Preocupados em avaliar periódicos, Garfield e Sher perceberam a existência de um pequeno, mas importante grupo de periódicos de revisão para os quais, se fosse considerado de forma absoluta o número de citações a eles atribuídas, não seria incluído no SCI. Assim, verificou-se que a composição de um índice que leve em consideração o número de citações só poderia ser utilizado como critério para a comparação de periódicos de forma normalizada. (STREHL, 2005).

Nesse sentido, o FI de determinado periódico foi definido como a razão entre o número de citações feitas no corrente ano a itens publicados neste periódico nos últimos dois anos e o número de artigos (itens fonte) publicados nos mesmos dois anos pelo mesmo periódico. (STREHL, 2005).

Além desses pioneiros dos estudos quantitativos da ciência, muitos outros pesquisadores em todo o mundo até hoje empreendem esforços para criar e aperfeiçoar os indicadores científicos, de modo a possibilitar uma base mais racional e objetiva para o planejamento das atividades científicas. (BRISSOLLA, 1998; SPINAK, 1998).

Os indicadores científicos são dados estatísticos coletados, organizados e tratados tecnicamente de modo a subsidiar as avaliações da produtividade científica de um país. Esses dados permitem monitorar as oportunidades em diferentes áreas

e identificar atividades e projetos mais promissores para o futuro, de modo a auxiliar as decisões estratégicas dos gestores da ciência. (SANTOS, KOBASHI, 2005).

Para Macias-Chapula (1998); Spinak (1998); Santos e Kobashi (2005); Santana *et al* (2011), os indicadores científicos classificam-se em: indicadores de produção, indicadores de citação e indicadores de ligação. Os indicadores de produção são elaborados de acordo com a contagem do número de publicações por tipos de documentos (livros, artigos, publicações científicas, relatórios etc.), por instituição, área de conhecimento, país, dentre outros. Com relação aos indicadores de citação, construídos pela contagem do número de citações recebidas por uma publicação de artigo de periódico, observa-se que é o meio mais reconhecido de se atribuir crédito ao autor. Os indicadores de ligação são construídos pela ocorrência de autoria, citações e palavras e se aplicam à elaboração de mapas de estruturas de conhecimento e de redes de relacionamento entre pesquisadores, instituições e países, empregando-se técnicas de análise estatística de agrupamentos.

Os indicadores supracitados são geralmente empregados como medida da atividade da pesquisa científica e contribuem para a compreensão dos objetivos da pesquisa, da estrutura da comunidade científica, do objetivo particular da pesquisa ou do seu impacto social, político e econômico. (SANTANA *et al.*, 2011; SANTOS; KOBASHI, 2005; SPINAK, 1998).

No Brasil, esses indicadores são sustentados pelas agências de fomento como a CAPES e o CNPq, que os utilizam para avaliar o prestígio e a reputação acadêmica dos pesquisadores e dos programas de pós-graduação. (MUELLER, 2008).

A base de dados mantida pela CAPES contém indicadores científicos que permitem à agência atribuir nota aos programas de pós-graduação e monitorar todo o desenvolvimento dos cursos de mestrado e doutorado no país. Os cadernos de indicadores, como são conhecidos, contêm um conjunto de informações enviadas anualmente por todos os coordenadores de programas de pós-graduação à CAPES por meio do *software* Coleta de Dados. (CAPES, 2011).

O CNPq é responsável pela Plataforma Lattes que, nos últimos anos, tem sido muito utilizada pelas agências de fomento e outras instituições acadêmicas para avaliar e selecionar candidatos a bolsas de pesquisas e a cursos de mestrado e doutorado. A gama de indicadores científicos existentes na Plataforma Lattes

certamente a tornou uma das maiores, se não, uma das mais utilizadas fontes de pesquisa para coletas de dados nos estudos sobre produção científica em diferentes campos científicos. Atualmente essa base disponibiliza aproximadamente 1,8 milhões de currículos de pesquisadores de todo o Brasil. (CNPq, 2011b).

Essa base passa por modificações para fornecer indicadores científicos cada vez mais completos. Um exemplo recente é a possibilidade de informar a toda a sociedade brasileira sobre os projetos de inovação desenvolvidos pelos pesquisadores que mantêm seu currículo na base, bem como conhecer os canais de divulgação utilizados por eles para disseminar a sua produção científica.

### 3.3 ESTUDOS MÉTRICOS DA INFORMAÇÃO

A ciência pode ser considerada como um grande sistema de produção de informações, cuja dinâmica sustenta-se na geração de indicadores de *input* (insumo) e *output* (produto). A mensuração desses dois indicadores constitui a base dos estudos métricos da informação. (NORONHA, 2008).

Para Mueller (2008), pesquisadores de diferentes campos do conhecimento científico têm se preocupado com questões relacionadas à avaliação dos insumos e produtos da atividade científica, entre eles os da ciência da informação. Pesquisadores desse campo têm se dedicado à mensuração de diversos aspectos do trabalho científico, em especial à produção do conhecimento científico e à construção de indicadores apropriados para mensurá-los.

Os estudos métricos da informação apresentam abordagens muito diferenciadas e são geralmente analisados em macro, meso ou micro escalas. Por meio desses estudos pode-se investigar, por exemplo, a orientação, a dinâmica e a participação da ciência em nível local, nacional e internacional, bem como a vida dos pesquisadores, a natureza de suas atividades e os fatores que influenciam as suas condutas; cada uma dessas categorias de análise podem ser subdivididas, aprofundadas e gerar novas variáveis e abordagens. (NORONHA, 2008).

A importância adquirida pelos estudos métricos, inicialmente direcionados à análise de livros (bibliometria), proporcionou o aparecimento de outros campos que aplicam as técnicas quantitativas a diferentes objetos de estudo, a exemplo da cientometria, associada geralmente ao estudo de áreas e disciplinas científicas, e da webmetria, relacionada ao estudo de páginas eletrônicas da internet. (SANTOS;

KOBASHI, 2009).

De acordo com Noronha (2008, p. 123), os estudos métricos da informação podem ser aplicados a diferentes disciplinas científicas para gerar indicadores que medem variados aspectos das atividades científicas, a saber:

- a) evolução quantitativa e qualitativa da literatura;
- b) obsolescência da informação e dos paradigmas científicos;
- c) dinâmica e estrutura da comunicação científica (principalmente formal);
- d) características e funções de diversos tipos documentais (literatura branca e cinzenta);
- e) *ranking* de publicações, autores, instituições, países, etc.;
- f) estudos de citação, fator de impacto;
- g) relações interdisciplinares, intradisciplinares e multidisciplinares na ciência;
- h) estudos de colaboração científica (principalmente baseados em coautoria);
- i) comportamentos de uso e crescimento do acervo em bibliotecas;
- j) evolução de disciplinas, subdisciplinas e novos conceitos;
- k) características de frequência de ocorrências de palavras em textos.

Entre as técnicas métricas aplicadas às atividades científicas estão a bibliometria, cientometria, infometria e a webmetria.

A primeira forma de estudar quantitativamente a produção científica foi chamada de “bibliografia estatística”, expressão adotada para fazer referência à aplicação da estatística aos estudos bibliográficos. No decorrer dos anos, esta expressão foi evoluindo para bibliometria, nomenclatura cunhada pela primeira vez por Otlet, em 1934. Em sua obra intitulada *Traité de documentation: le livre sur le livre*, o autor belga definiu a bibliometria como a área que se ocupa da medida ou da quantidade aplicada a livros. Para otlet, a bibliometria deveria ser aplicada para a mensuração do objeto livro, especialmente para a contagem do número de palavras por páginas, linhas por páginas, formatos, pontos topográficos, peso do papel e preço. (ARAÚJO, 2006; BUFREM; PRATES, 2005).

No entanto, é atribuída a Printchard a utilização do termo bibliometria no sentido em que o mesmo é aplicado atualmente. Em 1969, Printchard propôs a utilização do termo bibliometria em substituição à bibliografia estatística, caracterizando-o como o conjunto de métodos e técnicas quantitativas para a gestão

de bibliotecas e instituições envolvidas com o tratamento de informação. (BUFREM; PRATES, 2008; SANTOS, R., 2003; SANTOS; KOBASHI, 2009; VANTI, 2002).

A bibliometria, como técnica que trata “[...] dos aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação registrada” (TAGUE-SUTCKIFFE *apud* MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 134), está em permanente evolução e é utilizada em estudos da Sociologia, da Biblioteconomia, da História e da Ciência Política para identificar tendências de pesquisas e crescimento do conhecimento científico. (BUFREM; PRATES, 2005).

Para Santos (2003), o surgimento do termo cientometria esteve atrelado à necessidade de se especificar a aplicação da bibliometria, uma vez que conceitos da literatura, como o proposto por Printchard, não ofereciam indicação alguma da finalidade da bibliometria, atrelando-a ao domínio da gestão de bibliotecas e centros de documentação por muito tempo.

A distinção entre bibliometria e cientometria é discutida por Spinak (1998). O autor compreende que a bibliometria diz respeito à aplicação de análises estatísticas para estudar as características do uso e da criação dos documentos; possibilita medir a complexidade da comunidade científica por meio do estudo quantitativo da produção de documentos publicados nas bibliografias; aplica métodos matemáticos e estatísticos ao estudo do uso que se faz dos livros e outros suportes, dentro e entre os sistemas de bibliotecas; estuda quantitativamente as unidades físicas publicadas, ou as unidades bibliográficas, ou seus substitutos.

Na cientometria se aplicam técnicas bibliométricas à ciência, com o objetivo de conhecer o crescimento quantitativo de uma disciplina científica, a produtividade e a criatividade dos pesquisadores, as relações entre desenvolvimento científico e crescimento econômico. Spinak (1998) considera que a cientometria vai além da bibliometria à medida que examina o desenvolvimento e as políticas científicas.

O maior desenvolvimento das tecnologias da informação criou novas perspectivas para os estudos de produção de conhecimento na ciência. Os novos sistemas de informação trazem metadados em bases digitais, por exemplo, os quais possibilitam a recuperação de informações de diversos formatos, dentre outras coisas. Assim, essas novas dimensões trouxeram discussões sobre quais métodos deveriam ser aplicados para a mensuração das informações produzidas neste novo contexto tecnológico. Então, surgiram novas nomenclaturas para mensurar essas informações, as quais ficaram conhecidas na literatura como infometria e webmetria.



No que diz respeito aos estudos desenvolvidos pela infometria, Taguet-Sutckiffe (*apud* MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 136) o interpreta como

[...] estudo dos aspectos quantitativos da informação em qualquer formato, e não apenas registros catalográficos ou bibliografias, referente a qualquer grupo social, e não apenas aos cientistas. A infometria pode incorporar, utilizar e ampliar os muitos estudos de avaliação da informação que estão fora dos limites da bibliometria e cienciometria.

A infometria é conceito mais recente, criado na década de 1980, voltado para as análises dos aspectos quantitativos da informação disposta em qualquer tipo de suporte informacional e não apenas nos registros catalográficos ou bibliográficos.

A webmetria é uma técnica quantitativa de medição do fluxo de informação surgindo enlaçada nos avanços tecnológicos, especialmente da internet. Existem várias medições que podem ser realizadas no campo da webmetria: o conteúdo e a estrutura das *home-pages* na *web*, a frequência de distribuição das páginas no ciberespaço (por países, páginas pessoais, comerciais, institucionais), a quantidade da evolução de um tema ou matéria. (VANTI, 2002).

Os estudos métricos da informação se desenvolvem com base na aplicação de leis bibliométricas que medem e quantificam os produtos da atividade científica. Assim, citar as leis de Lotka, Bradford e Zipf, pioneiros na criação das leis bibliométricas, torna-se obrigatório na abordagem deste assunto.

A lei de Lotka trata do cálculo da produtividade de autores de artigos científicos. De acordo com essa lei, numa especialidade científica, grande quantidade de literatura científica é produzida por pequeno número de autores, assim como também ocorre grande quantidade de pesquisadores ter baixa produtividade científica. Price aperfeiçoou essa lei, ao identificar que 1/3 da literatura científica é produzida por menos de 1/10 dos autores de maior produtividade, isto é, a média de 3,5 documentos por autor; e 60% dos autores produz apenas um documento. (NORONHA, 2008).

A lei de Bradford discute sobre a dispersão dos autores em diferentes publicações periódicas. Na época, o que interessava a Bradford, criador da referida lei, era identificar o núcleo de títulos de periódicos que se concentrava em determinado tema. De cunho mais gerencial, essa lei derivou de estudos que tinham como objetivo criar critérios de seleção de periódicos para dada coleção, de modo a

equilibrar custo x benefício. (NORONHA, 2008).

A lei de Zipf, apresentada em 1935, refere-se à frequência da ocorrência de palavras num texto longo. Essa lei foi formulada com base no princípio geral do esforço mínimo, isto é, palavra cujo custo de utilização seja pequeno ou cuja transmissão demande esforço mínimo. (NORONHA, 2008).

Para finalizar este capítulo, vale ressaltar que toda avaliação científica gera um conjunto de informações de diversos tipos, os quais subsidiam todo o processo de elaboração das políticas científicas em curto, médio e longo prazo. É por meio das políticas científicas que se estabelecem padrões, isto é, quem vai ganhar mais ou menos recursos dentro de um campo científico. As políticas científicas definem também quais são os campos mais importantes em um intervalo temporal e os objetos de pesquisa que deverão receber maiores aportes de recursos financeiros. São as políticas científicas que determinam, por exemplo, que as pesquisas sobre Aids receberão maior aporte de recursos materiais e financeiros que aquelas sobre a Leptospirose num determinado momento histórico.

#### 4 OS INDICADORES DE AVALIAÇÃO NO CAMPO DA SOCIOLOGIA

O sociólogo está em jogo. Ele só poderá objetivar o que está em jogo e as estratégias correspondentes se tomar por objeto não somente as estratégias de seus adversários científicos, mas o jogo enquanto tal. (BOURDIEU, 1983, p. 155).

Depois de se discutir sobre os instrumentos quantitativos existentes no interior dos campos científicos para aferição de reputação acadêmica, este capítulo aborda sobre os indicadores científicos usados no campo da sociologia brasileira para avaliar o capital científico no plano institucional, isto é, dos programas de pós-graduação, e no plano individual, ou seja, dos pesquisadores que se candidatam a bolsistas de produtividade em pesquisa.

Os estudos sobre a organização científica contribuem para se conhecer a configuração dos campos científicos e suas regras de aferição de reputação. Assim, no entendimento desse estudo, o sistema de reputação da sociologia brasileira está representado na sistemática de avaliação executadas pelas duas principais agências de fomento à pesquisa do país: CAPES e CNPq, sobretudo em suas sistemáticas de avaliação da produção científica.

Essas duas agências reguladoras foram criadas na década de 50 do século XX e desde a década de 70 são responsáveis pela avaliação da produção científica dos pesquisadores brasileiros tanto no plano institucional, isto é, dos programas de pós-graduação, sob a coordenação da CAPES, quanto no plano individual, por meio da concessão de bolsas de produtividade em pesquisa, de responsabilidade do CNPq.

Os critérios de avaliação da produção científica dessas duas agências reguladoras, embora eles tratem da mesmíssima realidade que é medir a produção científica dos pesquisadores, eles se organizam de forma diferente. A CAPES, por exemplo, possui uma lógica interna de avaliação própria, em que os pesquisadores não são indivíduos isolados, pois eles são avaliados dentro de programas, mas esses são avaliados a partir da produção de cada docente, conforme explicitado no quesito quatro da ficha de avaliação. A lógica interna do CNPq considera os pesquisadores como indivíduos isolados dentro do campo, os quais são avaliados de acordo com os critérios explicitados nos editais para seleção de bolsistas de

produtividade.

#### 4.1 A CAPES

No Brasil, a formulação de critérios para avaliar a produção científica dos programas de pós-graduação e dos agentes que neles estão inseridos é de responsabilidade da CAPES.

A CAPES é uma agência de fomento à pesquisa, atualmente vinculada ao Ministério da Educação. Criada pelo decreto nº 29.741, de 11 de julho de 1951, no governo de Getúlio Dornelles Vargas (1951–1954), com o objetivo de qualificar pessoal especializado para atender a demandas dos empreendimentos públicos e privados existentes no país.

A crescente industrialização do país e o aumento da complexidade das atividades da administração pública apontaram para a necessidade de formação de especialistas e pesquisadores para atuar em diferentes ramos de atividade. Nesse sentido, em 1953, foi implantado o Programa Universitário, que se constituiu na principal linha de atuação da CAPES junto às universidades e instituições de ensino superior. Nesse período, o educador Anísio Teixeira, então secretário-geral da CAPES, empreendeu esforços para contratação de professores estrangeiros, realização de cooperação entre instituições de ensino e pesquisa, concessão de bolsas de estudos e estímulo à realização de eventos de natureza científica como forma de fortalecer a atuação da agência. (CAPES, 2011d).

Em 1961, a CAPES ganhou certo *status* no governo e ficou diretamente subordinada à Presidência da República. Porém, com a ascensão do governo militar, em 1964, Anísio Teixeira deixou o cargo e uma nova diretoria assumiu a CAPES, que voltou a se subordinar ao Ministério da Educação e Cultura. (CAPES, 2011d).

Após o ano de 1966, o governo começou a apresentar planos de desenvolvimento como resultado do crescimento das atividades científicas. Foi implantado o I Plano Nacional de Desenvolvimento, no período 1972-1974, no governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), que se voltou para os grandes projetos de integração nacional e o II Plano Nacional de Desenvolvimento, no período 1975-1979, governo do também general Ernesto Beckmann Geisel (1974-1979), que objetivava estimular a produção de insumos básicos, bens de capital, alimentos e energia.

No plano educacional, ocorreu a reforma universitária, a reforma do ensino fundamental e a consolidação do regulamento da pós-graduação, por meio do parecer 977, de 1965. No processo de reformulação das políticas setoriais, sobretudo da política de ensino superior, a CAPES ganhou novas atribuições e meios orçamentários para multiplicar suas ações e intervir na qualificação do corpo docente das universidades brasileiras. Com isso, teve papel de destaque na formulação da nova política para a pós-graduação, que se expandiu rapidamente. (CAPES, 2011d).

A crescente expansão dos programas de pós-graduação e a necessidade de garantir a qualidade das atividades por eles desenvolvidas colaboraram para que a CAPES criasse, em 1978, a sistemática de avaliação com os seguintes objetivos:

- a) estabelecer o padrão de qualidade exigido dos cursos de mestrado e de doutorado e identificar os cursos que atendem a tal padrão;
- b) fundamentar, nos termos da legislação em vigor, os pareceres do Conselho Nacional de Educação sobre autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos de mestrado e doutorado brasileiros - exigência legal para que estes possam expedir diplomas com validade nacional reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC);
- c) impulsionar a evolução de todo o Sistema Nacional de Pós-graduação (SNPG) e de cada programa em particular, antepondo-lhes metas e desafios que expressam os avanços da ciência e tecnologia na atualidade e o aumento da competência nacional nesse campo;
- d) contribuir para o aprimoramento de cada programa de pós-graduação, assegurando-lhe o parecer criterioso de uma comissão de consultores sobre os pontos fracos e fortes de seu projeto e de seu desempenho e uma referência sobre o estágio de desenvolvimento em que se encontra;
- e) contribuir para o aumento da eficiência dos programas no atendimento das necessidades nacionais e regionais de formação de recursos humanos de alto nível;
- f) dotar o país de um eficiente banco de dados sobre a situação e evolução da pós-graduação;
- g) oferecer subsídios para a definição da política de desenvolvimento da pós-graduação e para a fundamentação de decisões sobre as ações de fomento dos órgãos governamentais na pesquisa e pós-graduação.

Em 1981, através do decreto 86.791, a CAPES foi reconhecida como órgão responsável pela elaboração do Plano Nacional de Pós-Graduação, como também passou a atuar como agência executiva do Ministério da Educação e Cultura junto ao sistema nacional de ciência e tecnologia, cabendo-lhe elaborar, avaliar, acompanhar e coordenar as atividades relativas ao ensino superior. Esse papel de coordenar e avaliar a pós-graduação fortaleceu a atuação da CAPES, a qual criou mecanismos efetivos de controle de qualidade o que favoreceu o aprofundamento da sua relação com a comunidade científica e acadêmica. (CAPES, 2011d).

Na administração do presidente Fernando Collor de Mello, a CAPES foi extinta por meio da Medida Provisória nº 150, de 15 março de 1990. Esse fato desencadeou intensa mobilização em toda a comunidade científica que, com o apoio do Ministério da Educação, conseguiu reverter a medida e recriar a CAPES, em 12 de abril do mesmo ano, pela Lei nº 8.028.

A lei nº 8.405, de 09 de janeiro de 1992, que instituiu a CAPES como fundação pública, proporcionou maior vigor no desempenho de suas atividades e o esforço pela modernização dos seus serviços como forma de atender, com maior agilidade, às demandas dos programas de pós-graduação.

Um reflexo desse maior vigor na atuação da CAPES esteve refletida na implantação, em 1998, de mudanças no sistema de avaliação dos programas de pós-graduação, cuja avaliação passou a ser trienal, ao utilizar escalas de mensuração da qualidade científica que variam de 1 (um) a 7 (sete), em substituição ao sistema anterior de avaliação dos programas, aos quais se atribuíam conceitos A, B ou C.

No campo da sociologia, a reputação acadêmica de um programa de pós-graduação é mensurada por meio de critérios de avaliação pautados em quatro quesitos: produção intelectual; corpo discente, teses e dissertações; corpo docente e inserção social, os quais, somados aos seus respectivos pesos, fundamentam o quesito relativo à Proposta dos Programas. Nos quadros a seguir mostram-se os pesos desses quesitos na composição da nota final dos programas de pós-graduação da sociologia brasileira junto a CAPES.

**Quadro 5 – Critérios de avaliação dos programas de pós-graduação na trienal 2010.**

<b>Critérios</b>	<b>%</b>
<b>Produção Intelectual</b>	<b>40</b>
<b>Corpo Discente, teses e dissertações</b>	<b>30</b>
<b>Corpo Docente</b>	<b>20</b>
<b>Inserção Social</b>	<b>10</b>

Fonte: CAPES (2011a, p. 10-19).

Ao analisar os critérios esboçados no quadro acima, constatou-se que 70% da avaliação dos programas de pós-graduação na sociologia estão concentrados nos produtos científicos. Dessa porcentagem, 40% da avaliação estão pautados na produção publicada pelos docentes, sobretudo, em livros e artigos de periódicos e os outros 30% estão relacionados à produção científica dos discentes, em especial, àquelas derivadas de teses e dissertações defendidas nos programas.

Cada critério elencado acima possui os seus respectivos subcritérios, pelos quais se verifica a ocorrência ou não do item avaliado. Para que um programa de pós-graduação possa atingir os 40% no item “produção intelectual”, por exemplo, deve somar 100% nos itens dos subcritérios correspondentes.

**Quadro 6 – Subcritérios e pesos para avaliar a produção científica na trienal 2010.**

<b>Subcritérios</b>	<b>%</b>
<b>Publicações qualificadas do programa por docente permanente</b>	<b>50</b>
<b>Distribuição de publicações qualificadas em relação ao corpo docente permanente do Programa</b>	<b>40</b>
<b>Produção técnica, patentes e outras produções consideradas relevantes</b>	<b>10</b>
<b>Produção artística, nas áreas que tal produção for pertinente</b>	<b>0</b>

Fonte: CAPES (2011a, p.16-18).

Assim como há o entrelaçamento entre as dimensões, aspectos analíticos e fatores associados no modelo do sistema de reputação da ciência proposto por Whitley (2000), observa-se também certa integração no sistema de reputação proposto pela CAPES, à medida que os critérios e subcritérios da avaliação da produção científica estão articulados entre si de forma a atribuir reputação aos programas de pós-graduação.

Essa articulação pode ser observada ao se analisar o primeiro subcritério do quadro, diretamente correlacionado ao conceito obtido pelo livro e periódico no sistema de avaliação do Qualis, ou seja, quanto maior for o capital científico acumulado por um título de periódico no campo, conseqüentemente maior será o prestígio e o reconhecimento acadêmico-científico de um programa, cujos docentes e pesquisadores tenham publicado nesse título.

Como argumenta Whitley (2000), a produção científica publicada em canais prestigiados da ciência transfere reconhecimento acadêmico-científico aos seus autores, permitindo-lhes acumular maior capital científico. O controle da distribuição de reputação dentro de um campo, como já discutido, ocorre, sobretudo, por meio da produção científica comunicada nos canais formais da ciência, isto é, nos livros e periódicos.

#### **4.1.1 A avaliação dos livros**

O livro pode ser considerado como o primeiro veículo de comunicação da ciência, possibilitando conjuntamente com a tecnologia da escrita, a materialização do conhecimento produzido ao longo do tempo pela humanidade. (BURKE, 2003).

Esse artefato cultural se popularizou, no decorrer dos anos, ao mostrar que é o “[...] meio mais simples e mais eficaz de transferência do conhecimento” (BARKER; ESCARPIT, 1975, p. 8), contribuindo para o maior desenvolvimento da sociedade e da disseminação do conhecimento, ao corroborar para a preservação da memória social e histórica de diferentes nações em todo o mundo. Assim sendo,

O livro é o instrumento mais poderoso de que pode dispor uma civilização para concentrar o pensamento disperso de seus representantes e conferir-lhe toda a eficácia, difundindo-o rapidamente no tecido social, com um mínimo de custos e de dificuldades. (FEBVRE, 1992, p. 15).

O livro muito tem influenciado a formação do ser humano e a difusão de ideias e conhecimento, ao contribuir para a preservação da historicidade dos campos científicos e ao proporcionar significativa diferença na formação dos futuros pesquisadores, por permitir a esses, dentre outros aspectos, aprofundamento nas temáticas discutidas. (CARVALHO, K., 1999).

Em Thomas Kuhn (1982), os livros são tratados como verdadeiros manuais



da ciência. Para este sociólogo da ciência, a educação científica dos jovens cientistas deveriam se orientar pela leitura e apreensão dos conhecimentos veiculados por meio dos manuais científicos. Esse aspecto, para o teórico, garantiria a própria preservação e consolidação teórica e metodológica de uma área do conhecimento científico.

A importância dos livros para a consolidação teórica de um campo do conhecimento científico também é referenciada por Bufrem (2001), quando a autora lembra que o ingresso de um pesquisador no mundo científico ocorre primeiramente nas universidades, espaço por excelência da produção científica e onde o livro desempenha função essencial para a formação de pesquisadores, por trazerem questões abordadas de modo profundo e reflexivo. Para Carvalho e Manoel (2007, p. 66), esse diferencial na formação acadêmica proporcionada pelos livros está relacionado a quatro fatores: (1) por ser profundo; (2) por proporcionar reflexividade; (3) por ser especulativo e (4) ser atemporal.

Apesar dessa importância atribuída historicamente ao livro, a literatura registra que esse veículo de comunicação não recebe a devida atenção como indicador de produtividade científica. De acordo com Fiorin (1998), tal situação causa prejuízos para pesquisadores inseridos em campos do conhecimento científico que historicamente sempre valorou a produção científica publicada em livros e capítulos de livros, a exemplo do campo das ciências humanas.

Os livros têm grande relevância para algumas áreas do conhecimento. Em tais áreas, os resultados de pesquisas muitas vezes são veiculados em forma de livros ou capítulos de livros, até mesmo em função do volume de texto que o relato de algumas dessas pesquisas exige. (FIORIN, 1998, p. 30).

Esse reconhecimento do livro como indicador da produção científica, especialmente para o campo das ciências humanas, provocou debates e inquietações. O professor e pesquisador Renato Janine Ribeiro, como diretor de avaliação da CAPES, por exemplo, publicou o texto intitulado *A questão do livro de pesquisa em humanidades*, no qual apontou ser o livro ainda um buraco negro nas avaliações trienais realizadas pela CAPES. (RIBEIRO, 2011). Após alguns debates sobre a questão do livro na avaliação da produção científica, A CAPES, por intermédio do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES),

aprovou o roteiro para a classificação de livros durante a sua 111ª Reunião, realizada em 24 de agosto de 2009. (CAPES, 2011).

No campo da sociologia, esse roteiro está estruturado em três partes: (1) dados de identificação da obra, cujos dados são extraídos da ficha catalográfica dos livros; (2) aspectos formais da obra, nos quais se pontua os livros levando em conta o tipo de autoria, editoria e características adicionais e (3) avaliação do conteúdo da obra considerando os aspectos de relevância, inovação e potencialidade do impacto.

A aferição de pesos aos livros é realizada por meio de uma escala que varia em ordem crescente, classificada em quatro estratos: L1 a L4; por exemplo, um livro classificado em L3 tem um peso científico maior que outro classificado em L1. Os estratos superiores dessa classificação, L3 e L4, são reservados aos livros que tiveram maior relevância científica para o campo. Além desses níveis, a área possui estrato denominado LNC, utilizado para livros “[...] não classificáveis pelas comissões de avaliação.” (CAPES, 2011a, p. 10).

**Quadro 7 – Estratos para classificação dos livros na trienal 2010**

<b>Estrato</b>	<b>Peso</b>
<b>L4</b>	<b>10</b>
<b>L3</b>	<b>8</b>
<b>L2</b>	<b>6</b>
<b>L1</b>	<b>4</b>
<b>LNC</b>	<b>0</b>

**Fonte:** CAPES (2011a, p.10).

Após se discorrer sobre as métricas utilizadas no campo da sociologia para atribuir prestígio e reputação aos livros produzidos no campo, faz-se necessário conhecer como é avaliada a produção intelectual publicada em periódicos científicos.

#### 4.1.2 A avaliação dos periódicos

O surgimento dos periódicos científicos tem sido frequentemente associado ao de agilização da comunicação dos resultados de pesquisas científicas e, após a revolução científica do século XVII, em que ocorreu maior crescimento do número de cientistas e de suas sociedades, surge a necessidade de comunicar as ideias de forma a alcançar um público cada vez mais amplo. Assim, as cartas dão lugar aos periódicos científicos que assumem a direção no processo de comunicação científica.

Os periódicos científicos são aceitos pelos pesquisadores como o canal mais ágil no processo de comunicação científica, consolidando-se no campo científico por garantir, conforme Mueller (2000), o estabelecimento da propriedade intelectual, a preservação do conhecimento registrado e a manutenção de um padrão de qualidade.

A utilização dos periódicos científicos pelos agentes do campo científico vem sendo empregado há mais de três séculos. No entanto, com a criação dos sistemas de indexação da produção bibliográfica mundial, particularmente dos produtos da Thomson Reuters como o ISI, os periódicos passaram a ser mais utilizados para a medição da produção científica mundial.

No campo da sociologia brasileira, os periódicos científicos são avaliados por meio de instrumentos desenvolvidos pela CAPES para tal finalidade, a exemplo do sistema Qualis-periódicos, o qual classifica os periódicos científicos de acordo com o montante de capital científico acumulado pelo título. Essa classificação envolve três estratos: A, B e C, que variam conforme os critérios formulados por cada campo do conhecimento científico, como também pela categorização internacional, nacional ou local e a sua abrangência de circulação.

**Quadro 8** – Estratos Qualis para classificação dos periódicos na trienal 2010.

<b>Estrato Qualis</b>	<b>Pontuação</b>
<b>A1</b>	<b>100</b>
<b>A2</b>	<b>85</b>
<b>B1</b>	<b>70</b>
<b>B2</b>	<b>60</b>
<b>B3</b>	<b>40</b>
<b>B4</b>	<b>30</b>
<b>B5</b>	<b>10</b>
<b>C</b>	<b>0</b>

Fonte: CAPES (2011a, p.3-5).

O estrato A desdobra-se em A1 e A2 enquanto o estrato B varia de B1 a B5, cujos pesos variam de forma decrescente, ou seja, títulos classificados como B1 possuem maior reputação do que outro classificado como B4, por exemplo. Os periódicos classificados no estrato C são considerados pelo documento da área da sociologia como “[...] periódicos considerados impróprios, publicações que não possam ser classificadas em outras modalidades, como revistas de divulgação, anais ou documentação técnica.” (CAPES, 2011a p. 3). Nesse sistema, o pesquisador acumula maior capital científico quando publica em um periódico científico possuidor de maior estrato Qualis na área.

Os critérios adotados pela sociologia para classificar os títulos dos periódicos nos estratos A, B e C possuem base quantitativa e mede, por exemplo, o total de fascículos atualizados, a quantidade de títulos indexados em bases de dados nacionais e internacionais, o total de artigos publicados por fascículo, como também o total de autores vinculados a diferentes instituições da que edita o título.

Em virtude de o campo possuir poucos periódicos com fator de impacto, os títulos são classificados de acordo com a natureza da vinculação institucional dos autores com a instituição responsável pela publicação e a indexação do título em bancos de dados nacionais dotados de prestígio e reconhecimento acadêmico, como o Scielo. (CAPES, 2011a, p. 3).

## 4.2 O CNPq

Diferentemente da CAPES, que concede reputação acadêmica aos programas de pós-graduação, o CNPq afere prestígio e reconhecimento acadêmico-científico aos pesquisadores individualmente.

Desde a década de 1920 a Academia Brasileira de Ciências (ABC) acalentava o sonho de criar uma entidade governamental de fomento à pesquisa. Em 1931, a ABC sugeriu formalmente ao governo a criação do Conselho de Pesquisas, sem maiores repercussões. Em 1936, o presidente Getúlio Vargas enviou uma mensagem ao congresso sobre a questão, mas a ideia não foi bem recebida pelos parlamentares. (CNPq, 2011).

Porém, somente após a Segunda Guerra Mundial, com as discussões sobre as questões atômicas e sua importância para a ciência e para a política militar se intensificou o interesse de se institucionalizar órgãos nacionais de pesquisas científicas. Com os avanços nas pesquisas militares, o país passou a montar a sua estrutura de fomento à pesquisa. Assim, em 1946, por intermédio novamente da ABC, o governo recebe nova proposição para a criação do Conselho Nacional de Pesquisa. Foram necessários mais cinco anos para se transformar em lei essa proposta e, em 15 de janeiro de 1951, foi criado o Conselho Nacional de Pesquisas, voltado para o fomento da pesquisa científica e tecnológica e para a formação de recursos humanos para o desenvolvimento de pesquisas no país. (CNPq, 2011).

A principal linha de financiamento do CNPq sempre esteve relacionada ao apoio à formação de recursos humanos para as atividades de investigação científica, concedendo bolsas e auxílios para a pesquisa. Em um primeiro momento, havia as bolsas de estudo ou de formação e as de pesquisa. Posteriormente foram criadas as de iniciação científica, aperfeiçoamento ou especialização e estágio para o desenvolvimento técnico de profissionais, para o pesquisador assistente, para o pesquisador associado e para o chefe de pesquisa. Na década de 1950, talvez ainda por influência do esforço de guerra, concedia-se maior número de bolsas para os campos das ciências básicas ligadas à física, particularmente em estudos relativos à energia atômica. As ciências biológicas que possuíam certa tradição no país também mereceram atenção especial do CNPq. (CNPq, 2011).

Atualmente vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, o CNPq oferece várias modalidades de bolsas e auxílios aos discentes de nível médio,

graduação e pós-graduação e também aos pesquisadores mais experientes. As bolsas oferecidas pelo CNPq são divididas em duas principais categorias: bolsas individuais no país e no exterior e bolsas por cota. As bolsas individuais de fomento científico devem ser solicitadas pelo interessado diretamente ao CNPq, que avalia o pedido segundo os critérios normativos, enquanto as bolsas por cotas correspondem às bolsas de iniciação científica, iniciação tecnológica, mestrado e doutorado, as quais são ofertadas pela agência às instituições de ensino e pesquisa e aos cursos de pós-graduação. (CNPq, 2011).

Dentre as bolsas individuais, o CNPq concede as de produtividade em pesquisa - PQ, cuja totalização encontra-se no apêndice E, que pode ser considerada como uma posição privilegiada na hierarquia social dos campos científicos. Essas bolsas de produtividade, de acordo com o CNPq, são concedidas aos pesquisadores

[...] de reconhecida competência na carreira da pesquisa, com produção científica regular de valor reconhecido pelos pares, atuação na formação de recursos humanos em nível de pós-graduação, desempenho de natureza científica e acadêmica que indiquem liderança na área, e participação efetiva em algumas atividades de política e gestão científica. (CNPq, 2011a, p. 1).

Essas bolsas são agrupadas nas categorias 1, conforme pode se constatar no apêndice F, destinadas aos pesquisadores sêniores e na categoria 2, concedida aos pesquisadores júniores ou recém-integrados ao sistema de bolsas, considerando-se os níveis A, B, C e D para a categoria 1 (1A, 1B, 1C e 1D). Os pesquisadores que possuem bolsas da categoria 1 deverão ser avaliados nos últimos 10 (dez) anos e aqueles pertencentes à categoria 2, nos últimos 5 (cinco) anos, levando-se em consideração a sua contínua produção científica. (CNPq, 2011a).

Para avaliar o capital científico dos candidatos ao posto de bolsista de produtividade em pesquisa, o CNPq estabelece sistemática de avaliação pautada em critérios quantitativos visíveis no quadro 9. Faz-se necessário destacar que a sistemática de avaliação da produção científica proposta pela CAPES se apresenta mais detalhadamente quando comparada com o CNPq, uma vez que a CAPES se preocupa em conceituar o que é um livro e um periódico científico mostrando os pesos e as métricas utilizadas para mensurar esses dois artefatos produzidos no

campo.

**Quadro 9** – Critérios vigentes para a concessão de bolsas de produtividade em pesquisa.

<b>Critérios</b>	<b>%</b>
<b>Produção científica.</b>	60
<b>Formação de recursos humanos.</b>	20
<b>Coordenação ou participação em projetos de pesquisa.</b>	15
<b>Atividades editoriais ou de gestão, de administração de instituições e núcleos de excelência científica e tecnológica, organização e coordenação de formação de recursos humanos e de intercâmbio de pesquisadores, e de eventos acadêmicos de repercussão para a área; e contribuição para inovação.</b>	05

Fonte: CNPq (2011a).

Como se pode perceber, tanto a sistemática de avaliação da CAPES quanto a do CNPq mensuram diferentes aspectos do trabalho acadêmico-científico e a dimensão relativa à produção científica possui maior peso na aferição dessa reputação em ambas as agências de fomento.

#### 4.3 A EXPECTATIVA DA CAPES E DO CNPQ NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Os critérios de avaliação da produção científica estabelecidos pela CAPES e pelo CNPq são especialmente interessantes porque parecem colocar ao alcance de todos nós, representados por números e equações matemáticas, quem deve obter a reputação acadêmica dentro de um campo, isto é, acumula maior capital científico quem conseguir produzir em títulos de periódicos melhor classificados nos estratos Qualis da CAPES, por exemplo.

Esses critérios mostram, na prática, como funciona o sistema que atribui reputação aos pesquisadores da sociologia brasileira e indicam maior profissionalização da atividade científica no campo, em que se pressupõe que as trocas de favores e as relações de amizade não devam interferir na concessão de prestígio e reconhecimento acadêmico. O quadro abaixo mostra os critérios objetivos do sistema de reputação da sociologia no Brasil, no que diz respeito à produção científica.

**Quadro 10** – Sistematização dos critérios de avaliação da produção científica da CAPES e CNPq.

<b>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO</b>	<b>CAPES</b>	<b>PRODUÇÃO EM LIVROS</b>	Espera-se do docente pesquisador que ele tenha produzido pelo menos 01 livro no triênio publicado por editora universitária ou comercial de grande circulação nacional ou internacional.
		<b>PRODUÇÃO EM PERIÓDICOS</b>	Espera-se do docente pesquisador que ele tenha publicado no mínimo entre 6 e 7 artigos durante todo o triênio nos estratos superiores do campo, isto é, (A1, A2 e B1).
	<b>CNPQ</b>	<b>PRODUÇÃO EM LIVROS</b>	Espera-se do candidato à bolsista de produtividade PQ1A que ele tenha publicação contínua e regular de pelo menos 01 livro de autoria publicado por editora universitária ou comercial de grande circulação nacional ou internacional.
		<b>PRODUÇÃO EM PERIÓDICOS</b>	Espera-se do candidato à bolsista de produtividade PQ1A que ele tenha uma publicação contínua e regular de pelo menos 05 artigos em periódicos científicos classificados nos estratos A1 ou A2.

Fonte: CAPES (2011a) e CNPq (2011a).

Apesar dos critérios de avaliação da produção científica da CAPES e do CNPq possuírem lógicas internas próprias, como foi discutido neste capítulo, ao se observar o quadro acima é possível perceber alguns sinais de correlação entre as expectativas de ambas as agências de fomento. Tanto a CAPES quanto o CNPq concedem maior reputação acadêmica aos pesquisadores que produzem livros publicados por editoras universitárias ou comerciais de grande circulação nacional e internacional, bem como àqueles que publicam em títulos de periódicos dotados de boa classificação nos estratos Qualis da CAPES.



## 5 PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA LITERATURA

Após se discutir sobre as métricas da avaliação científica utilizadas no campo da sociologia brasileira para conceder reputação acadêmica aos agentes e as instituições do campo, este capítulo traz os resultados da revisão de literatura onde se propôs obter uma visão geral do estado da arte em relação ao tema da investigação. Para tanto, selecionaram-se trabalhos publicados recentemente, cujos autores aplicaram a mesma fundamentação teórica dessa pesquisa, bem como pesquisas que trataram sobre a produção científica no campo das ciências humanas e sociais aplicadas.

Na seção 5.1, Bourdieu e Whitley nos estudos de produção científica, estão referenciados cinco trabalhos. O primeiro articula as ideias de Bourdieu e de Whitley ao discutir o campo científico em uma perspectiva simbólica e organizacional. O segundo trabalho busca aplicar os conceitos de campo científico e sistema de reputação da ciência sobre dados empíricos da produção científica publicada pelos pesquisadores da biblioteconomia e ciência da informação da Espanha. O terceiro trabalho analisa a organização social e intelectual de um grupo de professores de dois programas de pós-graduação em ciências sociais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). No quarto trabalho, o autor realiza um *survey* com 148 cientistas de cinco departamentos da UFMG ao aplicar o modelo do sistema de reputação da ciência e o quinto trabalho aborda as dimensões de incerteza de tarefa e dependência mútua de Whitley para explicar as práticas acadêmicas do mundo digital.

A seção 5.2, Estudos de produção científica nas ciências humanas e sociais aplicadas, traz nove trabalhos empíricos que mapearam a produção científica de pesquisadores do campo das ciências humanas e sociais aplicadas. Os quatro primeiros trabalhos investigaram a produção científica de bolsistas de produtividade em pesquisa e os outros cinco referem-se à produção intelectual de docentes e pesquisadores que não possuem bolsas de produtividade; desses, dois foram realizados no campo da sociologia.

A partir da análise desses quatorze trabalhos, elaborou-se o Quadro 11, que objetivou mapear a literatura a partir dos interesses da pesquisa, a saber: (1) trabalhos que analisaram a produção de bolsistas; (2) trabalhos que analisaram a produção de não bolsistas; (3) trabalhos que utilizaram técnicas quantitativas para

tratamento dos dados; (4) trabalhos que possuem fundamentação teórica semelhante a esta dissertação; (5) trabalhos que avaliaram a produção científica na sociologia e (6) trabalhos que buscaram estabelecer uma relação causal entre critérios de avaliação e a efetiva produção científica.

**Quadro 11 – Mapa da revisão de literatura.**

Trabalhos acadêmicos revisados	Textos que abordam a produção de bolsistas	Textos que abordam a produção de não bolsistas	Textos que empregam técnicas quantitativas	Textos que utilizam fundamentação semelhante a esta pesquisa	Textos que abordam a produção científica na sociologia	Textos que abordam a relação entre critérios de avaliação e produção científica
(1) Shinn e Ragouet (2008)				X		
(2) Minguillo (2010)			X	X		
(3) Veiga (1992)				X		
(4) Beato (1998)		X	X	X		
(5) Fry e Talja (2007)			X	X		
(6) Silva et al. (2003)	X		X			
(7) Mueller (2005)	X		X			
(8) Chalhub et al (2010)	X		X			
(9) Aguiar (2011)	X		X			
(10) Machado et al (2005)		X	X			
(11) Nascimento (2005)		X	X			
(12) Sacardo (2006)		X	X			
(13) Maranhão (2010)		X	X	X	X	
(14) Santana et al. (2011)		X	X		X	

**Fonte:** Elaboração própria do autor.

Ao se analisar o quadro acima, constata-se, primeiramente, que nenhum dos estudos revisados até então tratou de avaliar, ao mesmo tempo, a produção científica de dois grupos distintos de pesquisadores: bolsistas de produtividade, considerados pelo CNPq e pelas comunidades científicas como os mais produtivos, e os egressos dos cursos de doutorado que lutam para conquistar prestígio e reputação nos campos científicos. O quadro revela também a predominância de estudos que se utilizaram das técnicas quantitativas para identificar e mapear a produção científica dos grupos analisados.

Por outro lado, os dados acima permitem perceber que apenas dois trabalhos, (13) e (14), caracterizaram a produção científica no campo da sociologia, o que indica, portanto, a necessidade de novos estudos que possam contribuir para ampliar o conhecimento sobre a produção da sociologia no Brasil.

No que concerne aos trabalhos que aplicaram a mesma fundamentação teórica utilizada da presente pesquisa, o Quadro 11 mostra que apenas cinco apresentaram fundamentos teóricos semelhantes. Acredita-se que tal decisão visou enriquecer as análises e interpretações dos dados empíricos coletados, embora boa parte dos estudos esteja direcionado para os aspectos quantitativos da produção, sem apresentar análises contextuais e epistêmicas.

Por fim, mas não menos importante, o Quadro 11 revela também qual é a principal contribuição da pesquisa para a literatura científica, ao mostrar que nenhum dos trabalhos revisados aplicou metodologia semelhante a desta proposta de pesquisa, a qual busca constatar se há causalidade entre os critérios de avaliação fixados pelas agências CAPES e CNPq e a efetiva produção científica do campo da sociologia brasileira no triênio 2007-2009.

## 5.1 BOURDIEU E WHITLEY NOS ESTUDOS DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA

O primeiro trabalho a merecer destaque é o estudo realizado por Terry Shinn e Pascal Ragouet (2008), que oferece perspectiva compreensiva sobre a estrutura organizacional dos campos científicos. Os autores associam a visão de Bourdieu à concepção de Whitley, considerando que estes teóricos usam “[...] o mesmo conceito central de campo científico.” (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 124). Para os autores, a análise de Bourdieu recai sobre o aspecto simbólico do campo científico e de todos

os elementos que o constituem, enquanto a análise de Whitley recai sobre a perspectiva mais organizacional dos campos científicos.

Terry Shinn e Pascal Ragouet, a partir da confrontação entre as duas teorias, elencaram três contribuições para os estudos sobre a sociologia da ciência. A primeira delas é o campo científico se distinguir dos demais campos sociais e o controle dos trabalhos dos cientistas se realizar por meio dos sistemas de reputação. Em segundo lugar, a ciência é vista como organização de controle organizacional e por último, os autores afirmam que tanto Bourdieu quanto Whitley ligam-se pela ideia de disciplina do campo científico.

Para Shinn e Ragouet (2008), Bourdieu afirma que mesmo em disciplinas dotadas de estabilidade em decorrência de seu caráter institucional e histórico, há sempre lutas em suas fronteiras. Whitley também busca mostrar que a realidade não é fictícia e que as disciplinas sofrem modificações tanto do ponto de vista social quanto intelectual.

A pesquisa de David Minguillo (2010) analisou a produção intelectual dos pesquisadores da área de biblioteconomia e ciência da informação da Espanha, no período 1999 a 2007, publicada sob a forma de artigo de periódico científico, é outro trabalho interessante que aplicou os conceitos de Bourdieu e Whitley sobre dados empíricos da produção científica, o qual aproxima-se do objeto de estudo da dissertação. Pela coleta realizada na base de dados Scopus, o autor identificou todos os artigos de periódicos científicos que tinham pelo menos um autor filiado à uma instituição espanhola. Os resultados do estudo revelaram que a comunidade estudada, constituída por 810 autores, utilizou 50 títulos de periódicos científicos para comunicar os resultados de pesquisas com média de 16 autores por periódico.

Laura da Veiga (1992) realizou trabalho aplicando os conceitos de campo científico e sistema de reputação da ciência para analisar a organização social e intelectual de um grupo de professores que fizeram parte da história de constituição de dois programas de pós-graduação na área das ciências sociais na Universidade Federal de Minas Gerais: Ciência Política e Sociologia. Por meio da aplicação do modelo de Whitley, a autora mostrou que os dois programas estiveram sensíveis aos estrangimentos institucionais, normativos e financeiros exercidos pelas políticas governamentais estabelecidas tanto pela universidade, quanto pelas agências de fomento à pesquisa. O estudo revelou que houve variações na forma como cada um dos programas conduziu os seus processos de consolidação e sensibilização. Os

dois programas apresentaram níveis variados de controvérsia teórico-metodológica e consensos. Para a autora, este processo indicou a pertinência das dimensões do contexto salientadas por Richard Whitley.

Em Cláudio Beato (1998) encontram-se dados de um *survey* realizado com 148 cientistas de cinco departamentos da UFMG: Física, Química, Demografia, Economia, Ciência Política/Sociologia. “[...] no intuito de estabelecer uma base para a discussão de abordagens de natureza cognitiva *versus* abordagens institucionais no estado da ciência.” (BEATO, 1998, p. 2). O autor buscou discutir a consistência interna do modelo teórico de Whitley em relação aos dados empíricos coletados. O estudo analisou diferentes aspectos da organização científica dos 148 pesquisadores da UFMG, inclusive as características de sua produção científica, que é, segundo Whitley (2000), o núcleo do modelo organizacional da atividade científica e o principal meio pelo qual se exerce o controle da reputação dentro do campo. “O elemento central dos sistemas de reputação é o desenvolvimento de padrões de avaliação que controlarão resultados de pesquisas através de publicações.” (BEATO, 1998, p. 8). A pesquisa considera um campo do conhecimento científico bem consolidado quando esse possui regras e procedimentos de produção e avaliação científicas definidas entre os pares-concorrentes (alto grau de consenso entre os pesquisadores), corroborando o aperfeiçoamento dos mecanismos de controle das atividades e atribuição de reputação. Beato (1998) evidencia que estas regras são bem definidas nas chamadas *hard sciences*, nas quais a presença de padrões de treinamento entre os cientistas, bem como a existência de manuais ou livros-texto por meio dos quais se realizam a educação científica são mais aceitos, possibilitando a padronização na avaliação de competências e habilidades entre os seus pesquisadores.

Por fim, Jenny Fry e Sanna Talja (2007) realizaram pesquisa em que analisam as diferenças disciplinares na produção, relevância e uso de três gêneros contemporâneos de comunicação científica na internet: as listas de discussão acadêmicas; as *homepages* acadêmicas e os recursos digitais produzidos de forma descentralizada. O objetivo do trabalho consistiu em desenvolver um quadro teórico para compreender e explicar as diferenças disciplinares na formação dos recursos digitais. Para tanto, as autoras aplicaram a teoria de Whitley sobre a organização social e intelectual do campo científico para tentar explicar a variação nas formas e tipos de recursos digitais existentes no interior dos campos científicos. As autoras

adotaram as dimensões de incerteza de tarefa e dependência mútua de Whitley (2000) para analisar as práticas acadêmicas do mundo digital. Os dados empíricos abrangem sete campos intelectuais entre as ciências naturais, ciências da saúde, humanidades e ciências sociais. A análise mostra que, enquanto existirem similaridades na produção de informações acadêmicas na internet, a teoria de Whitley pode contribuir para identificar e compreender a diversidade e heterogeneidade das comunicações eletrônicas existentes dentro dos campos sociais e tecnológicos.

## 5.2 ESTUDOS DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Em Silva, Menezes e Pinheiro (2003) encontra-se o relato de uma pesquisa em que as autoras avaliaram a produção científica dos professores com bolsa de produtividade nas áreas de ciências humanas e sociais aplicadas. Por meio de um estudo exploratório e descritivo, as autoras selecionaram a amostra de pesquisadores constituída pelos bolsistas vinculados a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR). Os resultados da pesquisa mostraram, dentre outros aspectos, que os bolsistas publicam mais em artigos de periódicos, seguidos pelos anais de congressos científicos. A produção de livros apresentou-se em quantidade inferior quando comparada aos demais tipos de publicações científicas.

Suzana Mueller (2005) resgata neste artigo a discussão sobre as áreas do conhecimento e seus canais preferenciais da ciência. A autora parte do pressuposto de que pesquisadores de variadas áreas do conhecimento científico preferem diferentes canais para comunicar seus resultados de pesquisas. Ao pretender verificar como se configura a escolha de canais e se essa prática se confirma na literatura, a autora levanta dados empíricos, na Plataforma Lattes do CNPq, de um grupo de 226 bolsistas de pós-doutorado do programa de estágio pós-doutoral da CAPES, pertencentes a oito grandes áreas do conhecimento estabelecidas por essa agência. Trata-se de uma amostra intencional, justificada pelo fato de esses pesquisadores estarem em plena atividade de pesquisa. Os resultados da pesquisa se aproximaram da literatura ao evidenciar que, de fato, os pesquisadores que

trabalham nas áreas de ciência exatas, biológicas e da saúde preferem publicar mais em periódicos internacionais, ao passo que os pesquisadores das ciências humanas e sociais aplicadas publicam mais em livros ou capítulos de livros.

No campo do serviço social, Chalhub e Oliveira (2010) realizaram pesquisa panorâmica sobre a produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa PQ-1 do período 2005 a 2009. Por meio de pesquisa na Plataforma Lattes do CNPq, as autoras mostraram que esses bolsistas estão vinculados predominantemente a programas de pós-graduação de instituições públicas, localizados, sobretudo, na região sudeste do país e que, em sua grande maioria, a produção científica é publicada sob a forma de capítulos de livros, seguido de trabalhos completos em anais de congressos, artigos de periódicos e livros. As autoras concluíram que os bolsistas de produtividade do campo do serviço social publicaram mais sob a forma de capítulos de livros, em idioma nacional e que sua rede de colaboração científica ainda é considerada baixa em decorrência do elevado número de publicações em forma de autoria única. Na leitura e análise deste trabalho percebeu-se resistência por parte das autoras em afirmarem que o livro realmente não mais parece ser o principal veículo de comunicação no campo das ciências sociais, apesar dos dados empíricos mostrarem que esse foi o canal de comunicação menos utilizado pelos pesquisadores para comunicar os resultados de pesquisas.

No campo da história encontra-se a dissertação de Aguiar (2011), que investiga a produção científica de todos os bolsistas de produtividade em pesquisa PQ 1 nos últimos 24 anos. Por um estudo bibliométrico, a autora constata que a produção científica em História vem crescendo no decorrer dos anos e que os programas de pós-graduação estão concentrados na região sudeste do país especialmente nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Em relação à produção científica, assim como Chalhub e Oliveira (2010), a autora insiste em afirmar que o livro ainda é considerado o principal canal de comunicação em história. No entanto, os dados empíricos apontam o contrário e mostram que, em termos quantitativos, os pesquisadores desse campo do conhecimento científico utilizam mais frequentemente os artigos de periódicos científicos para veicular os resultados de pesquisas. A dissertação conclui que o pesquisador da história publica seus trabalhos predominantemente em idioma nacional e sob a forma de autoria única.

Em relação à produção científica de docentes destituídos de bolsa de produtividade em pesquisa no campo das ciências humanas e sociais aplicadas

estudaram-se três pesquisas. Machado e Meirelles (2005) caracterizaram a produção científica dos docentes da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, no período 1995 a 1999. Os autores coletaram dados no Catálogo de Produção Científica, Literária e Artística e no Sistema de Produção Docente, ambos publicados pela UFBA. Os resultados da pesquisa revelaram que a produção de artigos de periódicos superou os demais tipos de publicações científicas na produção desses pesquisadores, o português é o idioma de maior incidência e a autoria única predominante.

Nascimento (2005), em tese de doutorado, avalia a produção científica de duzentos antropólogos que atuavam como professores nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia aprovados pela CAPES. A partir da análise dos currículos disponíveis na Plataforma Lattes do CNPq e de entrevistas estruturadas encaminhadas aos pesquisadores, a autora constata que a produção científica em antropologia é comunicada principalmente por meio da publicação em periódicos científicos. Para a autora, após a criação dos sistemas de indexação da produção bibliográfica mundial, particularmente do ISI, os periódicos passaram a desempenhar papel preponderante e fundamental na aferição da produtividade científica em escala mundial. Para ela, essas seriam as razões pelas quais os pesquisadores estariam publicando, com maior frequência, em periódicos científicos. Ao analisar este trabalho, pode-se perceber que sua grande limitação relaciona-se ao fato de que parte de seus resultados é opinativo, isto é, limitado à visão individual de cada antropólogo entrevistado que falaram sobre as potencialidades e fragilidades do sistema de avaliação da produção das agências de fomento à pesquisa.

Sacardo (2006) traz dados sobre a produção científica dos egressos dos programas de pós-graduação no campo da educação física e especial. Por meio de coleta de dados na Plataforma Lattes do CNPq, a autora constatou que a produção de artigos de periódicos científicos no campo superou todos os demais tipos de produção e, para a autora, esse fato estaria relacionado às pressões da CAPES e do CNPq sobre a produção científica dos pesquisadores do campo. Os resultados do estudo tornam-se frágeis em razão de a autora não demonstrar empiricamente esta pressão dos organismos de fomento sobre a produção intelectual dos egressos, pois suas conclusões foram elaboradas com base em suposições sobre tais relações.

No campo da sociologia, foram encontrados apenas dois trabalhos que trataram especificamente sobre produção científica do campo.



Maranhão (2010), em tese de doutorado, analisa, por intermédio de rico referencial teórico sustentado em Bourdieu, as condições de autonomia da sociologia brasileira, por meio da produção científica publicada no campo entre 1999 e 2008. A autora buscou conhecer os temas prioritários da política científica e tecnológica do campo, cruzando-os com os temas publicados nos livros e artigos de periódicos científicos produzidos pelos programas de pós-graduação em sociologia. Os resultados da pesquisa mostraram que o que se produz na sociologia não está relacionado diretamente aos assuntos delineados pelo fomento público federal: encontraram-se poucas pesquisas com muitos recursos e, ao mesmo tempo, a tendência crescente na quantidade de pesquisas com poucos recursos. A pesquisa aponta também a existência de número elevado de trabalhos escritos sob a forma de autoria única. Além disso, os dados revelaram que os atores (individuais e institucionais) que publicaram livros não são os que mais publicam artigos, o que pode indicar lógicas de produção e de acesso às publicações diferentes. Para Maranhão (2010), o fato marcante da pesquisa foi revelado a partir do momento em que se constatou empiricamente a reprodução da dominação de certas Instituições de ensino superior no campo sociológico. Num grupo de 14 Instituições de Ensino Superior (IES) acima da média na produção de artigos, de livros, de projetos e de fomento federal recebido, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), USP e Universidade de Campinas (Unicamp) encontram-se no primeiro patamar de produtividade.

O trabalho de Santana *et al.* (2011) trata da caracterização da produção científica dos docentes do programa de pós-graduação em sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no triênio 2007-2009. Assim como alguns trabalhos já revisados, os autores dessa pesquisa obtiveram dados na Plataforma Lattes do CNPq, a mostrar que os docentes do campo da sociologia produzem mais artigos de periódicos científicos e, na sequência, capítulos de livros.

## 6 PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA SOCIOLOGIA BRASILEIRA

Este capítulo apresenta detalhes da metodologia utilizada para a realização deste trabalho, bem como os dados empíricos coletados sobre os programas de pós-graduação com curso de doutorado em sociologia no Brasil. Inclui-se a trajetória acadêmica e a produção científica dos dois grupos de sociólogos que compuseram o universo da pesquisa.

### 6.1 METODOLOGIA

#### 6.1.1 A abrangência da pesquisa

No Brasil, as áreas do conhecimento são classificadas pelo CNPq e pela CAPES, por meio das suas tabelas de áreas. Na pesquisa, para efeito de delimitação das áreas que compõem as ciências humanas, adotou-se a classificação elaborada pela CAPES. De acordo com a citada tabela, as ciências humanas são compostas das seguintes áreas do conhecimento: antropologia, arqueologia, ciência política, educação, filosofia, geografia, história, psicologia, sociologia e teologia.

**Quadro 12** – Cursos de doutorado na grande área das ciências humanas.

ÁREAS DE AVALIAÇÃO	CURSOS DE DOUTORADO
Antropologia	13
Arqueologia	2
Ciência Política	16
Educação	55
Filosofia	16
Geografia	21
História	30
Psicologia	41
Sociologia	34
Teologia	7
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>235</b>

Fonte: CAPES (2011).

Como se observa no quadro acima, das dez áreas do conhecimento científico, a sociologia ocupa a terceira posição em número de cursos de doutorado, considerada disciplina clássica composta de um conjunto de conceitos, técnicas e métodos voltados para a tentativa de explicar a vida em sociedade.

No Brasil, a sociologia se institucionalizou academicamente em meados da década de 1930, com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1933, e com a Seção de Sociologia e Ciência Política da Faculdade de Filosofia da USP, em 1934. As tentativas de relacionar o ensino e a pesquisa em sociologia, ainda que limitadas e parciais em ambas as instituições, demarcam o início da chamada etapa da sociologia científica, a qual viria a ter seu apogeu ao final dos anos 50. (LIEDKE FILHO, 2005).

Os esforços da sociologia para alcançar patamares superiores de institucionalização no Brasil ocorriam desde o meado dos anos 50, reforçando-se depois de 1964, apesar do fechamento de instituições como o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), o qual funcionou como centro irradiador de ideias sobre o desenvolvimento no país.

A expansão do processo de institucionalização da sociologia no Brasil teve seu centro de gravitação na criação dos cursos de pós-graduação que surgiram como centros de ensino e pesquisa, especialmente após a Reforma Universitária de 1968, tendo como contraponto a criação de entidades privadas que congregavam intelectuais, a exemplo do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e o Centro de Estudos e Educação Contemporânea (CEDEC). (LIEDKE FILHO, 2005; MARTINS *et al.*, 2002).

A pós-graduação na área da sociologia no Brasil teve início no final dos anos 60 quando da criação do Mestrado na UFPE. De acordo com Martins *et al.* (2002), em 1980, existiam 15 cursos em nível de pós-graduação na área, dos quais 13 em nível de mestrado e dois em nível de doutorado, um ofertado pela USP e outro pelo IUPERJ.

Na década de 90, foram criados mais 12 cursos de mestrado e 16 cursos de doutorado nas diferentes regiões do país, mostrando a crescente expansão dos cursos de pós-graduação na área e, conseqüentemente, maior consolidação institucional da sociologia no Brasil. Em 2000, ainda conforme Martins *et al.* (2002), foram criados mais dois cursos, um mestrado na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e um doutorado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Atualmente, o campo científico da sociologia brasileira conta com 84 cursos de pós-graduação na área; desses, 48 mestrados acadêmicos, 34 doutorados e 2 mestrados profissionais, conforme pode ser verificado no apêndice D deste trabalho.

### 6.1.2 O universo

Esta pesquisa pretende estudar a trajetória acadêmica e a produção científica de dois grupos de pesquisadores que atuam no campo da sociologia brasileira: os bolsistas PQ 1A e os egressos.

O *primeiro grupo* de bolsistas PQ 1A totaliza vinte pesquisadores com média de tempo de titulação no doutorado de aproximadamente trinta anos. Todos os bolsistas analisados são docentes permanentes e integram nove programas de pós-graduação localizados, sobretudo, nas regiões sul e sudeste do país. Um bolsista trabalha em um programa localizado no nordeste e outro atua no centro-oeste do país; observa-se predominância de bolsistas que são docentes permanentes em instituições públicas de ensino e pesquisa.

O *segundo grupo* de pesquisadores é constituído de vinte e dois egressos dos cursos de doutorado em sociologia. O critério utilizado para selecionar esses pesquisadores é o fato de não serem bolsistas, terem titulação recentemente e atuarem como docentes permanentes em programas de pós-graduação no país, o que remete a ideia de pesquisadores novatos do campo, tal como discutido nas obras de Bourdieu (1983, 2001, 2004).

Todos os sociólogos analisados na pesquisa são possuidores de títulos de doutorado e estão atuando em programas de pós-graduação no campo da sociologia. Mapearam-se assim todos os cursos de doutorado em sociologia e ciências sociais. Nesse levantamento é possível conhecer a localização geográfica dos programas, o ano de início de cada um deles, os conceitos obtidos na trienal 2010 e o número de docentes em relação aos programas.

### 6.1.3 As fontes de coleta de dados

O trabalho de coleta de dados se apoiou na base do CNPq, que disponibiliza informações sobre os bolsistas de produtividade e nos cadernos de indicadores da CAPES, que contém dados sobre os programas de pós-graduação. Em seguida pesquisou-se na Plataforma Lattes do CNPq dados sobre a trajetória e a produção científica dos bolsistas PQ1A e dos egressos.

Para qualificar os dados sobre a produção científica publicada em periódicos científicos utilizou-se a base de dados Web Qualis, da CAPES e o CCN.

Com relação aos critérios de avaliação da produção científica na sociologia, utilizou-se o documento de área e o relatório de avaliação da CAPES, bem como os critérios para concessão de bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq.

O CNPq disponibiliza, em seu sítio, o *link* que permite o acesso a qualquer cidadão à relação de bolsistas de produtividade em pesquisa. Esta pesquisa pode ser realizada de qualquer computador interligado à internet pelo nome completo do pesquisador, caso o usuário o conheça, pela área do conhecimento das bolsas em curso ou pela sigla da instituição. Acredita-se ser esta uma das principais formas pela qual se pode ter acesso aos nomes dos bolsistas de produtividade em pesquisa no Brasil.

Em relação aos cadernos de indicadores, estes contêm informações, as quais são enviadas anualmente por todos os programas brasileiros de pós-graduação para a CAPES, por meio de coleta de dados.

No momento, esses cadernos são compostos por onze tipos diferentes de documentos: PT – Produção Técnica; DI – Disciplinas; PO – Proposta do Programa; DP – Docente produção; TE – Teses e Dissertações; PA – Produção Artística; LP – Linhas de Pesquisa; DA – Docente Atuação; PB – Produção Bibliográfica; CD – Corpo Docente, Vínculo Formação; PP – Projetos de Pesquisa, sendo que todos eles estão disponíveis eletronicamente no portal da CAPES.

Para efeito da pesquisa, utilizaram-se especificamente informações disponíveis no caderno intitulado “Corpo Docente, Vínculo Formação”, que mostra dados sobre os docentes que atuam em programas de pós-graduação, a exemplo da categoria do vínculo e dados sobre a titulação do doutorado. (CAPES, 2011).

A Plataforma Lattes, base de dados amplamente utilizada para a realização da pesquisa, possui este nome em homenagem ao pesquisador Cesare Lattes e

corresponde aos resultados dos esforços do CNPq na integração de bases de dados de currículos e instituições que atuam na área de ciência e tecnologia no país. (CNPq, 2011c).

A Plataforma é de livre acesso e pode ser consultada de qualquer computador interligado à internet. Nela está disponibilizada a base de currículos que torna pública a trajetória profissional e acadêmica dos pesquisadores e as referências de suas produções acadêmicas, profissionais e artísticas.

O currículo disponibilizado na Plataforma Lattes passou a ser adotado como critério de seleção para os cursos de pós-graduação existentes no país constituindo-se num instrumento de importância para a avaliação da competência científica do pesquisador. Os campos do currículo disponíveis na Plataforma Lattes são preenchidos pelos próprios pesquisadores – dados pessoais, formação acadêmica e titulação, atuação profissional, linha de pesquisa, projetos de pesquisa, áreas de atuação, idiomas de domínio, prêmios, produção bibliográfica e participação em eventos.

Objetivando maior dinamização da Plataforma Lattes, o CNPq vem firmando parcerias com diversas instituições, a exemplo do SciELO, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), SCOPUS, Crossref e, por último, com a Receita Federal do Brasil, o que possibilitou ampliar os recursos informacionais aos consulentes da base. (CNPq, 2011b).

Apesar da abrangência da Plataforma Lattes, que passou a ser amplamente adotada por todos os campos do conhecimento para avaliar as competências científicas dos pesquisadores, cujas informações estão disponíveis para acesso público, via rede mundial de computadores, alguns problemas ainda persistem na base, como equívocos realizados pelos pesquisadores no preenchimento dos campos dos currículos e complicações de ordem tecnológica.

Um dos problemas no preenchimento dos dados na base relaciona-se ao esquecimento do pesquisador quanto ao lançamento de informações retrospectivas de suas atividades acadêmicas. Por exemplo, ao encerrar um projeto de pesquisa, o pesquisador não inclui essa informação na plataforma e, também, o preenchimento equivocado de dados que não pertencem a determinados campos da base, causando inconsistência das informações disponibilizadas em muitas situações.

Os problemas de ordem tecnológica quase sempre estão associados ao fato de a plataforma ter sido criada na década de 80 e ter passado por diferentes

atualizações que ocasionaram várias migrações de dados, até chegar a versão mais recente. No início, o pesquisador preenchia seu currículo em uma versão *off line*, gravando-o em um disquete e enviando-o ao CNPq. Entretanto, somente a partir dos anos 90 o CNPq desenvolveu o sistema que integra antigas e novas informações. (CNPq, 2011c).

A despeito dos problemas apontados anteriormente, vale ressaltar que durante o desenvolvimento desse estudo não se detectou erros em relação ao preenchimento de dados por parte dos sociólogos analisados e a totalidade desses mantiveram seus currículos atualizados, com informações lançadas corretamente nos campos da plataforma.

Outra fonte utilizada para coleta de dados foi o WebQualis. Este aplicativo é utilizado pela CAPES para classificar os veículos de divulgação da produção intelectual produzido pelos programas de pós-graduação. Implantado em 1998, tem sido adotado pela agência para a composição de indicadores de avaliação da pós-graduação. (CAPES, 2011c).

Apesar de todos os veículos de divulgação da produção científica ser passível de classificação, este aplicativo ainda hoje é utilizado somente para classificar a produção publicada em periódicos e eventos científicos.

A outra fonte utilizada na pesquisa foi o CCN, coordenado pelo IBICT, que corresponde à rede cooperativa que disponibiliza informações sobre publicações periódicas técnico-científicas reunidas em centenas de catálogos distribuídos nas diversas bibliotecas do país. (IBICT, 2011).

Consultou-se ainda o documento de área e o relatório de avaliação da sociologia, documentos produzidos, a cada triênio, pelos coordenadores da área junto à CAPES, contendo os critérios e as métricas pelas quais se avaliam os programas de pós-graduação na sociologia, dentre outras informações.

Por último, consultaram-se as normas para concessão de bolsas no país e normas específicas do Comitê de Assessoramento da sociologia, no qual estão expressos os critérios utilizados pelo CNPq para conceder bolsas de produtividade em pesquisa.

#### 6.1.4 Os procedimentos adotados para a coleta de dados

*Para identificar os bolsistas PQ1A* procedeu-se a um levantamento no sítio do CNPq, nos ícones Bolsas, Bolsas Individuais no País, Produtividade em Pesquisa (PQ), Consulta PQ – Bolsas em curso, buscando-se o grupo de pesquisadores da sociologia. Esse primeiro levantamento gerou o total de 182 pesquisadores, dos quais foram selecionados apenas os de nível PQ1, perfazendo o universo de 20 bolsistas.

No que tange à *identificação dos egressos*, realizou-se ampla pesquisa documental no caderno de indicadores “Corpo Docente, vínculo formação” de todos os programas de pós-graduação da sociologia no Brasil, na qual foram selecionados todos os docentes-pesquisadores vinculados aos PPGs como docentes permanentes e que foram titulados nos últimos cinco anos, isto é, entre 2005 e 2009, uma vez que a pesquisa teve início em 2010. Esse mapeamento gerou a relação de 22 egressos.

Para coletar os dados sobre o *perfil acadêmico e produção científica* desses pesquisadores foram elaboradas matrizes de coleta de dados, conforme apêndice G e H. Na coleta realizada na Plataforma Lattes analisou-se especificamente os seguintes itens: dados pessoais, formação acadêmica/titulação, atuação profissional, área de atuação e produção bibliográfica.

No item *produção bibliográfica*, procurou-se identificar a produção científica registrada sob a forma de artigos completos publicados em periódicos, livros publicados, capítulos de livros publicados e trabalhos completos publicados em anais de congressos.

Para caracterizar a *produção científica publicada em periódicos científicos*, recorreu-se a bancos de dados sobre publicação periódica, a exemplo do Qualis/CAPES e o CCN. No WebQualis buscou-se o estrato dos títulos de periódicos mapeados, de acordo com a avaliação realizada pela comissão da sociologia referente à trienal 2010. Por meio do CCN foi possível validar dados sobre os títulos de periódicos produzidos pelos pesquisadores.

Vale salientar que durante a realização da pesquisa se tentou, de diversas formas, porém sem sucesso, o acesso ao documento que contém informações sobre a classificação dos livros referentes à trienal 2010, de modo a enriquecer as análises sobre a produção científica dos sociólogos investigados. O endereço eletrônico



(<http://.sociologiacapes.net.>), criado pela Coordenação da sociologia para que os programas cadastrassem a sua produção em livros no triênio 2007-2009 foi desabilitado após a trienal 2010. Ciente destas dificuldades se tentou obter informações com os atuais coordenadores de área da sociologia, mas, infelizmente, não se obteve respostas, razão pela qual não foi possível apresentar estes dados.

Para identificar os critérios de avaliação da produção científica, mapearam-se primeiramente as normas do Comitê de Assessoramento da sociologia do CNPq visando conhecer, especificamente, qual a expectativa da agência quanto à produção científica dos candidatos a bolsista PQ1A.

Adotou-se procedimento semelhante ao se analisar o documento de área e o relatório de avaliação da trienal 2010, quando se buscou verificar qual a expectativa da CAPES para atribuir reputação aos programas a partir da produção científica dos docentes. A compilação dos critérios da CAPES e do CNPq permitiu a elaboração do quadro 10, mostrando-se como o campo da sociologia atribui reputação aos seus pesquisadores.

#### **6.1.5 A análise dos dados**

Com o intuito de constatar a veracidade do primeiro pressuposto analisou-se a vinculação profissional de todos os bolsistas PQ1A, de modo a identificar se existe relação entre esses bolsistas e os programas melhores conceituados pela CAPES na trienal 2010.

Em relação ao segundo pressuposto, buscou-se organizar individualmente os quantitativos da produção intelectual dos bolsistas PQ 1A por tipo e ano de publicação referente ao período 2007-2009. Esses dados foram comparados com os critérios de avaliação da produção científica formulados pelo Comitê de Assessoramento da sociologia no CNPq, de modo a constatar as possíveis relações entre os citados critérios e a efetiva produção científica dos bolsistas.

Para constatar o terceiro pressuposto, organizaram-se os dados da produção científica dos egressos de modo semelhante ao dos bolsistas PQ 1A, porém, analisando-os à luz dos critérios de avaliação da produção científica estabelecidos pela CAPES na trienal 2010.

Quanto aos três últimos pressupostos, os dados foram tratados no sentido de se estabelecer comparações entre os diferentes tipos de publicações científicas:

livros, capítulos de livros, artigos de periódicos científicos e trabalhos completos publicados em anais de congressos analisando o idioma de publicação e as formas de autoria dessas produções.

Os resultados foram apresentados sob a forma de tabelas, quadros, figuras e gráficos que certamente colaboraram para a melhor visualização dos dados coletados. Os gráficos foram gerados utilizando-se o Harvard Graphics 98 e os dados tabulados pelo Microsoft Excel versão 2003.

## 6.2 OS RESULTADOS DA PESQUISA

Esta seção traz dados empíricos coletados em pesquisa documental sobre o perfil dos programas de pós-graduação e sobre a trajetória acadêmica e produção científica dos bolsistas PQ1A e egressos de modo a dar subsídio para responder à pergunta de partida que norteou todo o desenvolvimento da pesquisa.

### 6.2.1 Perfil dos programas e cursos de doutorado em sociologia

Na tabela 1 estão relacionados os programas de pós-graduação com cursos de doutorado em sociologia recomendados pela CAPES na trienal 2010. Esta tabela mostra as instituições de ensino mantenedoras dos programas, a unidade da federação onde funcionam os cursos, o ano de início e os conceitos de cada programa.

O Brasil possui atualmente 34 programas de pós-graduação com cursos de doutorado em sociologia e ciências sociais, dos quais quinze estão concentrados em ciências sociais; um em ciências sociais e desenvolvimento rural; quatorze em sociologia; um em sociologia e antropologia e outros três em sociologia e política.

Dentre as instituições mantenedoras dos cursos de doutorado, quatro possuem mais de um curso vinculado às suas estruturas: UFMG, Unicamp, Unesp e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

**Tabela 1** – Distribuição dos programas de pós-graduação brasileiros com cursos de doutorado em sociologia reconhecidos pela CAPES na trienal 2010.

<b>Instituição de Ensino</b>	<b>Programa</b>	<b>Unidade da Federação</b>	<b>Ano de início do curso</b>	<b>Conceito Capes</b>
UFBA	Ciências Sociais	BA	1999	5
UFMA	Ciências Sociais	MA	2011	4
UFJF	Ciências Sociais	MG	2009	4
PUC	Ciências Sociais	MG	2006	4
UFPA	Ciências Sociais	PA	2002	4
UFCG	Ciências Sociais	PB	2000	4
UERJ	Ciências Sociais	RJ	1999	5
PUC	Ciências Sociais	RJ	2009	4
UFRN	Ciências Sociais	RN	2001	4
PUC	Ciências Sociais	RS	2009	4
UNISINOS	Ciências Sociais	RS	2006	4
FUFSE	Ciências Sociais	SE	2009	4
UNICAMP	Ciências Sociais	SP	1985	5
UNESP/MAR	Ciências Sociais	SP	2006	4
PUC	Ciências Sociais	SP	1982	5
UFRRJ	Ciências Sociais	RJ	1995	5
UFC	Sociologia	CE	1994	5
UERJ	Sociologia	RJ	2011	5
UNB	Sociologia	DF	1984	5
UFG	Sociologia	GO	2011	4
UFMG	Sociologia	MG	2008	4
UFPB	Sociologia	PB	1999	3
UFPE	Sociologia	PE	1995	5
UFPR	Sociologia	PR	2004	5
UFRGS	Sociologia	RS	1994	6
UFSCAR	Sociologia	SP	1999	5
USP	Sociologia	SP	1971	7
UNICAMP	Sociologia	SP	2003	6
UNESP/ARAR	Sociologia	SP	1993	4
UCAM	Sociologia	RJ	2009	7
UFRJ	Sociologia e Antropologia	RJ	1993	7
UFMG	Sociologia e política	MG	1994	3
UENF	Sociologia e política	RJ	2007	4
UFSC	Sociologia e política	SC	1999	5

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes no caderno de indicadores da CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2011.

A UFMG mantém dois programas; um oferece os cursos de mestrado e doutorado em sociologia e o outro somente o curso de doutorado em sociologia e política. Os dois programas compartilham vários docentes e funcionam dentro da mesma estrutura física.

A Unicamp também mantém dois programas de pós-graduação com cursos de doutorado; um em sociologia e o outro em ciências sociais. O programa em ciências sociais mantém um quadro de docentes que corresponde a quase o dobro do número de docentes que atuam no programa de sociologia. Ambos os programas funcionam em estrutura física única.

A UERJ mantém dois programas com cursos de doutorado; um deles está concentrado em ciências sociais e o outro em sociologia. Os programas funcionam com o mesmo quadro de docentes e na mesma estrutura física. Acredita-se que a instituição aproveitou a experiência do quadro de docentes do programa em ciências sociais, criado em 1999, para montar o seu programa em sociologia, que iniciou seu funcionamento em 2011. Na UNESP, os programas de sociologia e o de ciências sociais funcionam em cidades diferentes e possuem quadros próprios de professores.

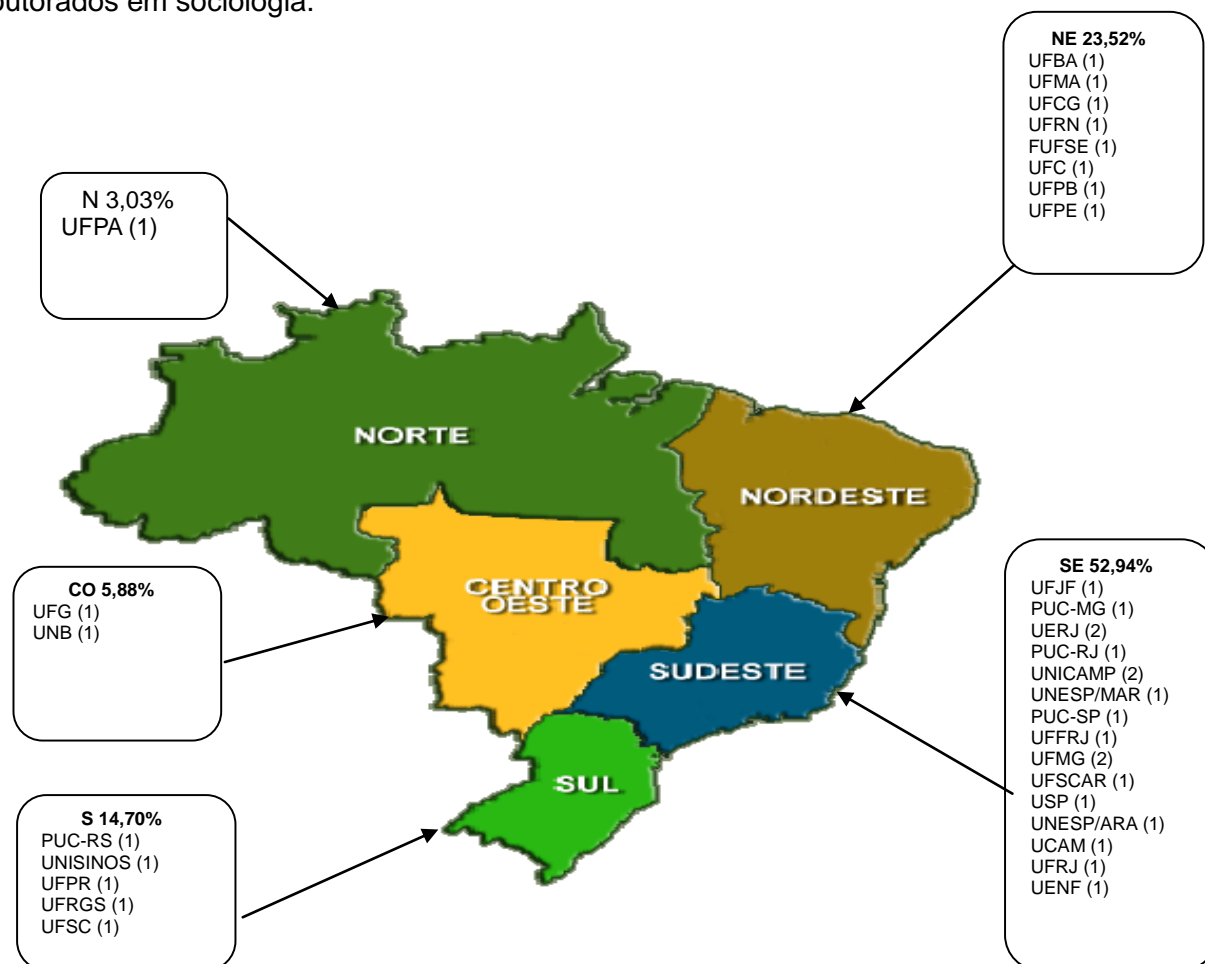
Dos cursos relacionados, apenas três deles (8,8%) possuem o conceito 7 da CAPES (USP, UFRJ e UCAM). (Tabela 1).

Na distribuição dos programas pode-se observar que o campo possui especificidades ao abranger tanto programas de ciências sociais, quanto de sociologia. (Tabela 1 e Gráfico 1).

Os programas de ciências sociais têm estrutura e funcionamento voltados para a interdisciplinaridade dos fenômenos sociais, buscando o diálogo entre a sociologia, a antropologia e a ciência política. Os programas voltados para a sociologia procuram pesquisar os aspectos teórico–metodológicos dessa disciplina sem, necessariamente, buscar o diálogo com a antropologia ou com a ciência política.

Constata-se que mais da metade desses cursos, isto é, dezoito deles (53,2%), estão localizados na região sudeste do país. Na região sul funciona cinco (14,7%) e na região nordeste oito (23,5%). As regiões norte e centro-oeste possuem um (2,9%) e dois (5,9%) cursos respectivamente. (Figura 5).

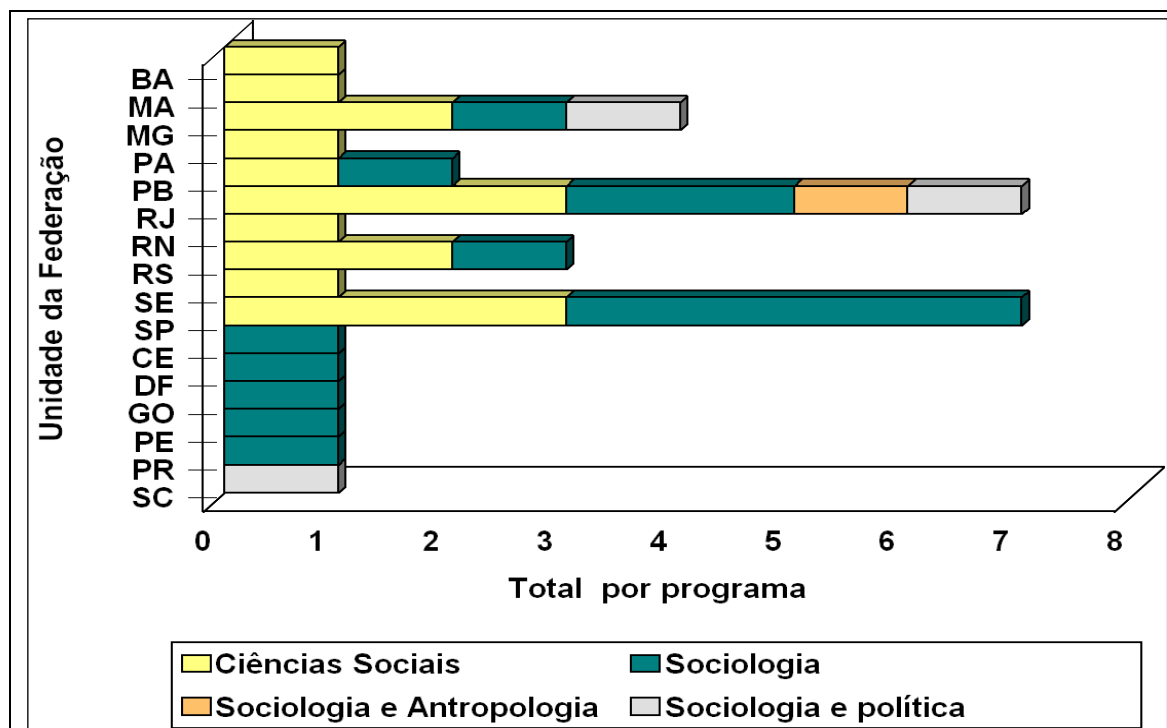
**Figura 5** – Distribuição geográfica dos programas brasileiros de pós-graduação com cursos de doutorados em sociologia.



**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes no caderno de indicadores da CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2011

Como se pode observar nem todos os Estados da federação possuem cursos de doutorado em sociologia no Brasil (Figura 5 e Gráfico 1). Quando se considera a totalidade dos Estados, somados ao distrito federal, obtém-se 27 unidades federadas, com 34 cursos, cuja média é de um curso por Estado. Entretanto, os dados indicaram que apenas dezesseis Estados titulam doutores no campo da sociologia, havendo uma concentração de cursos nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, os quais reúnem 41% do total de cursos de doutorado existentes no país. (Gráfico 1).

**Gráfico 1** – Distribuição dos programas brasileiros de pós-graduação com cursos de doutorado em sociologia por unidade da federação.



**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes no caderno de indicadores da CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2011.

Quanto ao início de funcionamento dos programas de pós-graduação, verificou-se que dos 34 programas, dezoito deles começaram a funcionar na década de 2000, doze na década de 1990, três na década de 1980 e um programa na década de 1970 indicando, portanto, o crescimento e a expansão da pós-graduação no campo da sociologia brasileira. Assim sendo vê-se:

**Tabela 2** – Caracterização da idade dos programas de pós-graduação com cursos de doutorado em sociologia, durante o período de 1971 a 2011.

Idade do programa	Doutorado	(%)
até 5 anos	13	38,2
superior a 5 anos e < 10 anos	3	8,8
10 anos e mais	18	53,0
<b>TOTAL</b>	<b>34</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes no caderno de indicadores da CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2011.

Os dados mostraram que o tempo de funcionamento de mais da metade dos cursos de doutorado em sociologia do país é igual ou superior a dez anos (53%), o que evidencia a consolidação desse campo do conhecimento científico no país. É preciso ressaltar também a existência de um número considerável de programas criados recentemente, como os programas de ciências sociais da UFMA; UFJF; PUC-MG; PUC-RJ; PUC-RS; UNISINOS; FUFSE; UNESP/MAR e os programas de sociologia da UERJ; UFG; UFMG; UCAM e UENF. (Tabela 2).

Acerca das notas atribuídas pela CAPES aos cursos de doutorado na trienal 2010, a tabela 3 revela haver concentração de programas que obtiveram notas 4 e 5. Esses dados representam quase 80% do total de programas avaliados.

**Tabela 3** – Distribuição dos programas por escala de avaliação atribuída pela CAPES na trienal 2010.

<b>Escala de avaliação</b>	<b>Quantidade de programa</b>	<b>(%)</b>
3	2	5,8
4	15	44,1
5	12	35,3
6	2	5,8
7	3	9,0
<b>TOTAL</b>	<b>34</b>	<b>100</b>

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes no caderno de indicadores da CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2011.

A tabela acima mostrou que a sociologia possui cinco programas que obtiveram notas 6 e 7 na escala de avaliação, por apresentarem desempenho acadêmico equivalente aos dos centros de excelência internacional. Esses programas possuem longa trajetória acadêmica dentro do campo, o que possivelmente esteja influenciando os resultados obtidos.

Constatou-se que as regiões norte, nordeste e centro-oeste do país não possuem programas de pós-graduação com cursos de doutorado em sociologia avaliado como de inserção internacional. Os programas de maior capital científico acumulado no campo, isto é, aqueles que obtiveram conceitos 6 e 7 na trienal 2010 estão localizados justamente nas regiões sul e sudeste. (Tabela 4).

**Tabela 4** – Distribuição dos programas por escala de avaliação atribuída pela CAPES na trienal 2010, segundo a região geográfica.

Região Geográfica	Escala de Avaliação					Total de Programas
	3	4	5	6	7	
Norte	---	1	---	---	---	1 (2,9)
Nordeste	1	4	3	---	---	8 (23,5)
Centro – Oeste	---	1	1	---	---	2 (5,9)
Sudeste	1	7	6	1	3	18 (52,9)
Sul	---	2	2	1	---	5 (14,7)
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>15</b>	<b>12</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>34 (100,0)</b>

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes no caderno de indicadores da CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2011 .

Em relação aos docentes permanentes que trabalharam nos programas no triênio 2007-2009, constatou-se que 616 desses atuaram nos 34 cursos de doutorado no campo da sociologia. (Tabela 5).

Os programas que obtiveram os conceitos de excelência na trienal 2010 não são necessariamente aqueles que possuem a maior quantidade de docentes vinculados aos seus quadros, aspecto observado no cruzamento de dados. (Tabela 1 e 5).

Mais da metade da totalidade dos docentes que atuam nos cursos de doutorado (57,7%) trabalham em programas localizados na região sudeste, também detentora da maior quantidade de programas, ou seja, 18 dos 34. (Tabela 5).

O Estado de São Paulo, apesar de possuir a mesma quantidade de programas existentes no Rio de Janeiro (Gráfico 1), possui quase o dobro do número de docentes permanentes e concentra 27,6% do total de professores que atuam nos cursos de doutorado em sociologia no Brasil.

Ao relacionar os dados chega-se à média de docentes por programa. (Tabela 1 e 5). Em São Paulo, por exemplo, existem 23,6 docentes por programa, no Rio de Janeiro essa média é de 16,71 e em Minas Gerais é de 12,2. Esses valores médios, de certa forma, escamoteiam as grandes concentrações de professores existentes por programas e por Estado. Em São Paulo, por exemplo, três programas – Unicamp, PUC-SP e USP concentram 90 professores do conjunto de 165. No Rio de Janeiro, a UERJ e a UFRJ concentram 66 dos 117, isto é, 56,41% do total de



docentes no Estado. Nesses dois Estados, como se constata mais adiante, concentram-se os bolsistas PQ 1A do campo da sociologia no Brasil.

**Tabela 5** – Distribuição dos docentes por programa de pós-graduação com cursos de doutorado por Estado da federação.

ESTADO	INSTITUIÇÃO DE ATUAÇÃO ACADÊMICA	N
BA	UFBA	19
CE	UFC	18
PE	UFPE	17
RN	UFRN	31
SE	FUFSE	18
PB	UFCG	14
	UFPB	18
PA	UFPA	22
MA	UFMA	14
GO	UFG	12
DF	UNB	21
PR	UFPR	20
SC	UFSC	19
RS	UFRGS	19
	PUC	10
	UNISINOS	13
SP	UFSCAR	18
	USP	27
	UNICAMP / PPGS	15
	UNICAMP / PPGCS	33
	UNESP/ARAR	20
	UNESP/MAR	22
	PUC	30
RJ	UERJ /PPGS	20
	UERJ / PPGCS	20
	PUC	11
	UCAM	12
	UFRJ	26
	UFRRJ	18
MG	UENF	10
	UFMG	27
	UFJF	12
	PUC	10
<b>TOTAL</b>		<b>616</b>

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes no caderno de indicadores da CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2011.

A tabela seguinte mostra o total da produção científica desses docentes publicada no triênio 2007-2009. Apesar de toda essa produção não estar qualificada, por não ser esse o objetivo da pesquisa, pode-se perceber, quando do cruzamento de dados, sinais de correlação entre o quantitativo da produção científica dos programas e suas notas na trienal 2010. (Tabela 1 e 6). Reforça-se, portanto, as argumentações sustentadas no capítulo quatro quanto ao peso da produção científica na atribuição de capital científico no campo da sociologia brasileira.

**Tabela 6** – Distribuição da produção científica por programa de pós-graduação com cursos de doutorado.

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO	2007- 2009			
	ARTIGOS	ANAIS	CAPÍTULOS	LIVROS
UFBA	94	122	104	3
UFMA	36	87	43	9
UFJF	49	51	82	5
PUC MG	36	45	55	5
UFPA	65	69	89	2
UFCG	36	85	52	0
UERJ	70	46	115	2
PUC RJ	19	27	30	5
UFRN	56	125	97	3
PUC RS	40	41	53	0
UNISINOS	63	72	39	8
FUFSE	64	125	83	11
UNICAMP (ciências sociais)	185	90	222	14
UNESP (ciências sociais)	82	75	102	17
PUC SP	77	35	109	53
UFRRJ	46	60	115	16
UFC	53	32	50	9
UNB	110	67	88	4
UFG	29	37	21	1
UFMG	36	14	48	0
UFPB	56	66	36	0
UFPE	55	39	113	10
UFPR	66	97	75	4
UCAM	23	20	16	6
UFRGS	80	94	121	5
UFSCAR	59	76	59	9
USP	98	23	117	14
UNICAMP (sociologia)	63	24	85	13
UNESP (sociologia)	80	59	79	6
UFRJ	100	54	152	32
UENF	22	7	18	1
UFSC	67	70	88	2
<b>TOTAL</b>	<b>2.015</b>	<b>1.934</b>	<b>2.556</b>	<b>269</b>

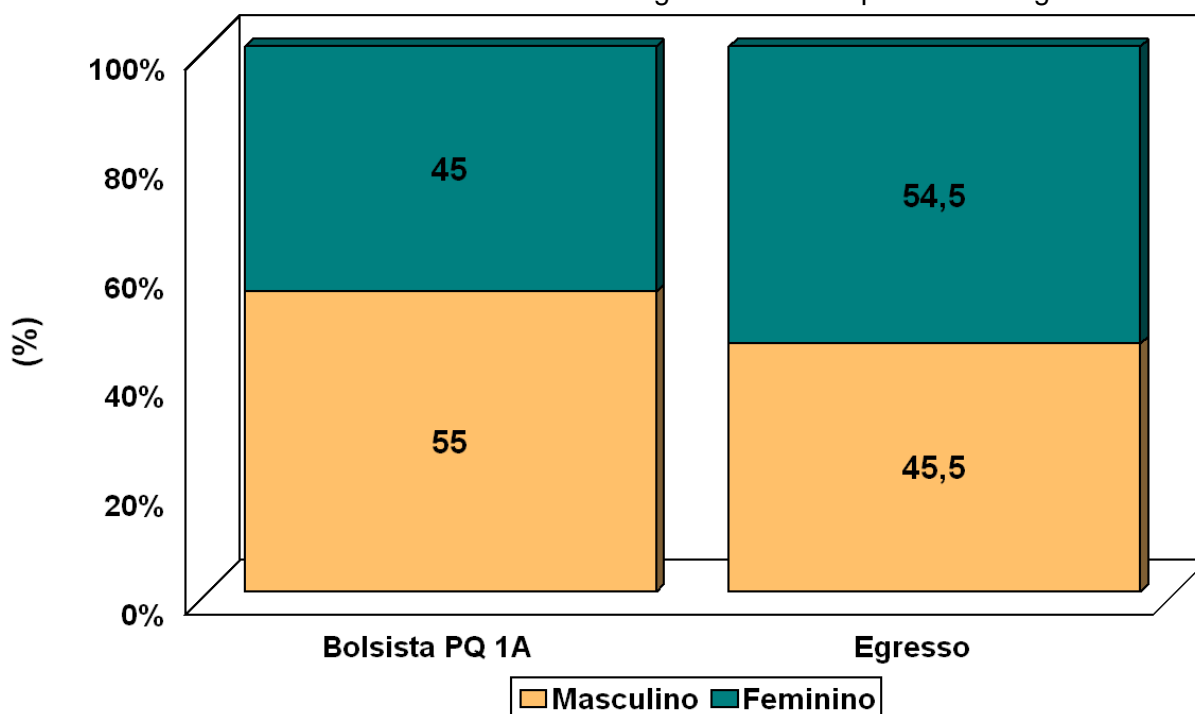
**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes nos cadernos de indicadores da CAPES.

## 6.2.2 Perfil e trajetória acadêmica dos sociólogos

Após a apresentação de alguns aspectos relacionados aos programas de pós-graduação com cursos de doutorados em sociologia, esboçam-se dados relativos à trajetória acadêmica dos bolsistas PQ1A e dos egressos.

No Gráfico 2, observou-se equivalência entre os pesquisadores quanto ao sexo. Entre os bolsistas, há pequena elevação de pesquisadores do sexo masculino (55%) enquanto entre os egressos, verifica-se maior frequência de pesquisadores do sexo feminino (54,5%). Os resultados apontam para a renovação do quadro de egressos com predomínio do sexo feminino, entretanto, os dados não são suficientes para afirmar se esse diferencial é significativo quanto ao sexo no campo da sociologia.

**Gráfico 2** – Diferenciais de sexo dos bolsistas e egressos do campo da sociologia.



**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 17 jul. 2011.

A análise da vinculação institucional dos bolsistas e dos egressos mostra o predomínio desses pesquisadores atuando em programas de pós-graduação em sociologia ou ciências sociais.

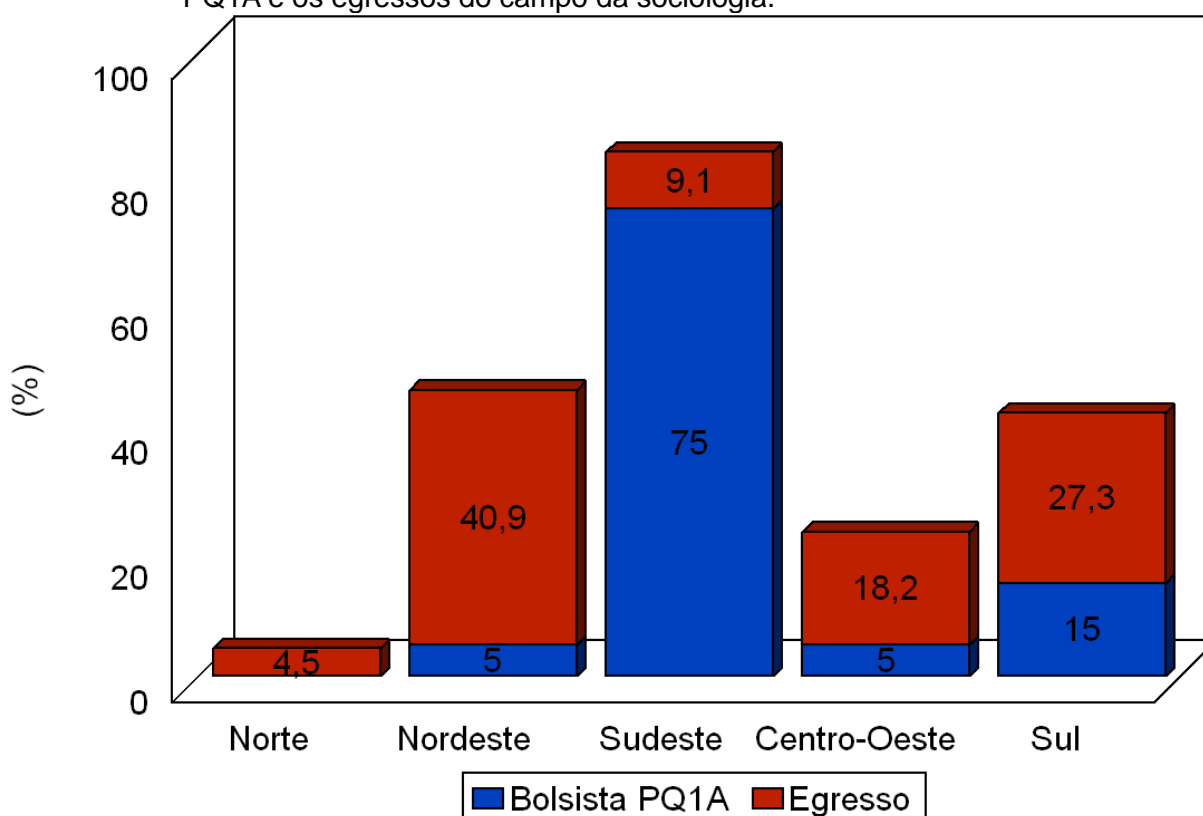
**Tabela 7** – Programas de pós-graduação onde os bolsistas e os egressos exercem suas atividades acadêmicas.

Estado	Instituição	Pesquisador	
		Bolsista PQ1A (n=20) n (%)	Egresso (n=22) n (%)
BA	UFBA		1 (4,5)
CE	UFC	1 (5,0)	1 (4,5)
PE	UFPE		
RN	UFRN		1 (4,5)
SE	UFS		2 (9,1)
PB	UFCG		1 (4,5)
	UFPB		3 (13,6)
PA	UFPA		1 (4,5)
MA	UFMA		
GO	UFG		3 (13,6)
DF	UNB	1 (5,0)	1 (4,5)
PR	UFPR		1 (4,5)
SC	UFSC	1 (5,0)	2 (9,1)
	UFRGS	2 (10,0)	
RS	PUC		
	UNISINOS		1 (4,5)
SP	UFSCAR	1 (5,0)	1 (4,5)
	USP	9 (45,0)	
	UNICAMP	2 (10,0)	
	UNESP/ARAR		
	UNIARA	1 (5,0)	
RJ	UERJ		
	PUC		1 (4,5)
	UCAM		
	UFRJ		
	UFRRJ	2 (10,0)	
MG	UENF		
	UFMG		2 (9,1)
	UFJF		
	PUC		

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 17 jul. 2011.

Registra-se um predomínio de bolsistas e de egressos que trabalham em programas de pós-graduação mantidos por instituições públicas de ensino e pesquisa, pois, do conjunto de quarenta e dois sociólogos, apenas três atuam em programas mantidos por instituições privadas; desses, uma bolsista está vinculada à UNIARA, um egresso à UNISINOS e outro egresso à PUC-RJ. (Tabela 7). A tabela revelou também que os programas da USP, UFRJ, Unicamp e UFRGS, os quais obtiveram as maiores notas na trienal 2010, concentraram juntos quinze dos vinte bolsistas PQ 1A. Em relação aos egressos, os dados indicaram os programas que não obtiveram conceitos elevados na trienal 2010 como os maiores empregadores desses docentes-pesquisadores.

**Gráfico 3** – Distribuição por região geográfica dos programas em que atuam os bolsistas PQ1A e os egressos do campo da sociologia.



**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 17 jul. 2011.

Em relação à distribuição geográfica onde os vinte bolsistas PQ 1A atuam, percebeu-se que um trabalha no nordeste, quinze no sudeste, um no centro-oeste e três no sul (Gráfico 3). A região sudeste concentra 75% desses bolsistas e os três únicos programas a obterem a nota máxima na trienal 2010. Nessa região, é possível ainda verificar nova concentração, pois São Paulo concentra 12 dos 15 bolsistas e isto talvez possa se relacionar aos elevados investimentos públicos destinados ao financiamento do ensino e da pesquisa nesse Estado. Em relação aos egressos, os dados revelaram os programas localizados na região Nordeste como os maiores empregadores dessa nova geração de sociólogos no Brasil.

No que se refere à trajetória acadêmica dos bolsistas PQ1A e dos egressos durante o ensino de graduação, dezoito dos vinte bolsistas graduaram-se em sociologia e os outros dois em filosofia. Treze dos vinte e dois egressos concluíram a graduação em sociologia e os outros nove em áreas correlatas. (Tabela 8).

Vinte e quatro IES concederam títulos de graduação aos sociólogos analisados na pesquisa, a grande parte delas mantida com recursos públicos. Dentre os dezoito bolsistas PQ1A que declararam no currículo da Plataforma Lattes as IES pela qual se titularam, dois deles obtiveram a graduação em instituições privadas e um em instituição estrangeira. As IES localizadas no sul e sudeste do país, a exemplo da USP, UFRGS e a UNESP foram as IES que mais graduaram os bolsistas. Quando comparados aos programas das IES que graduaram os egressos os dados revelaram também que os atuais bolsistas foram graduados, em sua maioria, em IES cujos programas de pós-graduação obtiveram boa conceituação na trienal 2010. (Tabela 8).

Quanto ao tempo de conclusão da graduação, observa-se que tanto os bolsistas quanto os egressos concluíram seus cursos há mais de dez anos. Os bolsistas finalizaram o curso de graduação entre a primeira metade da década de 1960 e a segunda metade da década de 1970 e um pesquisador concluiu a graduação há 51 anos. A média de anos de titulação dos bolsistas é de 33 anos. Entre os egressos, os dados revelaram que eles concluíram a graduação entre a segunda metade da década de 1960 e a primeira metade da década de 2000 e o egresso com o maior tempo de titulação concluiu a graduação há 44 anos. (Tabela 8).

**Tabela 8** – Características da trajetória acadêmica na graduação dos bolsistas PQ1A e egressos do campo da sociologia no Brasil segundo curso de graduação, IES e ano de conclusão do curso.

Instituição	Pesquisador	
	Bolsista PQ1A (n=20) n (%)	Egresso (n=22) n (%)
<b>Graduação</b>		
Economia		1 (4,5)
Filosofia	2 (10,0)	1 (4,5)
Física		1 (4,5)
Geografia		1 (4,5)
História		1 (4,5)
Jornalismo		1 (4,5)
Medicina Veterinária		1 (4,5)
Serviço Social		2 (9,1)
Sociologia	18 (90,0)	13 (59,1)
<b>Instituição de Ensino</b>		
UFBA	1 (5,0)	1 (4,5)
UNB	2 (10,0)	1 (4,5)
PUC RJ	1 (5,0)	1 (4,5)
UFRJ	1 (5,0)	
UFMG	1 (5,0)	1 (4,5)
PUC SP	2 (10,0)	
UFRGS	3 (15,0)	
UFC	1 (5,0)	1 (4,5)
UNESP	2 (10,0)	
UFPR		1 (4,5)
UFPEL		1 (4,5)
USP	4 (20,0)	2 (9,0)
Unicamp		1 (4,5)
CUFSA	1 (5,0)	
UFPE		1 (4,5)
UFG		1 (4,5)
FFBS		1 (4,5)
UFAM		1 (4,5)
UECE		1 (4,5)
UEPB		1 (4,5)
ULBRA		1 (4,5)
UFS		2 (9,0)
UFAL		1 (4,5)
Estrangeira	1 (5,0)	2 (9,0)
<b>Ano de Conclusão</b>		
1960/1964	3 (15,0)	
1965/1969	6 (30,0)	2 (9,1)
1970/1974	10 (50,0)	1 (4,5)
1975/1979	1 (5,0)	1 (4,5)
1980/1984		1 (4,5)
1985/1989		1 (4,5)
1990/1994		6 (27,3)
1995/1999		5 (22,7)
2000/2004		2 (9,1)

Fonte: O autor, a partir de informações na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 17 jul. 2011.

**Tabela 9** – Características da trajetória acadêmica no mestrado dos bolsistas PQ1A e egressos do campo da sociologia no Brasil segundo curso no mestrado, IES e ano de conclusão do curso.

Instituição	Pesquisador	
	Bolsista PQ1A (n=20) n (%)	Egresso (n=22) n (%)
<b>Mestrado</b>		
Antropologia		2 (9,1)
Ciência Política	3 (15,0)	
Comunicação		2 (9,1)
Economia do desenvolvimento	1 (5,0)	
Meio Ambiente		1 (4,5)
Sociologia	15 (75,0)	18 (81,8)
Sem informação	1 (5,0)	
<b>Instituição de Ensino</b>		
PUC SP	1 (5,0)	1 (4,5)
UFBA	1 (5,0)	1 (4,5)
UFC		1 (4,5)
UFPA		1 (4,5)
UFPE		1 (4,5)
UFPB		1 (4,5)
USP	6 (30,0)	2 (9,1)
UNB	3 (15,0)	1 (4,5)
UFG		1 (4,5)
UFRGS	2 (10,0)	1 (4,5)
UFS		1 (4,5)
UFSCAR		1 (4,5)
Unicamp		2 (9,1)
Estrangeiras	2 (10,0)	3 (16,6)
Sem informação	5 (25,0)	4 (22,7)
<b>Ano de Conclusão</b>		
1965/1969	1 (5,0)	
1970/1974	8 (40,0)	
1975/1979	7 (35,0)	2 (9,1)
1980/1984	2 (10,0)	2 (9,1)
1985/1989		
1990/1994		
1995/1999		8 (36,4)
2000/2004		10 (45,4)
Sem informação	2 (10,0)	

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 17 jul. 2011.



No que diz respeito à conclusão da pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado, constatou-se novamente que parte expressiva dos pesquisadores defenderam suas dissertações dentro do campo da sociologia (90%) e aqueles titulados fora da sociologia obtiveram suas titulações em campos correlatos: antropologia, ciência política, comunicação, economia do desenvolvimento e meio ambiente. Os dados revelaram também que um bolsista não informou o mestrado no currículo da Plataforma Lattes e um egresso obteve dois mestrados. (Tabela 9).

Treze instituições de ensino nacionais e cinco estrangeiras concederam títulos de mestre em sociologia ou ciências sociais aos pesquisadores analisados. Assim como na graduação, as instituições nacionais que titularam os bolsistas estão localizadas predominantemente na região sudeste, enquanto as instituições que titularam os egressos estão localizadas, em sua maioria, na região nordeste do país. A USP novamente se destaca como a IES que mais concedeu títulos de mestrado. (Tabela 9). A UFPA, UFPB e UFSCAR foram citadas pelos egressos como responsáveis pela concessão dos títulos de mestrado, apesar de não citadas em momento algum na graduação.

Os egressos foram os que mais buscaram titular-se em instituições estrangeiras. Um bolsista PQ 1A e três egressos obtiveram seus títulos nas seguintes universidades: Université de Paris I; Université de Montréal; Université de la Sorbonne Nouvelle - Paris III; University of Toulouse II; Stony Brook University.

Com relação ao tempo de atuação no mundo da pesquisa, todos os bolsistas PQ 1A possuem mais de 27 anos. O bolsista José de Souza Martins foi o primeiro entre os demais bolsistas a obter o título de mestre em 1966, um ano após ter ingressado no quadro de professores da USP. Em relação aos egressos, os dados mostraram que os primeiros sociólogos obtiveram seus títulos na segunda metade da década de 1970 e os mais recentes titularam-se na primeira década de 2000.

**Tabela 10** – Características da trajetória acadêmica no doutorado dos bolsistas PQ1A e egressos do campo da sociologia no Brasil segundo curso no doutorado, IES e ano de conclusão do curso.

Instituição	Pesquisador	
	Bolsista PQ1A (n=20) n (%)	Egresso (n=22) n (%)
<b>Doutorado</b>		
Ciência Política	2 (10,0)	
Economia do Desenvolvimento	1 (5,0)	
Sociologia	17 (85,0)	22 (100,0)
<b>Instituição de Ensino</b>		
IUPERJ		1 (4,5)
PUC SP	1 (5,0)	
UFC		2 (9,1)
UFMG		1 (4,5)
UFPA		1 (4,5)
UFPE		4 (18,2)
UFRGS		2 (9,1)
UFRJ		1 (4,5)
UFRN		1 (4,5)
USP	7 (35,0)	2 (9,1)
UNB		2 (9,1)
Unicamp		4 (18,2)
UNESP	1 (5,0)	1 (4,5)
Estrangeira	8 (40,0)	
Sem informação	3 (15,0)	
<b>Ano de Conclusão</b>		
1970/1974	3 (15,0)	
1975/1979	4 (20,0)	
1980/1984	4 (20,0)	
1985/1989	9 (45,0)	
1990/1994		
1995/1999		
2000/2004		
2005/2009		22 (100,0)

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 17 jul. 2011.

No que diz respeito à trajetória acadêmica percorrida pelos sociólogos no doutorado constatou-se, assim como nos dados apresentados sobre a formação no mestrado, que há predomínio de pesquisadores titulados no campo da sociologia a evidenciar e reforçar, portanto, as características disciplinares desse campo do conhecimento científico. Dos quarenta e dois pesquisadores analisados, apenas três

deles se titularam fora da sociologia; desses, dois concluíram o doutorado em ciências políticas e um em economia do desenvolvimento em continuidade às pesquisas iniciadas no mestrado. (Tabela 10).

Verificou-se também que nove bolsistas se titularam no Brasil; sete deles obtiveram o doutorado na USP, um na UNESP e outro na PUC SP. Os dados revelaram também que todos os bolsistas que se titularam dentro do campo da sociologia no Brasil obtiveram sua titulação em instituições do Estado de São Paulo. Por conseguinte, oito bolsistas se titularam em instituições estrangeiras, dos quais quatro deles obtiveram seus títulos na França; um nos Estados Unidos; um no México; um em Israel e outro no Canadá. Quanto aos egressos, todos se titularam como doutores em programas de pós-graduação que funcionam regularmente no Brasil. (Tabela 10).

Constatou-se, mais uma vez, que as regiões sul e sudeste foram as que mais titularam doutores sociólogos; a USP e a Unicamp, novamente, as que mais emitiram títulos de doutorado no campo da sociologia brasileira. No que tange às titulações obtidas no exterior, observou-se uma inversão. Enquanto que na graduação e no mestrado os egressos foram os que mais buscaram se titular no exterior, no doutorado foram os pesquisadores de maior experiência no campo, isto é, os bolsistas, que mais buscaram se titular fora do país. A França, novamente, se configurou como o principal destino dos sociólogos para complementar a sua formação acadêmica. (Tabela 10).

Quanto ao ano de conclusão do doutorado, os dados revelaram existir, entre os dois grupos analisados, um nítido intervalo de aproximadamente 30 anos de tempo de titulação, a marcar as diferenças entre essas duas gerações de sociólogos brasileiros. Enquanto os bolsistas começaram a se titular na primeira década dos anos 70, todos os egressos foram titulados na segunda metade da década de 2000. (Tabela 10).

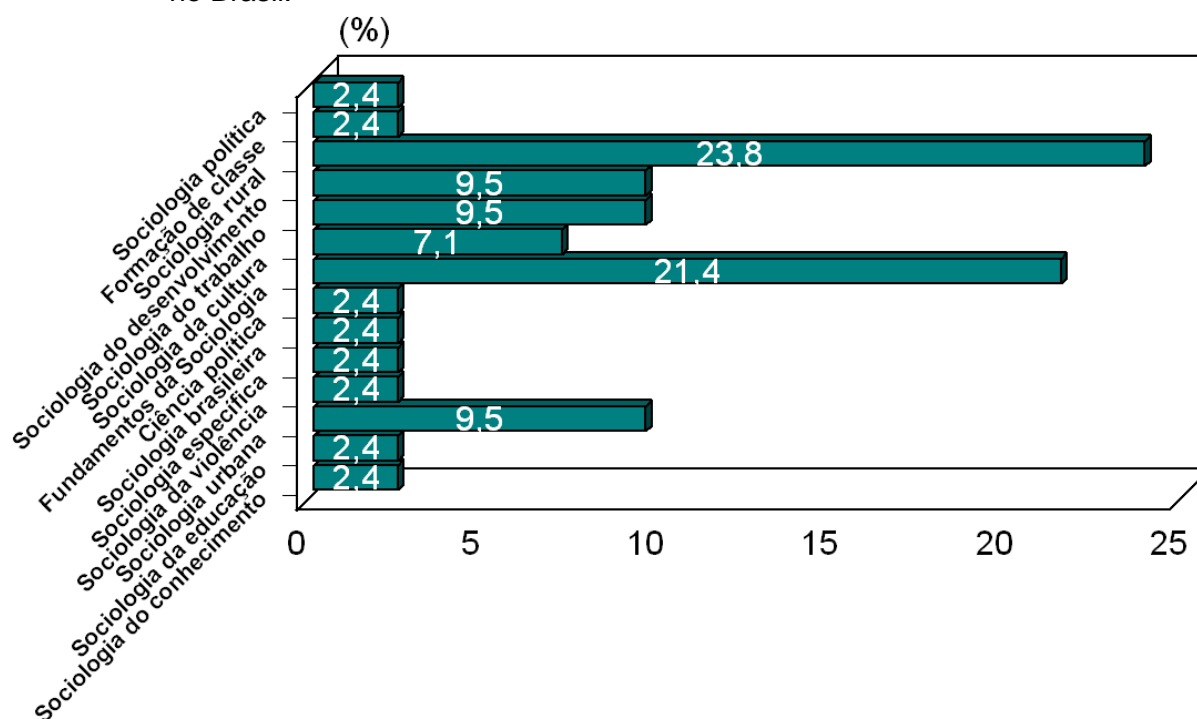
No que diz respeito à formação em nível de pós-doutorado ou livre docência, constatou-se que todos os 20 bolsistas PQ 1A realizaram essa atividade acadêmica. Desses, cinco possuem livre docência; seis pós-doutorados e nove obtiveram tanto a livre docência quanto o pós-doutorado. Em relação aos egressos, constatou-se que apenas oito dos vinte e dois realizaram estágios pós-doutorais. Quanto às IES que concederam esses títulos, observou-se que vinte delas são nacionais e vinte e nove são estrangeiras, destacando-se principalmente as instituições francesas e

americanas.

Com relação ao ano de conclusão dos estágios pós-doutorais, constatou-se que apenas um bolsista concluiu o curso na década de 1970 e aproximadamente 50% dos demais obtiveram o título entre a primeira e a segunda metade da década de 1990, logo após terem concluído o curso de doutorado. Quanto aos egressos, verificou-se que dos oito que concluíram o curso, cinco deles se titularam na segunda metade da década de 2000 e três na primeira metade da década de 2010.

Ainda sobre a trajetória acadêmica dos sociólogos analisados, buscou-se conhecer a área de atuação desses pesquisadores de modo a possibilitar a identificação do grau de abrangência dos temas e problemas de pesquisa na sociologia.

**Gráfico 4** – Áreas de pesquisa dos bolsistas PQ1A e dos egressos do campo da sociologia no Brasil.



**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 17 jul. 2011.

Como se pode perceber, das 14 áreas de atuação, seis delas (sociologia rural, sociologia do desenvolvimento, sociologia do trabalho, sociologia da cultura, fundamentos da sociologia e sociologia urbana) foram as mais citadas pelos pesquisadores e, dessas, a sociologia rural é uma das áreas de maior interesse dos sociólogos certamente por causa do processo de expansão do agronegócio e suas

possíveis implicações sociais.

**Quadro 13** – Especialidades dos sociólogos analisados.

<b>Especialidades</b>	<b>Número de citações na Plataforma Lattes</b>
Ciência, tecnologia e inovação social	7
Sociologia das artes	7
Violência e sociedade	7
Segregação social, políticas públicas e direitos humanos	6
Movimentos sociais	4
Novas sociologias: pesquisas interseccionais de gêneros	4
Ocupações e profissões	4
Religião e modernidade	3
Sexualidades, corporalidades e transgressões.	3
Sociologia e juventude	3
A questão agrária no Brasil contemporâneo	2
Desigualdade e estratificação social	2
Gerações e contemporaneidade	2
Memória e sociedade	2
Pensamento social no Brasil	2
Sociologia da cultura	2
Sociologia econômica	2
Teoria sociológica	2
Trabalho, sindicalismo e ações coletivas	2
Conflitos socioambientais	1
Consumo e cidadania	1
Educação e sociedade	1
Economia social e solidária	---
Educação superior na sociedade contemporânea	---
Ensino de sociologia	---
Processos de criminalização	1
Novas configurações do trabalho	1
Saúde e Sociedade	1
Sociologia do conhecimento e metodologias qualitativas	---
Sociologia do esporte	---
Sociologia e imagem	1

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

As especialidades de atuação dos sociólogos investigados foram mapeadas e classificadas de acordo com os parâmetros das categorias dos grupos de trabalhos da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS). Os dados mostraram que as especialidades de ciência, tecnologia e inovação social; sociologia das artes; violência e sociedade; segregação social, políticas públicas e direitos humanos

despontam como as especialidades mais citadas pelos sociólogos.

Os dados indicaram que tanto temas tradicionais da sociologia como, por exemplo, segregação social e violência na sociedade quanto temas com abordagens mais contemporâneas como sociologia da arte; ciência, tecnologia e inovação social estão entre os mais pesquisados.

As especialidades listadas estão relacionadas às questões mais abrangentes da sociologia de interesse mundial e não necessariamente local, como se poderia pensar, no caso do Brasil. Entretanto, acredita-se que novas pesquisas sejam necessárias, no sentido de se aprofundar os aspectos temáticos aqui levantados.

### **6.2.3 A produção científica dos sociólogos**

Após a apresentação dos aspectos relacionados à trajetória acadêmica dos pesquisadores que constituíram o objeto de estudo da pesquisa mostram-se dados específicos sobre a produção científica dos bolsistas PQ 1A publicada sob a forma de livros, capítulos de livros, artigos de periódicos científicos e trabalhos completos publicados em anais de congressos científicos. (Tabela 11).

A produção intelectual desses pesquisadores mapeada no triênio 2007-2009 totalizou 337 trabalhos, cuja média de produção científica por autor no período correspondeu a 16,85 com variações entre os tipos de publicações de 1,9 para livros; 12 para capítulos de livros; 10,4 para artigos de periódicos e 9,7 para trabalhos completos em anais de congressos científicos. (Tabela 11).

**Tabela 11** – Distribuição da produção científica dos bolsistas PQ1A do campo da sociologia no triênio 2007-2009.

BOLSISTA DE PRODUTIVIDADE	2007				2008				2009			
	Livro	Capítulo	Artigo	Anais	Livro	Capítulo	Artigo	Anais	Livro	Capítulo	Artigo	Anais
ARRUDA, M.A.N	---	---	---	---	---	---	---	---	---	1	2	---
BARREIRA, C.	---	---	2	---	1	2	2	---	---	1	2	1
BARROS, S.M.P	---	3	2	---	1	1	2	---	1	2	2	---
BASTOS, E.R	---	1	---	---	---	2	---	---	---	2	1	1
BRUMER, A.	---	1	1	1	---	5	2	---	---	2	3	---
FERRANTE, V.L.S.B	---	3	7	18	---	2	8	10	---	---	11	13
GUIMARÃES, A.S.A	---	---	1	1	1	5	3	---	---	2	1	---
GUIMARÃES, N.A	---	1	---	3	---	4	3	2	2	3	2	---
HIRANO, S.	---	---	1	---	2	1	---	---	---	---	1	---
MARTINS, J.S	---	1	---	---	4	2	1	---	2	3	2	---
ORTIZ, R.J.P	---	1	2	---	1	1	2	---	1	3	1	---
PIERRUCCI, A.F de O.	---	4	1	---	---	1	2	---	---	2	---	---
PORTO, M.S.G	---	1	---	---	---	---	1	---	---	4	3	---
PRANDI, J.R	1	---	1	---	---	3	2	---	1	2	---	---
RAMALHO, J.R.G.P	---	4	2	6	1	4	3	4	1	6	1	2
REIS, E.M.C.P	---	1	1	2	---	---	---	---	---	2	2	---
SALLUM JÚNIOR, B.J	---	---	1	---	---	---	1	---	---	---	---	---
SANTOS, J.V.T	---	3	1	---	---	4	2	---	1	1	---	---
SCHERER-WARREN, I.	---	6	4	---	---	1	2	---	---	1	---	---
SILVA, M.A.M	---	5	2	8	---	6	7	6	---	5	4	6
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>35</b>	<b>29</b>	<b>39</b>	<b>11</b>	<b>44</b>	<b>43</b>	<b>22</b>	<b>9</b>	<b>42</b>	<b>38</b>	<b>23</b>

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Ao analisar os dados apresentados acima se percebeu que o livro, dentre os demais tipos de publicações científicas, foi o menos utilizado pelos bolsistas PQ 1A para comunicarem os resultados de suas pesquisas. Os dados mostraram concentração na produção desses livros, pois apenas metade dos bolsistas produziu a totalidade dos livros publicados no período. (Tabela 11).

Os dados revelaram também que, dos vinte e um livros produzidos pelos bolsistas durante todo o triênio, dezoito foram publicados por editoras do tipo comercial<sup>3</sup> de ampla circulação nacional. Desse total, apenas dois foram produzidos sob a forma de coautoria. Um título foi escrito pelo bolsista HIRANO, S, em colaboração com o seu orientando de doutorado e o outro escrito pelo bolsista RAMALHO, J.R, em colaboração com o professor Marco Aurélio Santana, também bolsista de produtividade PQ 2, o qual trabalha no programa de pós-graduação da UFRJ.

Revelou-se também que a produção intelectual publicada sob a forma de capítulos de livros foi superior à produção de livros e artigos de periódicos nos três anos analisados. Dos vinte bolsistas, apenas um não publicou capítulos de livros nesse período. (Tabela 11).

Apesar da maior produção em capítulos de livros, os dados mostraram que todos os vinte bolsistas produziram artigos de periódicos científicos no triênio; houve situações como a do bolsista SALLUM JÚNIOR, B. J., que produziu apenas dois artigos científicos durante o triênio. (Tabela 11). Do total de 111 artigos publicados, 64 deles foram produzidos sob a forma de autoria única; 27 com dois autores; 15 com três autores e 5 com mais de quatro autores. Constatou-se que a colaboração na produção de artigos ocorreu com maior frequência entre os bolsistas e seus orientandos de doutorado, bem como entre os próprios bolsistas de produtividade, mas não necessariamente entre os PQ 1A.

Em relação aos trabalhos publicados em anais de congressos, os dados mostraram que esta produção parece não ser tão valorizada entre os bolsistas PQ 1A. Dos vinte bolsistas, onze deles não produziram em anais. Dos nove que publicaram trabalhos em eventos, apenas três produziram mais de sete trabalhos durante o triênio. Registrou-se concentração de produção da bolsista FERRANTE,

---

<sup>3</sup> A terminologia “editora comercial” e “editora universitária” foi adotada neste trabalho tendo em vista a classificação apresentada por Sacardo (2006) em dissertação que analisou as publicações científicas derivadas das teses e dissertações defendidas nas áreas de Educação Especial e Educação Física no Brasil.



V.L.S.B, a qual produziu quarenta e um trabalhos (48%), do universo de oitenta e quatro.

Os dados revelaram também que toda a produção científica produzida no período concentrou-se em quatro bolsistas, os quais, juntos, somam mais de 50% do total da produção publicada no período. FERRANTE, V. L. S. B, por exemplo, é responsável pela produção de 72 trabalhos (21,3%); SILVA, M. A. M. produziu 49 (14,5%); RAMALHO, J. R. G. P. publicou 34 trabalhos (9,3%) e GUIMARÃES, N. A. publicou 37 trabalhos (10,1%). (Tabela 11).

**Tabela 12** – Produção científica nacional e estrangeira dos bolsistas PQ1A do campo da sociologia no triênio 2007-2009.

BOLSISTA DE PRODUTIVIDADE	NACIONAL				ESTRANGEIRA				TOTAL
	Livro	Capítulo	Artigo	Anais	Livro	Capítulo	Artigo	Anais	
ARRUDA, M.A.N	---	1	2	---	---	---	---	---	3
BARREIRA, C.	1	3	4	1	---	---	2	---	11
BARROS, S.M.P	2	3	4	---	---	3	2	---	14
BASTOS, E.R	---	5	1	1	---	---	---	---	7
BRUMER, A.	---	7	5	1	---	1	1	---	15
FERRANTE, V.L.S.B	---	5	26	41	---	---	---	---	72
GUIMARÃES, A.S.A	1	5	2	---	---	2	3	1	14
GUIMARÃES, N.A	2	7	4	1	---	1	1	4	20
HIRANO, S.	2	1	1	---	---	---	1	---	5
MARTINS, J.S	6	5	2	---	---	1	1	---	15
ORTIZ, R.J.P	1	2	4	---	1	3	1	---	12
PIERRUCCI, A.F de O.	---	7	3	---	---	---	---	---	10
PORTO, M.S.G	---	5	4	---	---	---	---	---	9
PRANDI, J.R	2	3	2	---	---	2	1	---	10
RAMALHO, J.R.G.P	2	10	6	6	---	4	---	6	34
REIS, E.M.C.P	---	1	---	2	---	2	3	---	8
SALLUM JÚNIOR, B.J	---	---	2	---	---	---	1	---	3
SANTOS, J.V.T	1	8	3	---	---	---	---	---	12
SCHERER-WARREN, I.	---	7	5	---	---	1	1	---	14
SILVA, M.A.M	---	15	12	17	---	1	1	3	49
<b>SUBTOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100</b>	<b>92</b>	<b>70</b>	<b>1</b>	<b>21</b>	<b>19</b>	<b>14</b>	<b>337</b>
<b>TOTAL</b>	<b>282</b>				<b>55</b>				<b>337</b>

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Os bolsistas publicaram as suas produções científicas predominantemente em idioma nacional; 282 trabalhos correspondem a 83,7% do total da produção científica. Os dados indicaram também que esses bolsistas produziram 55 trabalhos em idioma estrangeiro, sobretudo em francês e inglês, o que representa 16,3% do total geral da produção. (Tabela 12).

Os dados sobre a produção intelectual dos bolsistas PQ 1A por estrato Qualis dos títulos de periódicos mostraram que os bolsistas publicaram 37 artigos em periódicos classificados nos estratos superiores, ou seja, nos estratos A1, A2 e B1, o que representa, portanto, 33% dos 111 artigos produzidos no período. Os dados indicaram também que esses bolsistas produziram 66 artigos publicados em títulos de periódicos classificados nos estratos inferiores do campo - estratos B2, B3, B4, B5 e C -, correspondentes a 59,4% do universo da produção. Oito artigos foram publicados em títulos de periódicos destituídos totalmente de capital científico, correspondentes a 7,6% do total da produção publicada no período. (Tabela 13). A relação dos títulos de periódicos nacionais e estrangeiros, na qual constam os bolsistas que publicaram a sua produção científica no triênio 2007-2009, encontra-se no Apêndice J.

**Tabela 13** – Produção científica dos bolsistas PQ1A do campo da sociologia por estrato Qualis de periódicos no triênio 2007-2009.

BOLSISTAS DE PRODUTIVIDADE	ESTRATO QUALIS									TOTAL
	A1	A2	B1	B2	B3	B4	B5	C	Sem estrato	
ARRUDA, M.A.N	1	---	---	---	1	---	---	---	---	2
BARREIRA, C.	1	1	---	1	1	---	1	1	---	6
BARROS, S.M.P	3	---	---	---	1	2	---	---	---	6
BASTOS, E.R	1	---	---	---	---	---	---	---	---	1
BRUMER, A.	1	1	---	---	1	---	---	1	2	6
FERRANTE, V.L.S.B	---	---	---	3	4	1	16	1	1	26
GUIMARÃES, A.S.A	2	---	2	1	---	---	---	---	---	5
GUIMARÃES, N.A	2	1	---	1	---	---	---	1	---	5
HIRANO, S.	---	---	---	---	---	1	1	---	---	2
MARTINS, J.S	---	---	---	---	---	1	---	1	1	3
ORTIZ, R.J.P	1	1	1	1	---	---	---	---	1	5
PIERRUCCI, A.F de O.	2	---	---	---	---	---	---	---	1	3
PORTO, M.S.G	1	1	---	---	---	1	---	---	1	4
PRANDI, J.R	1	1	---	1	---	---	---	---	---	3
RAMALHO, J.R.G.P	1	1	1	1	1	1	---	---	---	6
REIS, E.M.C.P	3	---	---	---	---	---	---	---	---	3
SALLUM JÚNIOR, B.J	---	1	2	---	---	---	---	---	---	3
SANTOS, J.V.T	1	---	---	1	---	1	---	---	---	3
SCHERER-WARREN, I.	---	2	---	3	1	---	---	---	---	6
SILVA, M.A.M	---	---	---	2	1	6	1	2	1	13
SUBTOTAL	<b>21</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>15</b>	<b>11</b>	<b>14</b>	<b>19</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>111</b>
<b>TOTAL</b>	<b>37</b>			<b>66</b>					<b>8</b>	<b>111</b>

Fonte: O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

A média de produção dos artigos científicos correspondeu a 5,5 artigos por pesquisador. Verificou-se uma distorção na tabela acima, a qual diz respeito ao fato de a bolsista FERRANTE, V. L. S. B. ter publicado 26 artigos, todos eles em periódicos classificados nos estratos inferiores do campo, dos quais 12 foram publicados em um único periódico, editado pela própria bolsista. O quantitativo de artigos publicados pela bolsista representa 23,4% do total de artigos publicados por todos os bolsistas durante os três anos mapeados. Os dados revelaram também que aproximadamente metade dos bolsistas não conseguiu produzir mais do que três artigos durante todo o triênio, sendo que dos dezesseis bolsistas que publicaram nos estratos A1 e A2, valorado pelo sistema de reputação do CNPq, apenas três deles conseguiram produzir mais de dois artigos nesses estratos.

Ao contrário dos bolsistas PQ1A, os quais alcançaram o maior, senão um dos mais importantes postos na escala de progressão científica, os egressos lutam dentro do campo para avançar em suas posições em busca de conquista e reconhecimento acadêmico-científico.

Os egressos produziram o total de 195 trabalhos publicados sob a forma de livros, capítulos de livros, artigos de periódicos científicos e trabalhos completos publicados em anais de congressos científicos e que a média de produção por pesquisador correspondeu a 8,9, isto é, praticamente a metade da média de produção dos bolsistas PQ 1A. (Tabela 14). Assim como houve variações na produção científica dos bolsistas, os dados revelaram variações na produção dos egressos que apresentou média de 1,9 para livros; 12,0 para capítulos de livros; 10,35 para artigos de periódicos científicos e 9,7 para trabalhos completos publicados em anais de congressos científicos. (Tabela 14).

**Tabela 14** – Distribuição da produção científica dos egressos do campo da sociologia no triênio 2007-2009.

Egressos	2007				2008				2009			
	Livro	Capítulo	Artigo	Anais	Livro	Capítulo	Artigo	Anais	Livro	Capítulo	Artigo	Anais
ANDRADE, P.M	---	2	3	1	---	1	---	---	---	2	1	---
CASTELFRANCHI, J	1	---	1	---	---	5	---	3	---	1	3	1
COSTA, F.B	---	1	1	4	---	1	1	1	---	1	---	4
FERRARINI, A.V	---	---	---	---	1	---	---	1	---	---	---	---
FELTRAN, G.S	---	3	3	1	---	1	1	1	---	2	1	2
FREITAS, R.A	---	1	---	---	---	---	1	---	---	---	---	---
GOMES, R.A	---	---	1	4	---	---	---	3	---	1	2	1
GUTIÉRREZ, M.L.F	---	1	---	---	---	5	---	---	---	2	2	4
IDARGO, A.B	1	---	1	---	---	---	---	---	2	---	---	---
IVO, A.B.L	---	---	---	2	1	1	3	2	---	1	---	1
LUCENA, M.Z	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	1	1
MATOS, T.C.F	---	---	1	---	---	---	---	---	---	---	1	---
MEUCCI, S	---	---	---	2	---	---	2	---	---	---	---	---
OLIVEIRA, D.D	---	3	---	---	---	1	2	---	---	3	---	1
PETRARCA, F.R	---	---	4	6	---	---	7	7	---	---	4	9
PRATES, A.A.P	---	1	1	---	---	1	---	---	---	---	1	---
RODRIGUES, C.M.C	---	---	1	1	---	---	1	2	---	---	---	---
SINHORETTO, J	---	---	1	1	---	3	1	---	---	---	2	1
SOUZA, J.L.C	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	1	3
TELLES, M.S.S	---	---	---	---	---	---	1	1	---	1	---	1
VALE, A.F.C	---	---	1	---	---	1	---	1	---	---	---	---
VARGAS, S.A.G.L	---	1	1	1	1	---	2	2	---	2	2	1
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>13</b>	<b>20</b>	<b>23</b>	<b>3</b>	<b>20</b>	<b>22</b>	<b>24</b>	<b>2</b>	<b>16</b>	<b>21</b>	<b>30</b>

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Algumas questões podem ser registradas sobre a produção científica dos egressos. Novamente se constatou que a produção de livros foi baixa durante o triênio 2007-2009 quando comparada aos demais tipos de publicações científicas. Os dados revelaram que dos vinte e dois egressos, apenas cinco conseguiram produzir livros. (Tabela 14). Dos sete livros produzidos no período, três foram escritos sob a forma de coautoria, todos eles publicados por editora comercial de reduzida circulação nacional.

Nos canais formais da comunicação científica, a publicação em artigos de periódicos científicos superou a produção em livros e capítulos de livros em todos os anos analisados. Dos 63 artigos publicados, 46 foram publicados sob a forma de autoria única, 10 com dois autores, 4 com três autores e 3 com mais de quatro autores. Assim, os artigos foram produzidos predominantemente sob a forma de autoria única e, quando ocorreu colaboração, esta se deu entre os egressos e seus orientadores de doutorado.

Ao contrário do que se observou na produção científica dos bolsistas PQ 1A, os egressos produziram com maior frequência trabalhos completos para publicação em anais de congressos científicos. Dos vinte e dois egressos, dezessete produziram nesse tipo de publicação científica.

Tanto entre os bolsistas PQ1A, como entre os egressos a produção se evidenciou concentrada. Seis egressos concentram mais de 50% do total da produção intelectual. PETRARCA, F. R. é responsável pela produção de 37 publicações. Em seguida, destacam-se CASTELFRANCHI, J., com 15 publicações; COSTA, F. B., com 14 trabalhos; FELTRAN, G. S., com 14 produções; GUTIÉRREZ, M. L. F., com 14 publicações e VARGAS, S. A. G. L., com 13 trabalhos. (Tabela 14)

**Tabela 15** – Produção científica nacional e estrangeira dos egressos do campo da sociologia no triênio 2007-2009.

EGRESSOS	NACIONAL				ESTRANGEIRA				TOTAL
	Livro	Capítulo	Artigo	Anais	Livro	Capítulo	Artigo	Anais	
ANDRADE JÚNIOR, P.M	---	5	4	1	---	---	---	---	10
CASTELFRANCHI, J	---	1	---	2	1	5	4	2	15
COSTA, F.B	---	3	2	8	---	---	---	1	14
FERRARINI, A.V	1	---	---	1	---	---	---	---	2
FELTRAN, G.S	---	1	5	4	---	4	---	---	14
FREITAS, R.A	---	1	1	---	---	---	---	---	2
GOMES, R.A	---	1	3	8	---	---	---	---	12
GUTIÉRREZ, M.L.F	---	7	2	4	---	1	---	---	14
IDARGO, A.B	3	---	1	---	---	---	---	---	4
IVO, A.B.L	1	---	3	4	---	2	---	1	11
LUCENA, M.Z	---	---	1	1	---	---	---	---	2
MATOS, T.C.F	---	---	2	---	---	---	---	---	2
MEUCCI, S	---	---	2	2	---	---	---	---	4
OLIVEIRA, D.D	---	7	2	1	---	---	---	---	10
PETRARCA, F.R	---	---	14	15	---	---	1	7	37
PRATES, A.A.P	---	2	2	---	---	---	---	---	4
RODRIGUES, C.M.C	---	---	2	2	---	---	---	1	5
SINHORETTO, J	---	3	4	2	---	---	---	---	9
SOUZA, J.L.C	---	---	1	3	---	---	---	---	4
TELLES, M.S.S	---	1	1	2	---	---	---	---	4
VALE, A.F.C	---	1	1	1	---	---	---	---	3
VARGAS, S.A.G.L	1	2	3	3	---	1	2	1	13
SUBTOTAL	6	35	56	64	1	13	7	13	195
TOTAL GERAL	<b>161</b>				<b>34</b>				195

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Os egressos publicaram 161 trabalhos em idioma nacional, correspondente a 82,5% e 34 publicações em idioma estrangeiro, o que representa 17,5% do total da produção intelectual produzida no triênio. Esses dados se coadunam com a produção dos bolsistas PQ 1A que também publicaram com maior frequência em idioma nacional.

Assim sendo, os egressos produziram 9 artigos (14,28%) em periódicos classificados nos estratos superiores do campo e 51 artigos (80,95%) em periódicos classificados nos estratos inferiores. (Tabela 16). Os títulos dos periódicos podem ser visualizados no apêndice K da pesquisa.

**Tabela 16** – Produção científica dos egressos do campo da sociologia por estrato Qualis de periódicos no triênio 2007-2009.

EGRESSOS	ESTRATO QUALIS									TOTAL
	A1	A2	B1	B2	B3	B4	B5	C	Sem estrato	
ANDRADE JÚNIOR, P.M	---	---	---	2	2	---	---	---	---	4
CASTELFRANCHI, J	---	2	---	---	---	---	---	---	2	4
COSTA, F.B	---	---	1	---	---	1	---	---	---	2
FERRARINI, A.V	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---
FELTRAN, G.S	---	---	1	2	---	---	1	1	---	5
FREITAS, R.A	---	---	---	1	---	---	---	---	---	1
GOMES, R.A	---	1	---	2	---	---	---	---	---	3
GUTIÉRREZ, M.L.F	---	---	---	2	---	---	---	---	---	2
IDARGO, A.B	1	---	---	---	---	---	---	---	---	1
IVO, A.B.L	---	1	---	---	---	---	1	1	---	3
LUCENA, M.Z	---	---	---	1	---	---	---	---	---	1
MATOS, T.C.F	---	---	---	1	---	---	1	---	---	2
MEUCCI, S	---	---	---	1	---	---	1	---	---	2
OLIVEIRA, D.D	---	---	---	2	---	---	---	---	---	2
PETRARCA, F.R	---	---	---	7	4	3	1	---	---	15
PRATES, A.A.P	1	---	---	1	---	---	---	---	---	2
RODRIGUES, C.M.C	---	---	---	2	---	---	---	---	---	2
SINHORETTO, J	1	---	---	2	---	1	---	---	---	4
SOUZA, J.L.C	---	---	---	1	---	---	---	---	---	1
TELLES, M.S.S	---	---	---	---	---	1	---	---	---	1
VALE, A.F.C	---	---	---	---	1	---	---	---	---	1
VARGAS, S.A.G.L	---	---	---	1	---	1	---	2	1	5
SUBTOTAL	3	4	2	28	7	7	5	4	3	63
TOTAL	9			51					3	63

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.



Os dados da tabela acima revelaram que nenhum dos vinte e dois egressos produziu mais do que dois artigos em periódicos classificados nos estratos superiores do campo durante o triênio. Dos oito pesquisadores que conseguiram publicar nos estratos A1, A2 e B1, apenas um produziu dois artigos. Percebe-se ainda nos dados a seguinte distorção: uma única pesquisadora ter conseguido publicar quinze artigos durante o triênio, quando a média de produção de artigo por autor correspondeu a 2,86. Pensou-se na possibilidade de essa pesquisadora ter publicado todos ou boa parte desses artigos sob a forma de coautoria, mas os dados não permitiram confirmar tal suposição, pois apenas um dos quinze artigos publicados pela pesquisadora foi escrito por dois autores.

## 7 DISCUSSÃO E ANÁLISE

O campo da sociologia brasileira é um campo social no qual ocorrem relações de forças, disputas e estratégias que visam beneficiar interesses específicos. Nesse campo do conhecimento, pesquisadores e instituições científicas dotadas de um *habitus* específico, isto é, de suas formas de ver e de se perceber nas estruturas do campo, estão em permanentes disputas pelo controle da distribuição de poder e prestígio acadêmico.

Assim, no campo da sociologia brasileira, 34 programas de pós-graduação com cursos de doutorado lutam pela maior acumulação de capital científico, aferida a cada três anos, por meio do sistema de reputação da CAPES.

A aferição desse capital científico é realizada por intermédio de indicadores científicos que avaliaram, na trienal 2010, o corpo docente (20%); o corpo discente, teses e dissertações (30%); a produção intelectual (40%) e a inserção social (10%), este último item incluído na gestão do presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, para enfatizar o papel social desenvolvido pelos programas de pós-graduação no país.

Como foi possível observar na revisão de literatura da dissertação, a soma dos pesos dos quesitos *corpo discente, teses e dissertações e produção científica do corpo docente* indica que 70% do conjunto da avaliação dos programas de pós-graduação se sustentam nos indicadores de produção científica.

Nesse sentido, todo o esforço desencadeado pelos programas de pós-graduação para acumular maior capital científico está diretamente relacionado ao seu empenho para atender aos critérios do sistema de reputação da CAPES, que estabelece a quantidade da produção científica que deve ser publicada em livros e artigos de periódicos. (Quadro 10).

O atendimento ou não dos programas de pós-graduação aos critérios do sistema de reputação da CAPES tem como resultado o conceito que varia em uma escala de 1 a 7 e que representa, tanto no aspecto simbólico quanto no organizacional, o capital científico que possibilita aos programas mais conceituados, por exemplo, obter números elevados de bolsas e projetos, bem como recursos específicos para custear a participação de seus pesquisadores em congressos e eventos científicos, dentre outros benefícios ofertados pelo sistema aos programas possuidores de maior capital científico.

Os dados empíricos da pesquisa mostraram que a totalidade dos programas de pós-graduação com cursos de doutorado detentores de elevado capital científico acumulado no campo, isto é, conceitos 6 e 7, na trienal 2010, estão localizados nas regiões sul e sudeste do país. A concentração de programas melhores conceituados em determinadas regiões geográficas do país é indicador da necessidade de criação de políticas científicas que sejam capazes de promover o maior nivelamento no que diz respeito ao desenvolvimento científico e tecnológico entre as diferentes regiões geográficas.

Assim como os programas de pós-graduação estão em permanente luta pelo maior acúmulo de capital científico no plano institucional, os pesquisadores da sociologia também estão individualmente em constantes disputas para assumirem a posição de pesquisadores dominantes dentro da estrutura organizacional do campo, e esta posição é aferida pelo CNPq, por meio do seu sistema de reputação.

Da mesma forma que existe hierarquia promovida pela CAPES na distribuição do capital científico entre os programas de pós-graduação, o CNPq também produz distinção na distribuição de capital entre os pesquisadores individualmente representados nas modalidades de bolsas: PQ 2, PQ 1D, PQ 1C, PQ 1B, PQ 1A e SR. Os indicadores de produção, assim como nos programas de pós-graduação, são os principais meios de se aferir a reputação de um pesquisador no CNPq, pois sua produção intelectual corresponde a 60% da avaliação para concessão de bolsas de produtividade em pesquisa.

Em relação à atuação profissional, os dados produzidos na pesquisa revelaram que todos dos sociólogos trabalham em programas de pós-graduação. De certa forma, esse resultado relaciona-se ao fato de os programas de pós-graduação serem os maiores produtores de conhecimento científico no país e o meio pelo qual os pesquisadores buscam a sua ascensão dentro do campo. Por intermédio da pós-graduação os pesquisadores orientam alunos de mestrado e doutorado, o que lhes possibilita concorrer às bolsas de pesquisa do CNPq e da CAPES. Nesses programas, eles participam de eventos científicos nacionais e internacionais com maior frequência e encontram, quase sempre, ambiente propício para ampliar a sua produção intelectual e publicar, inclusive, em colaboração com seus orientandos e demais professores de forma a atender aos critérios do sistema de reputação da ciência.

Os dados revelaram também que quinze dos vinte bolsistas PQ1A atuam em

programas que obtiveram maior pontuação na trienal 2010, a sinalizar existir sinais de correlação entre os critérios do sistema de reputação do CNPq e da CAPES para atribuir prestígio e reconhecimento acadêmico aos sociólogos brasileiros, o que corrobora o primeiro pressuposto.

Essa correlação também pode ser constatada ao se observar que a CAPES e o CNPq têm valorado a produção científica comunicada nos canais formais da ciência, isto é, em livros de autoria única publicados preferencialmente por editoras universitárias e comerciais de ampla circulação nacional e artigos publicados em títulos de periódicos detentores de melhor classificação nos estratos Qualis CAPES. (Quadro 10).

Os dados revelaram que os programas de melhor pontuação na CAPES são justamente aqueles que possuem maior quantidade de bolsistas de produtividade do CNPq vinculados a eles. A mesma lógica parece ser verdadeira em relação ao CNPq, o qual seleciona candidatos a bolsistas também vinculados aos melhores programas na CAPES. Esse sistema de atribuição de reputação, por sua vez, evidencia um círculo vicioso de manutenção e distribuição de poder e de prestígio acadêmico, no qual os pesquisadores e os programas melhores posicionados possuem maior probabilidade de ditar as regras de dominação e de funcionamento dentro do campo confirmando o que foi discutido nos textos de Bourdieu (1983; 2001; 2004).

Em relação aos egressos, os dados mostraram que os maiores empregadores desses pesquisadores são justamente os programas que obtiveram as menores notas na trienal 2010. Acredita-se que esta situação esteja relacionada às próprias estratégias de manutenção de poder, tal qual amplamente abordada por Bourdieu (1983; 2001; 2004), em que os dominantes, isto é, os programas e os bolsistas melhores posicionados no campo buscam perpetuar-se em suas posições ao evitar e/ou dificultar a entrada de novatos em seus espaços de atuação e de poder. Os programas que mais empregaram os egressos se localizam predominantemente na região nordeste, o que talvez esteja relacionado também ao processo de interiorização do ensino superior no país, articulado por meio de programas do governo federal como o Reuni (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), que amplia as estruturas das universidades em todo o país com a perspectiva de promover maior acesso ao ensino superior.

Quanto à trajetória de formação acadêmica dos sociólogos analisados, os

dados revelaram que mais de 73% desses pesquisadores, sobretudo os bolsistas PQ1A, se submeteram a programas de treinamento semelhantes ao realizarem a graduação, o mestrado e o doutorado em sociologia. Isto indica que a conquista de reputação dentro da sociologia pressupõe uma carreira acadêmica dentro da própria área, ao tempo em que indica, conforme a teoria do sistema de reputação de Whitley (2000), que esse campo possui fortes tendências disciplinares, o que contribui, inclusive, para dificultar a entrada de pesquisadores não autorizados, ou seja, aqueles cuja formação acadêmica foi obtida em outros campos do conhecimento científico, o que, portanto, mostra a tendência do campo para um alto grau na definição de fronteiras e identidades.

Ao analisar, conforme expresso na teoria de Whitley (2000), o grau de abrangência dos temas e problemas de pesquisas investigados dentro do campo da sociologia, os dados revelaram novamente fortes tendências disciplinares do campo da sociologia, uma vez que se constatou que seus pesquisadores estão se dedicando mais a temas de pesquisas relacionados diretamente ao seu campo de formação acadêmica. (Gráfico 4 e Quadro 13). Apesar da tendência disciplinar manifestada na trajetória acadêmica e nos temas de pesquisas dos sociólogos investigados, acredita-se existir a necessidade de novos estudos que possibilitem aprofundar a discussão sobre os aspectos disciplinares do campo da sociologia brasileira, em virtude dos próprios limites de observação da pesquisa.

No que diz respeito à produção científica dos *bolsistas PQ1A*, constatou-se que a produção em livros foi inferior à produção de capítulos de livros e artigos de periódicos. Este resultado certamente se relaciona com a complexidade inerente à elaboração de livros, a qual, de modo geral, demanda de seus autores maior aprofundamento teórico e maior tempo para a produção, além das constantes dificuldades para se obter financiamento para custear a sua publicação.

Os dados mostraram também que, dos dez bolsistas que conseguiram produzir livros durante o triênio, apenas dois mantiveram produção passível de se considerar contínua e regular, por terem publicado pelo menos três livros durante o período, perfazendo a média de um livro por ano, o que se coaduna com os critérios do sistema de reputação do CNPq. (Quadro 10). Os livros produzidos pelos bolsistas PQ1A foram publicados predominantemente por editoras do tipo comercial de ampla circulação nacional, a exemplo da Companhia das Letras, Cortez, Contexto, Editora 34, Vozes e Zahar, editoras que se consagraram ao longo de sua atuação por

publicar títulos importantes na grande área das ciências humanas.

O prestígio acadêmico-científico das editoras tem sido valorado pelo sistema de reputação do CNPq para a concessão e manutenção das bolsas de produtividade. Porém, chama a atenção nos dados coletados a incipiente publicação de livros por editoras universitárias, as quais, inclusive, são citadas e valoradas pelo CNPq. Era de se esperar maior participação das editoras universitárias na publicação e divulgação da produção científica gerada nas universidades, sobretudo nas públicas, nas quais trabalham boa parte dos sociólogos analisados. Apesar de não ter sido objeto de estudo da dissertação, talvez questões de ordem estrutural estejam realmente dificultando a dinâmica de atuação das editoras universitárias no país, a deixar espaço para as editoras comerciais ampliarem seus lucros e dividendos em um mercado editorial em expansão no país.

Os capítulos de livros foram os canais formais mais produzidos pelos bolsistas e representaram 36% do total de sua produção científica publicada no período. Essa elevada produção de capítulos pode estar associada tanto à inexistência de um sistema mais rígido de avaliação pelos pares (*peer review*), o que talvez esteja facilitando a sua maior produção, como também pelo próprio valor simbólico que o livro e, conseqüentemente os capítulos de livros, certamente ainda possuem para os pesquisadores brasileiros, especialmente para aqueles vinculados ao campo das ciências humanas e sociais aplicadas.

Nesses dados, desperta a curiosidade o fato de não se observar, em momento algum, nos critérios do sistema de reputação do CNPq, referência aos capítulos de livros como produção valorada pela agência para concessão e manutenção de bolsas de produtividade em pesquisa, o que pode apontar que os bolsistas, ao serem alçados a esta categoria de consagração acadêmica dentro do campo, produzem o que consideram interessante publicar, sem necessariamente se preocuparem com o que o sistema valora naquele momento. Durante o triênio, aproximadamente metade dos bolsistas não produziu mais de três artigos, quando a expectativa do CNPq é a produção científica contínua e regular de, minimamente, 5 artigos publicados em periódicos classificados nos estratos A1 e A2. (Quadro 10).

Os bolsistas, ao atingirem o topo da carreira acadêmica, parecem não se preocupar com a produção de trabalhos para apresentação em anais de congressos científicos, a qual, inclusive, também não é valorizada pelo sistema de reputação do CNPq para concessão e manutenção das bolsas. Como é amplamente conhecido,

uma das funções da publicação de trabalhos em eventos científicos é promover a maior visibilidade dos pesquisadores, sobretudo dos novatos, pois esta é a oportunidade de divulgarem e validarem as suas pesquisas científicas justamente com os pesquisadores mais experientes do campo, como se acredita ser os bolsistas de produtividade em pesquisa.

Conforme discutido no referencial teórico, há disputa de poder dentro do campo, cujos resultados estão visíveis nas listagens de bolsistas de produtividade em pesquisa. Ao se verificar se os critérios do sistema de reputação do CNPq são reconhecidos nesta mesma listagem, os resultados evidenciaram que a produção desses bolsistas não está de acordo com o esperado pelo CNPq, a revelar baixo prestígio acadêmico desse sistema entre os bolsistas, dentre outros aspectos. Esta constatação permitiu refutar o segundo pressuposto.

Parece que os bolsistas se esforçam para atender aos critérios do CNPq no momento em que ingressam no sistema de bolsas, mas a sua permanência e a progressão nesse sistema não dependem necessariamente de sua produção científica. Nesse sentido, a estrutura de critérios do CNPq parece não mais valer para os bolsistas, em razão de eles terem alcançado uma zona de segurança de onde dificilmente sairão.

Nesse sentido, acredita-se que a produção científica dos bolsistas não deva ser tomada como exemplo por aqueles pesquisadores que lutam dentro do campo para alcançarem o topo da carreira acadêmica, a exemplo dos egressos dos cursos de doutorado, uma vez que a sua produção científica parece não ser o único meio a garantir a permanência e a progressão de um pesquisador dentro do sistema de bolsas de produtividade do CNPq.

Portanto, é perceptível a existência de outros critérios não explicitados na estrutura do sistema de avaliação do CNPq. Provavelmente são critérios intangíveis, de valor subjetivo, os quais também valem para se atribuir reputação no campo, ou seja, na prática, para um pesquisador atingir o topo de sua carreira acadêmica não precisa necessariamente seguir a estrutura de critérios nominada nos documentos.

Os egressos, assim como os bolsistas PQ1A, apresentaram baixa produção em livros quando comparados aos capítulos, artigos e trabalhos publicados em anais de congressos, o que possibilitou constatar que talvez o livro realmente já não possa mais ser considerado, no limite de observações da pesquisa, como o principal canal formal de comunicação do campo das ciências humanas, o que permitiu refutar o

quarto pressuposto do estudo.

Apenas cinco dos vinte e dois egressos atenderam à expectativa da CAPES aos produzir pelo menos um livro durante o triênio (CAPES, 2011b). Porém, todos os livros produzidos pelos egressos foram publicados por editora comercial de reduzida circulação nacional e, portanto, destituídas de elevado capital científico acumulado no campo. Acredita-se que possivelmente essa situação comprometa tanto a reputação desses pesquisadores quanto a dos programas de pós-graduação em que eles estão inseridos, uma vez que a comissão de avaliação da sociologia na CAPES, na trienal 2010, valorou a produção de livros publicados por editoras comerciais ou universitárias de elevado prestígio acadêmico no campo.

Como foi possível perceber nos dados, a produção científica dos bolsistas está sendo comunicada, com maior frequência, em capítulos de livros e os egressos estão produzindo mais sob a forma de artigos de periódicos científicos. Esse fato permite inferir que possivelmente muitos pesquisadores das ciências humanas e sociais aplicadas ainda vivam em um estado de espírito enganoso com relação à ideia de produzirem mais em livros. A crença de que o livro é o principal veículo de comunicação nas ciências humanas talvez esteja relacionada ao próprio apego bizantino aos livros, em que se associava este artefato cultural à concepção de superioridade mental, ao anel de grau ou à carta de bacharel, símbolos que representavam homens de espíritos elevados.

Porém, nos últimos anos, o sistema de reputação da CAPES e do CNPq atribuíram elevado peso para a produção científica publicada em artigos de periódicos. Esse fato tem levado muitos pesquisadores a publicar seus trabalhos onde o sistema diz ser melhor publicar. Na sociologia, um pesquisador ganha mais pontos quando produz em artigos, pois, na trienal 2010, a comissão de avaliação “[...] deu um peso de 90% aos artigos no índice final e 10% aos livros. A comissão entendeu que a produção veiculada através de periódicos é o melhor indicador de avaliação da produção” (CAPES, 2011c, p. 20).

A produção dos egressos em artigos de periódicos científicos superou a publicação dos demais tipos de canais formais da ciência, como os livros e capítulos de livros. Os dados mostraram que 32% do total de sua produção foram publicadas em artigo de periódico, o principal indicador de prestígio e reconhecimento dos pesquisadores dentro de um campo do conhecimento científico, pela lógica do sistema de reputação da ciência.



A elevação na produção de artigos científicos é um indicador de que realmente os egressos buscam seguir o senso do jogo do sistema de reputação da CAPES, o qual tem valorado mais a publicação em artigos de periódicos. Para se ter ideia dessa equação, durante um triênio, um pesquisador pode publicar até seis artigos em estratos superiores do Qualis, o que equivaleria a ele publicar um livro, o que, de modo geral, demanda do autor aprofundamento na abordagem do conteúdo pesquisado. Apesar dos egressos publicarem mais em artigos, a sua média de produção correspondeu a menos de três artigos durante o triênio, quando a CAPES espera deles a produção de seis ou sete artigos em estrato A1, A2 ou B1. (Quadro 10).

Ao contrário dos bolsistas PQ1A, os egressos publicaram mais em anais de congressos científicos e este fato pode estar relacionado ao pouco prestígio desses novos pesquisadores junto aos conselhos editoriais de periódicos científicos, cujo crivo para aceitação e publicação de trabalhos parece ser maior quando comparado aos eventos científicos.

Ao estudar se a estrutura do sistema de avaliação da produção científica da CAPES causava impacto à produção científica dos egressos, constatou-se que a nova geração de sociólogos produziu muito aquém das expectativas do sistema de reputação da CAPES, o que permitiu refutar o terceiro pressuposto. Este resultado, de certa forma, indica a tendência desses novos pesquisadores em reproduzir o *habitus* dos pesquisadores que possuem maior tempo de atuação dentro do campo, como os bolsistas PQ1A, os quais não seguem os critérios do sistema de reputação do CNPq. Situações como estas podem, inclusive, inibir o próprio crescimento dos programas de pós-graduação e, conseqüentemente, de todo o campo da sociologia brasileira.

No primeiro momento da pesquisa, acreditava-se que os egressos, por terem alcançado o primeiro nível na escala de progressão acadêmica e por estarem fora do sistema de bolsas de produtividade, empreenderiam esforços para reproduzir os critérios que possibilitam obter maior reputação acadêmica e, conseqüentemente, maior visibilidade perante o CNPq. Entretanto, essas ideias não conseguiram ser confirmadas na pesquisa. Vale ressaltar que, como a avaliação da produção dos egressos correspondeu ao triênio 2007-2009, esses pesquisadores poderão apresentar comportamentos diferentes no triênio subsequente, o que torna necessário novas pesquisas, de forma a acompanhá-los em maior intervalo de

tempo para perceber sua evolução dentro desse sistema.

Apesar de não se ter estudado a concentração da produção científica nos programas de pós-graduação nos quais os egressos trabalharam na trienal 2010, os resultados permitiram inferir que esses pesquisadores, mesmo sem atender aos critérios de avaliação da CAPES, certamente se mantiveram como docentes permanentes em virtude de uma possível concentração da produção científica em seus programas. Sabe-se que, em alguns programas de pós-graduação, determinados docentes altamente produtivos conseguem manter o conceito do programa na CAPES e conseqüentemente a vinculação dos demais colegas que não obtiveram boa produção no triênio avaliado.

No campo da sociologia brasileira não foi possível identificar relação de causalidade entre os critérios objetivos do sistema de avaliação e a efetiva produção intelectual publicada no campo. Há claras indicações de que os dois grupos de sociólogos que alcançaram graus distintos de consagração acadêmica no seio do campo não estão reproduzindo os critérios formulados pelas duas principais agências de fomento à pesquisa do país. Como não há possibilidade de se questionar as regras em vigor, a partir do estudo de um caso único, acredita-se, em princípio, que essas continuam válidas e representam o sistema de reputação do campo.

O que pode estar acontecendo na sociologia brasileira é que forças não científica, isto é, políticas, talvez estejam se sobrepondo à própria estrutura objetiva do sistema de avaliação da produção científica, o que pode comprometer a própria autonomia científica do campo, ou seja, a sua “[...] lógica da concorrência puramente científica fundada apenas sobre a força da razão e de argumentos” (BOURDIEU, 2004, p. 34).

Os dados revelaram também que, tanto a produção dos bolsistas PQ1A quanto a dos egressos, foi predominantemente publicada em idioma nacional, o que ratifica, portanto, o quinto pressuposto. Esse resultado indica, de certo modo, baixo grau de internacionalização das pesquisas científicas realizadas no campo da sociologia brasileira. Acredita-se que este fato esteja relacionado ao interesse dos pesquisadores da sociologia e dos demais campos que compõem as ciências humanas em investigar problemas de pesquisas de abrangência local.

Por fim, os dados empíricos mostraram que os bolsistas PQ1A e os egressos produziram predominantemente sob a forma de autoria única, no que diz

respeito à produção de livros e artigos de periódicos científicos. Antes, pensava-se que, por causa da necessidade de se atender aos critérios do sistema de reputação do CNPq e da CAPES, os bolsistas e os egressos pudessem apresentar alta produção de livros e artigos em colaboração com seus orientandos e orientadores, mas os resultados não confirmaram essas ideias. Assim, os dados mostraram baixa rede de coautoria no campo da sociologia brasileira, como ocorrem nos demais campos que compõem as ciências humanas e sociais aplicadas. Portanto, esses resultados permitiram ratificar o sexto pressuposto.

## 8 CONCLUSÃO

A conquista de reconhecimento social, de capital científico e de reputação acadêmica dentro de um campo científico pressupõe a existência de estrutura gerencial de avaliação da atividade científica, de tal forma que se possa atribuir um estipulado capital científico a um determinado pesquisador.

É por meio dessa estrutura gerencial que se atribui o capital simbólico que cada agente merece, ou seja, alguns pesquisadores terão mais capital científico e reputação acadêmica e outros terão menos capital simbólico e reputação acadêmica à medida que conseguirem atender aos critérios objetivos que dão corpo ao sistema de reputação da ciência.

A sociologia brasileira, assim como os demais campos científicos, possui critérios que lhe permite avaliar os diferentes aspectos da atividade científica, como a quantidade de orientações de um pesquisador; o número de participação em bancas examinadoras e as experiências na gestão acadêmica. Entretanto, a pesquisa em questão não pretendeu avaliar todas as dimensões da atividade científica, restringindo-se, portanto, a mensurar os aspectos relacionados à produção científica em razão de esse possuir peso significativo, conforme explicitado anteriormente, na avaliação dos pesquisadores e, conseqüentemente, dos programas de pós-graduação.

Assim, o objetivo da pesquisa foi verificar se a estrutura de critérios criada pelos pesquisadores da sociologia brasileira, representada na sistemática de avaliação do CNPq e da CAPES, realmente serve para atribuir o capital simbólico e a reputação acadêmica dentro do campo.

Nesse sentido, a pesquisa mostrou que realmente existem sinais de correlações entre os critérios de avaliação da produção científica do CNPq e da CAPES na sociologia brasileira, visto que são esses os critérios que sustentam o sistema de reputação do campo e que deveriam representar a principal forma pela qual o pesquisador conquista o prestígio e o reconhecimento acadêmico.

Apesar de identificar a estrutura gerencial de atribuição de capital científico e reputação acadêmica na sociologia brasileira, percebeu-se que os sociólogos estão se alçando às categorias superiores de suas escalas de progressão acadêmica sem necessariamente reproduzir os critérios desse sistema de reputação, sobretudo no que diz respeito à produção científica.

Como os critérios objetivos do sistema de reputação do campo não estão causando impacto à produção científica dos sociólogos brasileiros, há fortes indícios de que realmente existem outros critérios, de ordem mais subjetiva e intangível, muito difíceis de mensurar, os quais permitem aos sociólogos avançar na escalada da progressão acadêmica no seio do campo. Nesse sentido, acredita-se que a produção científica parece não ser a única forma de se avaliar a carreira acadêmica como pensam muitos pesquisadores e sociólogos da ciência.

Realmente o que parece acontecer na sociologia brasileira é a utilização, pelos próprios pesquisadores, da estrutura gerencial de avaliação da atividade científica como aparelho de reprodução das desigualdades da distribuição de capital científico em lugar de servir para atribuir o capital científico aos pesquisadores do campo, sobretudo pela quantidade e qualidade de sua produção científica. Aqueles que detêm maior capital científico acumulado parecem não depender necessariamente do sistema para continuar avançando posições dentro do campo das disputas acadêmicas.

Nesse sentido, frente às ricas discussões suscitadas na dissertação, acredita-se que a pesquisa não esgota as investigações relacionadas ao sistema que concede reputação acadêmica na sociologia brasileira, em virtude de se ter procurado, neste momento, constatar a relação de causalidade entre produção científica e reputação acadêmica, de forma a responder aos pressupostos da dissertação.

Acredita-se, entretanto, que futuros estudos poderão se desenvolver, no sentido de ampliar as discussões sobre as razões pelas quais os pesquisadores não atenderam aos critérios de avaliação da produção científica. Talvez seja interessante se realizar um estudo posterior, no qual se possam analisar outras dimensões que envolvem o trabalho acadêmico, a exemplo do número de orientandos por docente, a carga horária em sala de aula, as coordenações de projetos de pesquisas e a ocupação de cargos administrativos, que, por ventura, possam influenciar a quantidade e qualidade da produção científica dos pesquisadores da sociologia brasileira, mas que não foram objeto de análise da dissertação.

Vale ressaltar que as considerações da pesquisa não são definitivas, uma vez que se analisaram as regras do sistema de reputação sob a ótica dos critérios formulados pelo CNPq e pela CAPES, os quais fazem parte do grande ecossistema de reputação da ciência brasileira. Essa pesquisa não se debruçou, por exemplo,

sobre as regras formuladas por outras agências de fomento à pesquisa, como as Fundações de Amparo às Pesquisas (FAPs), as quais podem ser objeto de futuras investigações.

Os resultados obtidos na pesquisa infelizmente não são passíveis de generalizações, por se tratarem de questões específicas do campo da sociologia no Brasil, contudo, acredita-se que se possa utilizar a metodologia empregada para a realização do estudo em qualquer outro campo do conhecimento científico, o qual tenha como interesse investigar a relação entre produção científica e reputação acadêmica.

Como foi possível perceber na pesquisa, os sociólogos analisados estão sendo alçados às categorias superiores da escala de progressão acadêmica por outros critérios de avaliação que não estão explicitados em documento algum, isto é, existem muitos aspectos simbólicos, próprios do sistema de avaliação, e que merecem ser aprofundados.

Desta maneira, pode ser interessante para as diferentes áreas reforçarem o discurso meritocrático da ciência ao mapear e registrar, em um documento, quais são os critérios subjetivos que contam para um pesquisador no momento de obter maior reputação acadêmica. Estudos dessa envergadura podem trazer grandes contribuições para as análises sobre a estrutura organizacional da ciência e, no futuro, serem tema a ser desenvolvido em curso de doutorado.

Assim, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para ampliar e enriquecer os estudos sobre avaliação da produção científica no campo das ciências humanas e sociais aplicadas.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Renata Regina Gouvêa Barbatho de. **Um olhar sobre a história:** características e tendências da produção científica na área de História no Brasil (1985-2009). 2011. 155f. Dissertação (Mestrado) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.
- ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v.12, n.1, p.11-32, jan./jun. 2006.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022:** informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa. Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** informação e documentação: referências, elaboração. Rio de Janeiro, 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6029:** informação e documentação: livros e folhetos. Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos. Apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2011.
- AXT, Margarete. O pesquisador frente à avaliação na pós-graduação: em pauta novos modos de subjetivação. **Psicologia & Sociedade**, [S.l.], v.16, n.1, p.69-85, 2004.
- BARATA, Germana Fernandes. **Nature e Science:** mudança na comunicação da ciência e a contribuição da ciência brasileira (1936-2009). 2010. 235f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, 2010.
- BARKER, Ronald E.; ESCARPIT, Rober. **A fome de ler.** Tradução de J. J. Veiga. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas / Instituto Nacional do Livro, 1975.
- BEATO, Cláudio C. Hard Science e Social Science: um enfoque organizacional. **Dados**, Rio de Janeiro, v.41, n.3, 1998.
- \_\_\_\_\_. Posturas epistemológicas e prática científica: o enfoque organizacional na sociologia da ciência. **Episteme**, Porto Alegre, v.3, n.6, p.39-51, 1998a.
- BEDONE, Dalva Maria Bertoni. Sociologia e Sociedade. In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.). **Introdução às Ciências Sociais**. 15. ed. São Paulo: Papyrus, 1988.
- BEIRA, E. **Eugene Garfield, from ISI to Thomson Reuters:** a timeline. como Working Paper Mercados e empresas: dinâmicas e estratégias, WP104, U. Minho.

Disponível em: <http://www.dsi.uminho.pt/ebeira>. Acesso em: 10 mar. 2010.

BONITZ, Manfred. Comments on Robert K. Merton, recipient of the 1995 Derek de Solla Price Award. **Scientometrics**, [S.l.], v. 34, n. 2, p. 2-6, 1995.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2003.

BORREGO, Ángel; URBANO, Cristóbal. La evaluación de revistas científicas em ciencias sociales y humanidades. **Información, cultura y sociedad**, Barcelona, n.14, p.11-27, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2001. (Coleção Biblioteca, 70).

\_\_\_\_\_. O campo científico. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia**. São Paulo: Atica, 1983.

BRAGA, Gilda Maria. Informação, Ciência, Política Científica: o pensamento de Derek de Solla Price. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.155-177, 1974.

BRISOLLA, Sandra Negraes. Indicadores para apoio à tomada de decisão. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 221-125, maio/ago.1998.

BUFREM, L. S. **Editoras universitárias no Brasil**: uma crítica para a reformulação da prática. São Paulo: Edusp; Curitiba: UFPR, 2001.

BUFREM, L.; PRATES, Y. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, maio/ago. 2005.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAFÉ, A. L. P. ; CARVALHO, K. A Visibilidade da literatura científica no campo das ciências humanas: como as teses se transformam em livros. In: XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação XI ENANCIB 2010, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANCIB, 2010.

\_\_\_\_\_. Das teses aos livros: a visibilidade da literatura científica no campo das Ciências Humanas. In: XVI Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: SNBU, 2010.

\_\_\_\_\_. O livro na produção científica dos sociólogos brasileiros. In: XVII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 2012, Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande do Sul: SNBU, 2012.



CAFÉ, A. L. P.; CARVALHO, K.; MENEZES, V.; ODDONE, N. A elite acadêmica da Sociologia no Brasil e sua produção científica. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 16 n. 3, p. 19 – 39, jan./ jun. 2011.

CARVALHO, Kátia. **Travessia das letras**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

CARVALHO, Yara M. de; MANOEL, Edison de J. O livro como indicador da produção intelectual na grande área da saúde. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 61-73, set. 2007.

\_\_\_\_\_. Para além dos indicadores de avaliação da produção intelectual na grande área da saúde. **Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 3, p.193-225, set./dez. 2006.

CHALHUB, Tania; OLIVEIRA, Eloisa Príncipe. O panorama da produção científica de pesquisadores bolsistas do CNPq em Serviço Social. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANCIB, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: UNESP, 2001.

CHRISTOVAO, H.T.; BRAGA, Gilda. Ciência da informação e sociologia do conhecimento científico: a intertematicidade plural. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 3, p. 35-45, set./dez. 1997.

COIMBRA, Cecília Maria. Tensão ou oposição entre ciência e política na pós-graduação? um falso problema? **Psicologia & Sociedade**, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 86-97, 2004.

CNPQ. **História do CNPq**. Disponível em: <<http://centrodememoria.cnpq.br/Missao.html>>. Acesso em: 15 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. **Produtividade em Pesquisa – PQ**. Disponível em: <[http://www.cnpq.br/normas/rn\\_06\\_%20016\\_anexo1.htm](http://www.cnpq.br/normas/rn_06_%20016_anexo1.htm)>. Acesso em: 15 mar. 2011a.

\_\_\_\_\_. **Plataforma Lattes**: a plataforma. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/conteudo/aplataforma.htm>. Acesso em: 23 mar. 2011b.

\_\_\_\_\_. **Plataforma Lattes**: histórico. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/conteudo/historico.htm>. Acesso em: 23 mar. 2011c.

CAPES. **Mestrados/Doutorados reconhecidos**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 24 jan. 2011.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da pós-graduação (Documento de área da trienal 2010/Sociologia)**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br>. Acesso em: 24 jan. 2011a.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da pós-graduação (Relatório de Avaliação da Trienal 2010/Sociologia)**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em: 30 ago.

2011b.

\_\_\_\_\_. **Web Qualis**. Disponível em: <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/>. Acesso em: 10 maio 2011c.

\_\_\_\_\_. **História e missão**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao>>. Acesso em: 10 jan. 2011d.

CORREIA, Anna Elizabeth Galvão Coutinho; ALVARENGA, Lídia; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Publicar é preciso, transformar cientista em máquina não é preciso. **DataGramaZero: Revista de Informação**, [S.l.], v. 12, n. 2, jun. 2011.

DICIONÁRIO Houaiss. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

DAVYT, A.; VELHO, L. A avaliação da ciência e a revisão por pares: passado e presente. Como será o futuro? **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, [S.l.], v. 7, n.1, p. 93-116, mar./jun. 2000.

FEBVRE, L.; MARTIN, L. **O aparecimento do livro**. São Paulo: UNESP, 1992.

FERES, Glória Georges. **A pós-graduação em Ensino de Ciências no Brasil: uma leitura a partir da teoria de Bourdieu**. 2010. 340f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência, Universidade Estadual Paulista.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FETZ, Marcelo; DEFACCI, Fabrício Antônio; NASCIMENTO, Lerisson. Olhares sociológicos sobre a ciência no século vinte: mudanças e continuidades. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, n. 27, p. 284-317, maio/ago. 2011.

FIORIN, José Luiz. Internacionalização da produção científica: a publicação de trabalhos de Ciências Humanas e Sociais em periódicos internacionais. **R B P G**, Brasília, v. 4, n. 8, p. 263-281, dez. 2007.

\_\_\_\_\_. Considerações em torno do novo processo de avaliação. **INFOCAPES**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 30-31, abr./jun. 1998.

FREIRE, Gustavo Henrique; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Avaliação científica: a visão do pesquisador. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 12, n. 2, 2002.

FRY, Jenny; TALJA, Sanna. The intellectual and social organization of academic fields and the shaping of digital resources. **Journal of Information Science**, [s.l.], v. 33, n. 2, p. 115–133, 2007.

GARCIA, Maria Manuela Alves. O campo das produções simbólicas e o campo científico em Bourdieu. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 97, p. 64-72, maio 1996.

GARFIELD, E. Association-of-ideas techniques in documentation: Shepardizing the

literature of science. 1954. Disponível em: <<http://www.garfield.library.upenn.edu>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

GARVEY, William D.; GRIFFITH, B.C. **Communication: the essence of science**. Oxford: Pergamon Press, 1979. Disponível em: <<http://global-reach.biz/globstats/evol.html>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. Communication and information processing within scientific disciplines: empirical findings for psychology. **Information storage and retrieval**, [S.l.], v. 8, n. 3, p.123-136, 1972.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZALEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. As relações entre ciência, estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n.1, p. 60-76, jan./abr. 2003.

GONZALEZ DE, Maria Nélide; MACHADO, Rejane. A Ciência invisível: o papel dos relatórios e as questões de acesso à informação científica. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 5, out. 2007.

HAGSTRON, W. O. **The scientific community**. Nova York: Basic Books, 1965.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Ricardo Benzaquem de Araújo; Lilia Moritz Schwarcz. (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IBICT. **Catálogo Coletivo Nacional – CCN**. Disponível em: <http://www.ibict.br>. Acesso em: 10 jun. 2011.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução às Ciências Humanas**. São Paulo: Letras & Letras, 1994.

KUHN, T. S. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.

LE COADIC, Yves François. **A Ciência da Informação**. 2. ed., rev. e atual. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LESSA, Antônio Carlos. **A Revista Brasileira de Política Internacional e o panorama das revistas científicas da grande área de humanidades no Brasil**. 2010. Disponível em: <[https://docs.google.com/View?id=ajbzk4m2d33k\\_213p57456f3](https://docs.google.com/View?id=ajbzk4m2d33k_213p57456f3)>. Acesso em: 30 abr. 2011.

LIEDKE FILHO, Enno D. A Sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, n.14, p. 376-437, jul./dez. 2005.

LOUREIRO, Maria Rita; BASTOS, Elide Rugai; REGO, José Márcio Rebolho. (Orgs.). **Conversas com sociólogos brasileiros**: retórica e teoria na história do pensamento sociológico brasileiro. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

LUIZ, Ronir Raggio. Avaliação de produtividade acadêmica: uma proposta de quantificação. **RBPG**, Brasília, v. 3, n. 6, p. 300-312, dez. 2006.

LUZ, Madel T. O futuro do livro na avaliação dos programas de pós-graduação: uma cultura do livro seria necessária? **Interface – Comunic, Saúde, Educ**, [s.l.], v. 9, n.18, p. 631-636, set./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. Prometeu acorrentado: análise sociológica da categoria produtividade e as condições atuais da vida acadêmica. **Physis**: revista de saúde coletiva, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.39-57, 2005a.

MACIAS-CHAPULA, C. A. O papel da infometria e da cientometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p.134-140, maio/ago. 1998.

MACHADO, Raymundo das Neves; MEIRELLES, Rodrigo França. Produção científica dos docentes da Universidade Federal da Bahia da área de Filosofia e Ciências Humanas no período de 1995-1999. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p.169-179, maio/ago. 2005.

MARANHÃO, Tatiana de Pino Albuquerque. **Autonomia reflexiva e produção do conhecimento científico**: o campo da Sociologia no Brasil (1999-2008). 2010. 210f. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, 2010.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é Sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARTINS, Carlos Benedito et. al. Mestres e doutores em Sociologia. In: VELLOSO, Jacques. (Org.). **A Pós-Graduação no Brasil**: formação e trabalho de mestres e doutores no país. Brasília: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002. v. 1.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MENZEL, H. Scientific communication: five themes from social science research. **American Psychologist**, Washington, v. 21, n. 10, p. 999-1004, out. 1966.

MERTON, R. K. Os imperativos institucionais da ciência. In: DEUS, Jorge Dias de (Org.). **A crítica da ciência**: Sociologia e ideologia da ciência. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

MINGUILLO, David. Toward a New Way of Mapping Scientific Fields: authors' competence for publishing in Scholarly Journals. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, [S.l.], v. 61, n. 4, p. 772-786, 2010.

MIRANDA, Dely Bezerra de; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 375-382, 1996.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice Jovelina Lima. (Org.). **Comunicação científica**. Brasília: Departamento de Ciências da Informação e Documentação da UnB, 2000.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; CAMPELLO, Bernardete Santos; DIAS, Eduardo Wense. Disseminação da pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 2-23, 1996.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; SANTANA, Maria Gorette. A Ciência da Informação no CNPq - fomento à formação de recursos humanos e à pesquisa entre 1994-2002. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.1-16, fev. 2003.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Métricas para a ciência e tecnologia e o financiamento da pesquisa: algumas reflexões. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. esp. 2008.

\_\_\_\_\_. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006.

\_\_\_\_\_. A publicação da ciência: áreas científicas e seus canais preferenciais. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, fev. 2005.

\_\_\_\_\_. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernardete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares, KREMER, Jeannete Marguerite. (Orgs.). **Fontes de Informação para Pesquisadores e Profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MUGNAINI, Rogério. **Caminhos para adequação da avaliação da produção científica brasileira**: impacto nacional versus internacional. 2006. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2006.

MUGNAINI, Rogério; CARVALHO, Telma de; CAMPANATTI-OSTIZ, Heliane. Indicadores de produção científica: uma discussão conceitual. In: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. (Orgs.). **Comunicação & produção científica**, São Paulo: Angellara, 2006.

NASCIMENTO, Maria Alice Rebello do. **Os instrumentos de avaliação da produção científica no campo das Ciências Humanas e Sociais**: um estudo de caso da antropologia. 2005. 313f. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, fev. 2005.

NORONHA, Daisy Pires. Estudos métricos da informação: primeiras aproximações. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. esp. 2008.

NUNES, A. Sedas. **Questões preliminares sobre as ciências sociais**. 13. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

NUNES, Everardo Duarte. Merton e a sociologia médica. **História, Ciência e Saúde – Manguinhos**, [S.l.], v.14, n.1, p.159-172, jan./mar. 2007.

OLINTO, Gilda. Bolsas de Pesquisador do CNPq: informações sobre política de C&T a partir da base que contém os dados cadastrais dos bolsistas. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p.1-18, abr. 2003.

OLIVEIRA, Marcos Barbosa de. A avaliação neoliberal na universidade e a responsabilidade social dos pesquisadores. **Scientle studia**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 379-387, 2008.

OLIVEIRA, Marlene de. Canais formais de comunicação do conhecimento antropológico produzido no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, 1996.

PACKER, Abel L.; MENECHINI, Rogério. Visibilidade da produção científica. In: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto. **Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006.

PRICE, Derek J. De Solla. **O desenvolvimento da Ciência: análise histórica, filosófica, sociológica e econômica**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976.

\_\_\_\_\_. **Little science, big science and beyond**. New York: Columbia University, 1986.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Grávida, 2008.

RIBEIRO, Renato Janine. **A questão do livro de pesquisa em humanidades**. 2005. Disponível em: <<http://www.spbcnet.org.br>>. Acesso em: 01 abr. 2011.

ROSA, Alexandre Reis. Nós e os índices: um outro olhar sobre a pressão institucional por publicação. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 48, n. 4, out./dez. 2008.

SACARDO, Michele Silva. **Publicação científica derivadas das dissertações e teses na interface entre educação física e educação especial**. 2006. 158f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2006.

SANTANA, Guilherme Alves de et al. Indicadores científicos: uma análise da produção do programa de pós-graduação em Sociologia (PPGS) da UFPE a partir dos currículos da Plataforma Lattes. In: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES

DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, São Luiz. **Anais...** São Luiz, 2011.

SANTOS, Cássio Miranda dos. Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil. **Educação & Sociedade**, [S.l.], v. 24, n. 83, p. 627-641, ago. 2003.

SANTOS, R. N. M; KOBASHI, N. Y. Aspectos metodológicos da produção de indicadores em ciência e tecnologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Informação, Conhecimento e Sociedade Digital**, Salvador, 2005.

\_\_\_\_\_. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n.1, p.155-172, jan./dez. 2009.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. Produção científica: por que medir? O que medir. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n.1, p. 22-38, jul./dez. 2003.

SCHWARTZMAN, Simon. **Ciências naturais, ciências sociais e humanidades:** com um adendo sobre a necessidade de rever o sistema de avaliação da CAPES. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br/simon/buzlios.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2011.

\_\_\_\_\_. **Um espaço para a ciência:** a formação da comunidade científica no Brasil. Brasília: MCT/CEE/CNPq, 2001.

\_\_\_\_\_. **As ciências sociais nos anos 90.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 16, p. 51-60, 1991.

SHINN, Terry. **Robert K. Merton:** entre uma visão universalista da ciência e uma estrutura fechada do conhecimento. [S.l.] : Centro Nacional de Pesquisa Científica, 1997.

SHINN, Terry; RAGOUET, Pascal. **Controvérsias sobre a ciência:** por uma sociologia transversalista da atividade científica. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia; São Paulo: Editora 34, 2008.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat; PINHEIRO, Liliane Vieira. Avaliação da produtividade científica dos pesquisadores nas áreas de ciências humanas e sociais aplicadas. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 13, n. 2, p. 193-222, jul./dez. 2003.

SILVA, Márcia Regina da. **Análise bibliométrica da produção científica docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial/UFScar:** 1998-2003. 2004. 168f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2004.

SIMÕES, Regina Helena Silva. Da avaliação da educação à educação da avaliação: o lugar do (a) educador(a) no processo da avaliação da pós-graduação no Brasil.

**Psicologia & Sociedade**, João Pessoa, v. 16, n.1, p.124-134, 2004.

SOBRAL, Fernanda A. da F; ALMEIDA, Mayra Resende Costa de; CAIXETA, Marcus Vinicius Gomes. As lideranças científicas. **Ciências & Cognição**, [S.l.], v. 13, n. 2, p.179-191, 2008.

SPINAK, E. Indicadores cientometrics. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p.141-148, maio/ago. 1998.

STREHL, Letícia. O fator de impacto do ISI e a avaliação da produção científica: aspectos conceituais e metodológicos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n.1, p.19-27, jan./abr. 2005.

STUMPF, Ida Regina. Avaliação pelos pares nas revistas de comunicação: visão dos editores, autores e avaliadores. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.13, n.1, p.18-32, jan./abr. 2008.

\_\_\_\_\_. A comunicação da ciência na universidade: o caso da UFRGS. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice. (Orgs). **Comunicação científica**. Brasília: Departamento de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, 2000.

\_\_\_\_\_. **Periódicos científicos**. Porto Alegre: ABEED, 1998.

\_\_\_\_\_. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 383-386, set./dez.1996.

STUMPF, Ida Regina; et al. Usos dos termos cienciometria e cientometria pela comunidade científica brasileira. In: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. (Orgs.). **Comunicação & produção científica**. São Paulo: Angellara, 2006.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 10, n. 2, 2000.

VAN RAAN, A. F. J. Scientometrics: state-of-art. **Scientometrics**, [S.l.], v. 38, n. 1, p. 205-218, 1997.

VANTI, Nadia Aurora Peres. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002.

VEIGA, Laura da. A interação entre contexto, atividades e características organizacionais no mundo acadêmico. **Análise & Conjuntura**, Belo Horizonte, v.7, n. 2, maio/dez.1992.

VELHO, L.A. A ciência e o seu público. **Transinformação**, Campinas, 1997.

\_\_\_\_\_. Estratégias para um sistema de indicadores de C&T no Brasil. **Parcerias estratégicas**, n. 13, dez. 2001, p.109-121.



\_\_\_\_\_. O papel da formação de pesquisadores no sistema de inovação. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n. 4, out. 2007.

\_\_\_\_\_. Indicadores de C&T: antecedentes e estratégias. In: TALLER IBEROAMERICANO/INTERAMERICANO DE INDICADORES DE CIENCIA Y TECNOLOGIA, 4., 1999, México. **Anais...** México: RICYT, 1999, p. 45-67.

VOLPATO, Gilson. **Publicação científica**. 3. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

WACQUANT, Loiq J. D. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, [S.l.], Ano 10, n. 16, p.63-71, jul./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, p. 95-110, nov. 2002.

WATERS, Lindsay. **Inimigos da esperança**: publicar, perecer e o eclipse da erudição. Tradução de Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: UNESP, 2006.

WHITLEY, Richard. Reconfiguring the Public Sciences: the Impact of Governance Changes on Authority and Innovation in Public Science Systems. In: \_\_\_\_\_. **Reconfiguring Knowledge Production**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. Competition and pluralism in the public sciences: the impact of institutional frameworks on the organisation of academic science. **Research Policy**, [S.l.], v. 32, n. 6, p. 1015-1029, 2003.

\_\_\_\_\_. **The Intellectual and Social Organization of the Sciences**. 2. ed. London: Oxford, 2000.

WITTER, Geraldina Porto; PÉCORA, Gláucia M. Mollo. Temática das dissertações e teses em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil (1972/1992). In: WITTER, Geraldina Porto. (Org.). **Produção científica**. Campinas: Átomo, 1989.

ZANCAN, G. Análise da avaliação da Capes. **Jornal da Ciência**, [S.l.], Ano VI, n. 363, 1997.

ZIMAN, John Michel. **Conhecimento público**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1979.

**APÊNDICES**

APÊNDICE A	Operacionalização dos termos da pesquisa	155
APÊNDICE B	Bolsistas de produtividade em pesquisa – PQ1A da sociologia	159
APÊNDICE C	Egressos dos cursos de doutorado em sociologia titulados entre 2005 e 2009	160
APÊNDICE D	Programas de pós-graduação em sociologia reconhecidos pela CAPES por Estado e região geográfica	161
APÊNDICE E	Bolsas de produtividade em pesquisa por grandes áreas do conhecimento	164
APÊNDICE F	Bolsas de produtividade em pesquisa PQ1 por área do conhecimento	165
APÊNDICE G	Matriz de coleta de dados da trajetória acadêmica	166
APÊNDICE H	Matriz de coleta de dados da produção científica	167
APÊNDICE I	Ocupações de cargos de gestão acadêmica	169
APÊNDICE J	Títulos de periódicos nacionais e estrangeiros onde os bolsistas PQ1A publicaram artigos no triênio 2007-2009	173
APÊNDICE K	Títulos de periódicos nacionais e estrangeiros nos quais os egressos publicaram artigos no triênio 2007-2009	175

## **APÊNDICE A – Operacionalização dos termos da pesquisa.**

**Autor:** Pessoa física ou jurídica responsável pela produção intelectual de um trabalho de cunho literário, artístico ou científico. De acordo com o dicionário Aurélio (2004, p. 233), o autor pode ser considerado como “criador de obra artística, literária ou científica”. Para efeito da presente pesquisa, a autoria da produção científica mapeada é classificada em única ou coautoria.

**Anais de congresso:** Tipo de produção científica que contém os resultados de pesquisas concluídas ou em andamento, as quais foram apresentadas em eventos científicos. Na pesquisa, foram mapeados todos os trabalhos completos publicados em anais produzidos pelos bolsistas PQ1A e pelos egressos no triênio 2007/2009.

**Artigo de periódico científico:** Produção científica que apresenta resultado de pesquisa realizada de acordo com metodologia científica legitimada pela comunidade científica. Para a Associação Brasileira de Normas Técnicas, o artigo científico “é parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute idéias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento” (ABNT. NBR 6022, 2003, p. 2).

**Bolsa de produtividade em pesquisa:** De acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2011c), a bolsa destina-se aos pesquisadores que se destacam entre seus pares, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq, e específicos, pelos Comitês de Assessoramento (CA).

**Bolsista PQ1A:** De acordo com o CNPq, esses pesquisadores são considerados como os mais produtivos dentro de um campo científico e, por isso, percebem bolsas de produtividade em pesquisa como forma de valorizar a sua produção científica.

**Campo científico:** É o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a ciência. Para efeito da pesquisa, o campo científico da sociologia é entendido como todos os programas de pós-graduação

com curso de doutorado em sociologia, seus pesquisadores e toda a sua produção científica.

**Capítulos de livros:** Corresponde a cada uma das partes que compõem um texto científico, artístico ou literário que se distingue por formar uma unidade específica dentro do contexto maior de uma obra, por exemplo.

**Ciências Humanas:** Conhecida também como humanidades no exterior, as ciências humanas podem ser consideradas como disciplinas que tratam dos aspectos do homem como indivíduo e como ser social. Para Japiassu, “As Ciências Humanas constituem uma grandiosa tentativa de superação das múltiplas crises geradas pelo desenvolvimento de nossas sociedades”. Ainda para o autor, as humanidades foram construídas em torno da imagem do “homem-senhor-da-natureza e centro do mundo”. (1994, p.24). Para efeito da presente investigação, classificam-se as ciências humanas a partir da tabela de área do conhecimento elaborada pela CAPES, cujas áreas são: antropologia, arqueologia, ciência política, educação, filosofia, geografia, história, psicologia, sociologia e teologia.

**Conceito CAPES:** Nota atribuída aos programas de pós-graduação, a cada triênio, para avaliar o desempenho de todos os programas e cursos que integram o Sistema Nacional de Pós-graduação (SNPG). Os resultados desse processo, expressos pela atribuição de nota na escala 1 a 7, fundamentam a deliberação CNE/MEC sobre quais cursos obterão a renovação de "reconhecimento", a vigorar no triênio subsequente (CAPES, 2011b).

**Editora:** De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2002), a editora corresponde à casa publicadora, pessoas(s) ou instituição responsável pela produção editorial. Na presente investigação, as editoras são classificadas em comercial, universitária e institucional.

**Egresso:** Refere-se ao conjunto de pesquisadores analisados que concluíram o curso de doutorado em sociologia ou ciências sociais em algum programa de pós-graduação no Brasil, entre 2005 e 2009.

**Gênero:** Identificação do sexo masculino ou feminino dos bolsistas e egressos

estudados na pesquisa.

**Idioma de publicação:** Corresponde à língua em que foram publicadas as obras objeto de análise da presente investigação.

**Livro:** Publicação não periódica acima de 49 páginas, exceto as capas, e que contém o Número Internacional Normalizado para Livro. Para fins da presente investigação, considera-se livro como a produção intelectual de autoria única ou coautoria, desde que esta última não seja fruto de colaboração entre diferentes autores para publicação de coletâneas.

**Periódico científico:** Corresponde ao tipo de publicação científica publicada “[...] em qualquer tipo de suporte, editada em unidades físicas sucessivas, com designações numéricas e/ou cronológicas e destinada a ser continuada indefinidamente” (ABNT, 2002, p.2).

**Produção científica:** Encontra-se na literatura diferentes terminologias utilizadas pela comunidade científica com o mesmo significado para objetivos idênticos: produção intelectual, produção acadêmica, produção do conhecimento. Para efeito desta investigação, o termo produção científica será empregado para designar o conjunto de publicações geradas pelos pesquisadores do campo da sociologia, no triênio 2007-2009.

**Publicação científica:** Para efeito da presente investigação, considera-se livro, capítulo de livros, artigos de periódicos científicos e anais de congressos como os principais tipos de publicações científicas nas quais os pesquisadores da sociologia costumam comunicar os seus resultados de pesquisas.

**Qualis:** Corresponde ao conjunto de procedimentos utilizados pela CAPES para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. O Qualis mede a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero. (CAPES, 2011d).

**Sistema de reputação:** Teoria criada pelo britânico Richard Whitley para analisar o campo científico sob o enfoque organizacional da ciência. Esse teórico concebe a ciência como um tipo particular de organização do trabalho que estrutura a produção e avaliação de conhecimento em contextos institucionais mais amplos. No entendimento da pesquisa, o sistema de reputação da sociologia brasileira está representado nas políticas científicas executadas pelas duas principais agências de fomento à pesquisa do país: CAPES e CNPq, sobretudo, em suas sistemáticas de avaliação da produção científica.

**Sociologia:** Considerada uma das subáreas das ciências humanas, a sociologia tem como objeto de estudo a própria sociedade, ao investigar o comportamento humano por intermédio dos processos que interligam os indivíduos em associações, grupos e instituições.

**Vinculação institucional:** Corresponde ao vínculo dos bolsistas PQ1A e dos egressos com determinadas instituições acadêmicas ou profissionais.

**APÊNDICE B – Bolsistas de produtividade em pesquisa – PQ1A da sociologia.**

<b>Nome</b>	<b>Vínculo Institucional</b>
<b>Anita Brumer</b>	UFRGS
<b>Antônio Flávio de Oliveira Pierucci</b>	USP
<b>Antônio Sérgio Alfredo Guimarães</b>	USP
<b>Brasílio João Sallum Junior</b>	USP
<b>César Barreira</b>	UFC
<b>Elide Rugai Bastos</b>	UNICAMP
<b>Elisa Maria da Conceição Pereira Reis</b>	UFRJ
<b>Ilse Scherer-Warren</b>	UFSC
<b>José de Souza Martins</b>	USP
<b>José Reginaldo Prandi</b>	USP
<b>José Ricardo Garcia Pereira Ramalho</b>	UFRJ
<b>José Vicente Tavares dos Santos</b>	UFRGS
<b>Maria Aparecida de Moraes Silva</b>	UFSCAR
<b>Maria Arminda do Nascimento Arruda</b>	USP
<b>Maria Stela Grossi Porto</b>	UNB
<b>Nadya Araújo Guimarães</b>	USP
<b>Renato José Pinto Ortiz</b>	UNICAMP
<b>Sedi Hirano</b>	USP
<b>Sérgio Miceli Pessoa de Barros</b>	USP
<b>Vera Lucia Silveira Botta Ferrante</b>	UNIARA

Fonte: O autor, a partir de informações existentes no site do CNPq. Disponível em:

[http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO\\_PQ\\_102003.curso](http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO_PQ_102003.curso). Acesso em: 15 maio 2011.

**APÊNDICE C** – Egressos dos cursos de doutorado em sociologia titulados entre 2005 e 2009.

<b>Nome</b>	<b>Vínculo institucional</b>
<b>Adriane Vieira Ferrarini</b>	UNISINOS
<b>Alexandre Bergamo Idargo</b>	UFSC
<b>Alexandre Fleming Câmara Vale</b>	UFC
<b>Anete Brito Leal Ivo</b>	UFBA
<b>Antônio Augusto Pereira Prates</b>	UFMG
<b>Cintya Maria Costa Rodrigues</b>	UFG
<b>Dijaci David de Oliveira</b>	UFG
<b>Fernando Bastos Costa</b>	UFRN
<b>Fernanda Rios Petrarca</b>	UFS
<b>Gabriel de Santis Feltran</b>	UFSCAR
<b>Jacqueline Sinhoretto</b>	UFSCAR
<b>Juri Castelfranchi</b>	UFMG
<b>Jaime Luiz Cunha de Souza</b>	UFPA
<b>Marcela Zamboni Lucena</b>	UFPB
<b>Maria Sarah da Silva Telles</b>	PUC RJ
<b>Mônica Lourdes Franch Gutiérrez</b>	UFPB
<b>Péricles Moraes de Andrade Júnior</b>	UFS
<b>Ramonildes Alves Gomes</b>	UFCG
<b>Revalino Antônio de Freitas</b>	UFG
<b>Sayonara de Amorim Gonçalves Leal</b>	UNB
<b>Simone Meucci</b>	UFPR
<b>Teresa Cristina Furtado Matos</b>	UFPB

Fonte: O autor, a partir de informações existentes no caderno de indicadores da CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br> Acesso em: 30 jun. 2011



**APÊNDICE D – Programas de pós-graduação em sociologia reconhecidos pela CAPES por Estado e região geográfica.**

REGIÃO	UNIDADE DA FEDERAÇÃO	IES	PROGRAMA	MESTRADO ACADÊMICO	MESTRADO PROFISSIONAL	DOUTORADO	TOTAL
NORTE	PA	UFPA	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	PA	UFPA	Programa de Pós-graduação em Defesa Social e Mediação de Conflitos.	---	1	---	1
	AM	UFAM	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	---	1
<b>Subtotal da Região Norte</b>				<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>4</b>
NORDESTE	BA	UFBA	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	BA	UFRB	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais: cultura, desigualdades e desenvolvimento.	1	---	---	1
	MA	UFMA	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	PB	UFCG	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	PB	UFPB	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2
	RN	UFRN	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	SE	FUFSE	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	CE	UECE	Programa de Pós-graduação em Planejamento e Políticas Públicas.	---	1	---	1
	CE	UECE	Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Sociedade.	1	---	---	1
	CE	UFC	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2
	AL	UFAL	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	---	1
	PE	UFPE	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2
PI	FUFPI	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	---	1	
<b>Subtotal da Região Nordeste</b>				<b>12</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>21</b>
CENTRO-OESTE	DF	UNB	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2
	GO	UFG	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2
<b>Subtotal da Região Centro-Oeste</b>				<b>2</b>		<b>2</b>	<b>4</b>
	RJ	UERJ	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2

SUDESTE	RJ	UFRRJ	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	---	1
	RJ	UFRRJ	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.	1	---	1	2
	RJ	UERJ	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	RJ	PUC	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	RJ	UFF	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	---	1
	RJ	UCAM	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2
	RJ	UFRJ	Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia.	1	---	1	2
	RJ	UENF	Programa de Pós-graduação em Sociologia Política.	1	---	1	2
	ES	UFES	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	---	1
	ES	UVV	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	---	1
	MG	UFJF	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	MG	UFU	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	---	1
	MG	PUC	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	MG	UFMG	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2
	MG	UFMG	Programa de Pós-graduação em Sociologia e Política.	---	---	1	1
	SP	UNICAMP	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	---	---	1	1
	SP	UNESP	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	SP	UNESP	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2
	SP	PUC	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	SP	UNIFESP	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	---	1
SP	UFSCAR	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2	
SP	USP	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2	
SP	UNICAMP	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2	
<b>Subtotal da Região Sudeste</b>				<b>22</b>	<b>---</b>	<b>18</b>	<b>40</b>
	PR	UEL	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	---	1

<b>SUL</b>	PR	UEM	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	---	1
	PR	UNIOESTE	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	---	1
	PR	UFPR	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2
	RS	UFSM	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	---	1
	RS	UFPEL	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	---	1
	RS	PUC	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	RS	UNISINOS	Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.	1	---	1	2
	RS	UFRGS	Programa de Pós-graduação em Sociologia.	1	---	1	2
	SC	UFSC	Programa de Pós-graduação em Sociologia Política	1	---	1	2
<b>Subtotal da Região Sul</b>				<b>10</b>	---	<b>5</b>	<b>15</b>

Fonte: O autor, a partir de informações existentes no caderno de indicadores da CAPES. Disponível em <http://www.capes.gov.br>. Acesso em 30 abr. 2011.

**APÊNDICE E – Bolsas de produtividade em pesquisa por grandes áreas do conhecimento.**

<b>Nível das bolsas</b>	<b>Engenharias, Ciências Exatas e da Terra</b>	<b>Ciências Humanas e Sociais</b>	<b>Ciências da Vida</b>	<b>Frequência Absoluta</b>	<b>Frequência Relativa (%)</b>
1A	<b>366</b>	234	<b>433</b>	1.033	<b>8,04</b>
1B	<b>348</b>	251	<b>484</b>	1.083	<b>8,41</b>
1C	<b>501</b>	263	<b>506</b>	1.270	<b>9,87</b>
1D	<b>637</b>	329	<b>670</b>	1.636	<b>12,71</b>
2	<b>2.572</b>	1.844	<b>3.130</b>	7.546	<b>58,66</b>
2F	<b>62</b>	50	<b>123</b>	235	<b>1,84</b>
SR	<b>18</b>	26	<b>16</b>	60	<b>0,47</b>
<b>TOTAL</b>	<b>4.504</b>	<b>2.997</b>	<b>5.362</b>	<b>12.863</b>	<b>100,0</b>

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes no site do CNPq. Disponível em: [http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO\\_PQ\\_102003.curso](http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO_PQ_102003.curso). Acesso em: 15 maio 2011.

## APÊNDICE F – Bolsas de produtividade em pesquisa PQ1 por área do conhecimento.

ENGENHARIAS, CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA											
Área	1A	1B	1C	1D		Área	1A	1B	1C	1D	
Astronomia	14	3	13	12	<b>42</b>	Engenharia Nuclear	5	6	9	19	<b>39</b>
Ciência da Computação	15	13	28	56	<b>112</b>	Engenharia de produção	8	8	6	26	<b>48</b>
Desenho Industrial	0	0	0	2	<b>2</b>	Engenharia Química	6	4	11	22	<b>43</b>
Engenharia Aeroespacial	3	2	4	3	<b>12</b>	Engenharia Sanitária	9	4	17	11	<b>41</b>
Engenharia Biomédica	5	4	11	10	<b>30</b>	Engenharia de Transportes	5	6	6	4	<b>21</b>
Engenharia Civil	21	30	27	30	<b>108</b>	Física	72	70	108	145	<b>395</b>
Engenharia Elétrica	25	33	28	33	<b>119</b>	Geociências	42	29	48	64	<b>183</b>
Engenharia de Materiais	20	24	30	23	<b>97</b>	Matemática	33	30	42	30	<b>135</b>
Engenharia Mecânica	25	17	29	34	<b>105</b>	Oceanografia	6	5	8	18	<b>37</b>
Engenharia de Minas	4	1	4	1	<b>10</b>	Probabilidade e estatística	5	10	5	7	<b>27</b>
Engenharia Naval	0	3	2	1	<b>6</b>	Química	43	46	65	86	<b>240</b>
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS											
Área	1A	1B	1C	1D		Área	1A	1B	1C	1D	
Administração	6	5	11	12	<b>34</b>	Filosofia	12	25	17	12	<b>66</b>
Antropologia	16	19	9	17	<b>61</b>	Geografia	10	6	10	9	<b>35</b>
Arqueologia	9	0	2	2	<b>13</b>	História	14	18	17	18	<b>67</b>
Arquitetura e Urbanismo	5	5	7	8	<b>25</b>	Letras	21	20	26	28	<b>95</b>
Artes	7	8	15	7	<b>37</b>	Linguística	21	20	18	27	<b>86</b>
Ciência da Informação	4	3	4	3	<b>14</b>	Museologia	0	0	0	1	<b>1</b>
Ciência política	10	15	4	5	<b>34</b>	Planejamento Urbano	7	10	10	7	<b>34</b>
Comunicação	10	11	9	10	<b>40</b>	Psicologia	23	26	28	39	<b>116</b>
Demografia	3	1	4	5	<b>13</b>	Serviço Social	4	8	8	4	<b>24</b>
Direito	1	2	5	4	<b>12</b>	<b>Sociologia</b>	<b>20</b>	<b>23</b>	<b>20</b>	<b>27</b>	<b>90</b>
Economia	13	7	13	27	<b>60</b>	Teologia	1	0	0	0	<b>1</b>
Educação	17	19	25	57	<b>118</b>	Turismo	0	0	1	0	<b>1</b>
CIÊNCIAS DA VIDA											
Área	1A	1B	1C	1D		Área	1A	1B	1C	1D	
Agronomia	47	51	51	117	<b>266</b>	Fisiologia	16	17	24	26	<b>83</b>
Aqüicultura	4	4	4	7	<b>19</b>	Fisioterapia	1	4	1	6	<b>12</b>
Biofísica	7	6	5	8	<b>26</b>	Fonoaudiologia	1	2	2	3	<b>8</b>
Biologia geral	0	1	1	0	<b>2</b>	Genética	23	24	24	39	<b>110</b>
Bioquímica	30	28	25	41	<b>124</b>	Imunologia	19	15	21	21	<b>76</b>
Botânica	15	16	13	33	<b>77</b>	Medicina	56	42	46	47	<b>191</b>
Tecnologia de Alimentos	9	11	13	21	<b>54</b>	Medicina Veterinária	16	26	51	17	<b>110</b>
Ecologia	14	20	10	30	<b>74</b>	Microbiologia	10	24	24	24	<b>82</b>
Educação Física	5	2	7	9	<b>23</b>	Morfologia	12	9	4	21	<b>46</b>
Enfermagem	11	15	17	12	<b>55</b>	Nutrição	6	6	3	8	<b>23</b>
Engenharia Agrícola	6	8	14	17	<b>45</b>	Odontologia	15	23	20	25	<b>83</b>
Farmácia	12	13	4	18	<b>47</b>	Parasitologia	14	8	14	18	<b>54</b>
Farmacologia	20	21	26	17	<b>84</b>	Engenharia florestal	6	14	13	6	<b>39</b>
Engenharia de pesca	4	10	6	12	<b>32</b>	Saúde coletiva	22	20	22	21	<b>85</b>
Zoologia	18	18	15	27	<b>78</b>	Zootecnia	14	26	26	19	<b>85</b>

Fonte: O autor, a partir de informações existentes no site do CNPq. Disponível em: [http://plsq1.cnpq.br/divulg/RESULTADO\\_PQ\\_102003.curso](http://plsq1.cnpq.br/divulg/RESULTADO_PQ_102003.curso). Acesso em: 15 maio 2011.



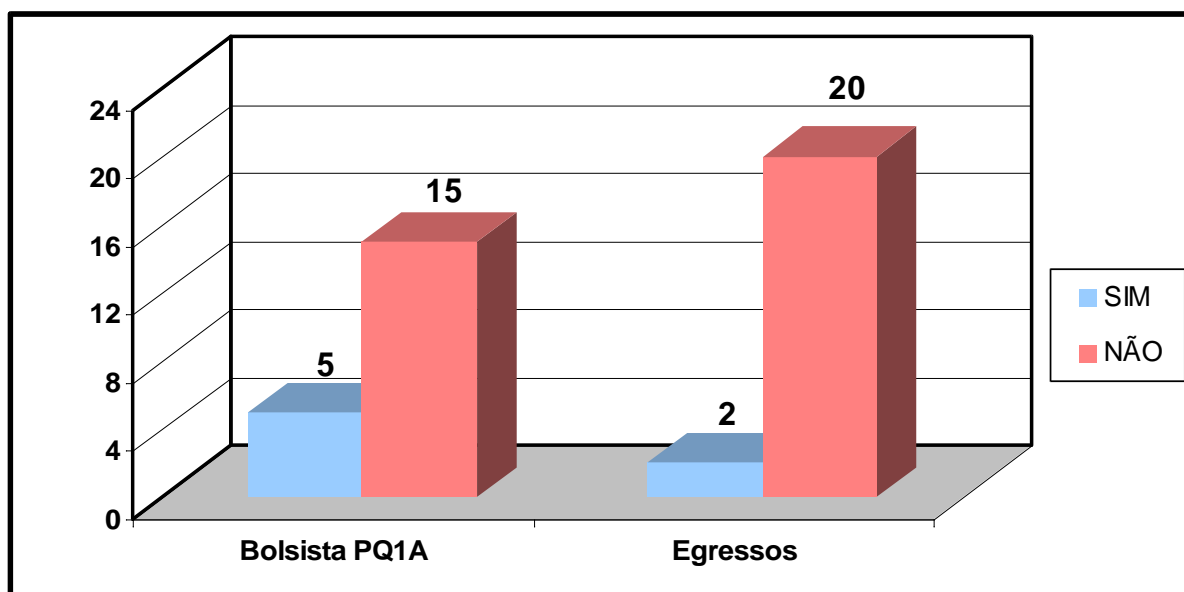






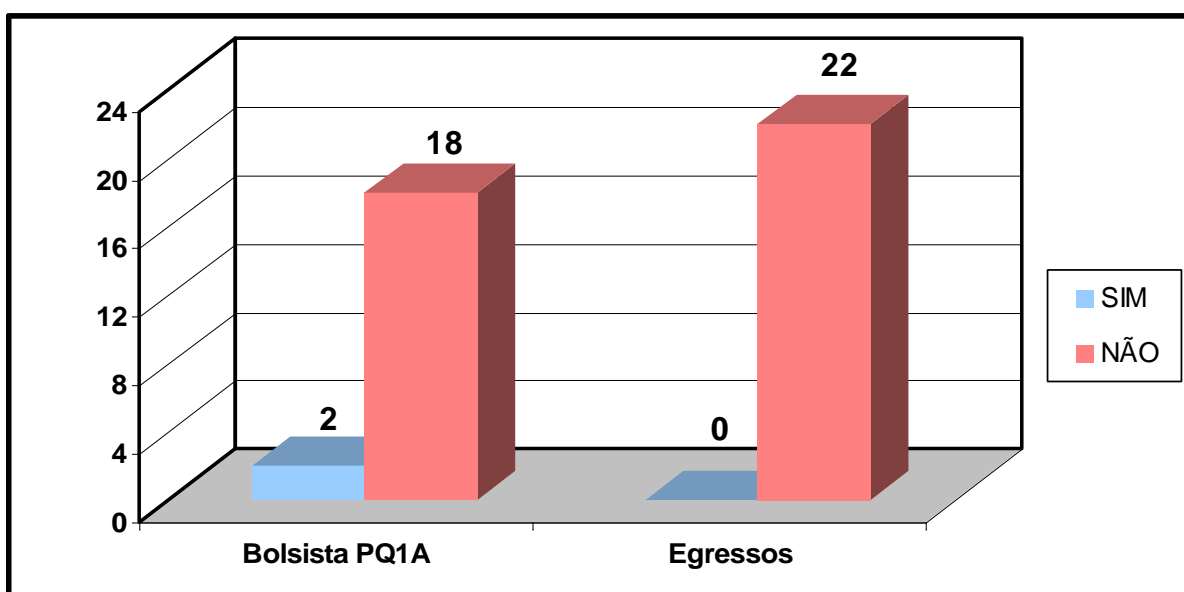
## APÊNDICE I – Ocupações de cargos de gestão acadêmica.

Bolsistas e egressos que ocuparam o cargo de Coordenador de Área da Sociologia na CAPES.



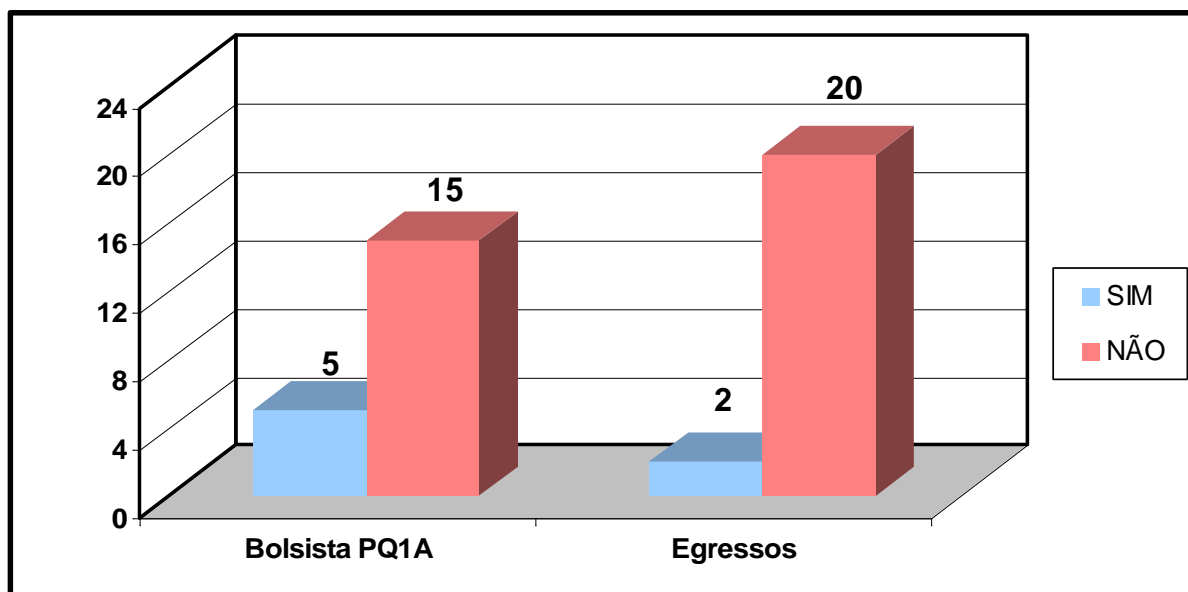
Fonte: O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Bolsistas e egressos que ocuparam o cargo de Assessor do Comitê de Assessoramento da Sociologia no CNPq.



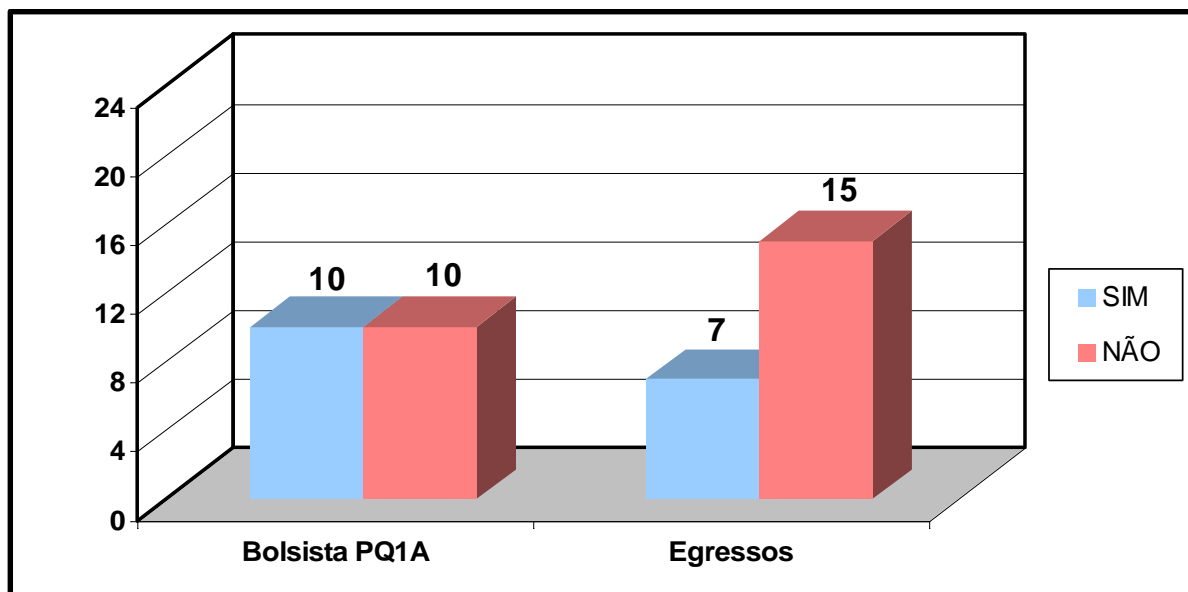
Fonte: O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Bolsistas e egressos que ocuparam o cargo de Coordenador de Programa de pós-graduação na Sociologia.



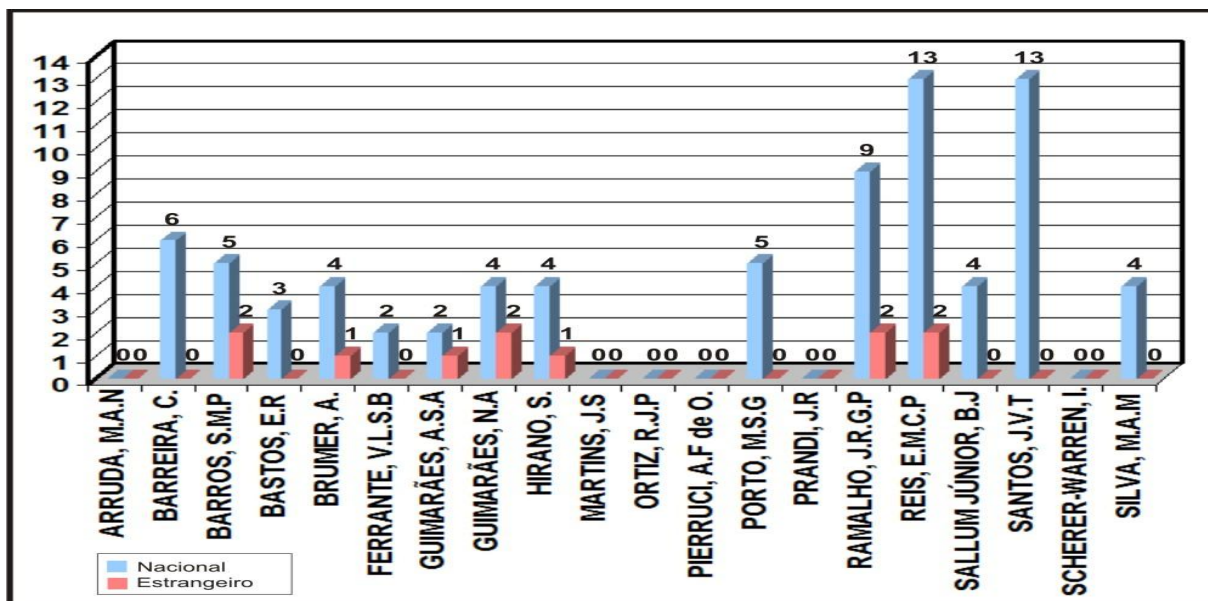
Fonte: O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Bolsistas e egressos que lideram grupos de pesquisas cadastrados no CNPq.



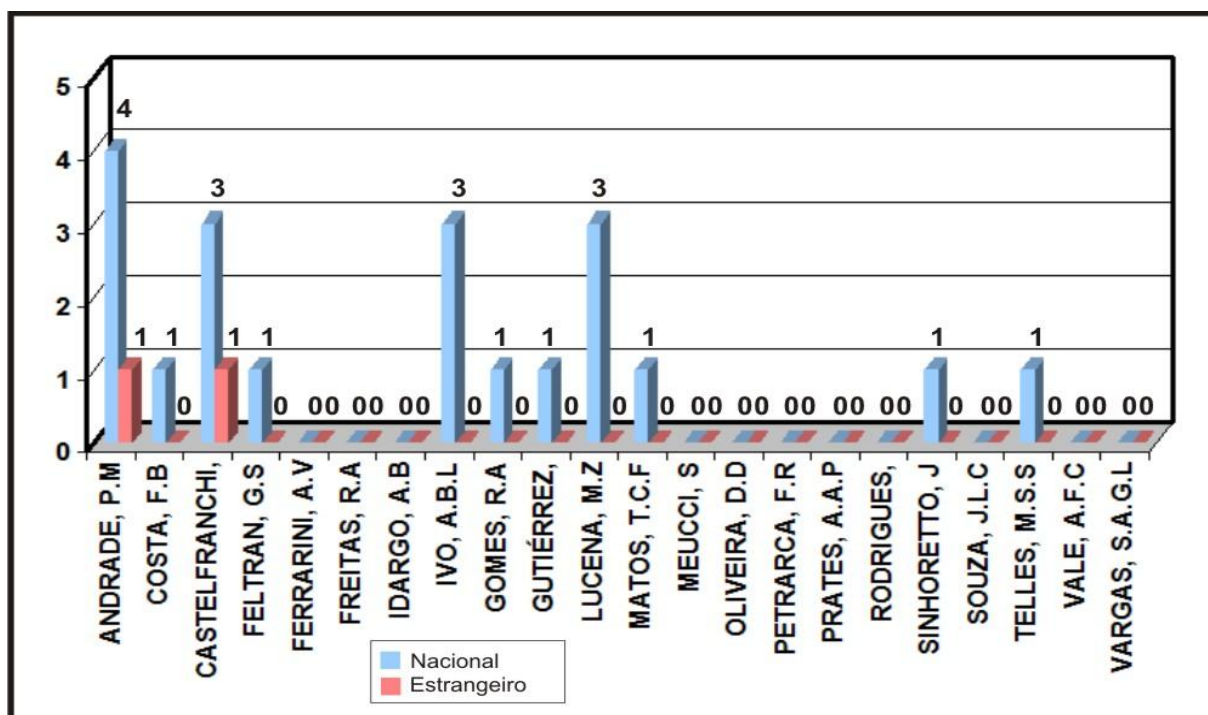
Fonte: O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Bolsistas que atuaram como membros de conselhos editoriais em periódicos nacionais e estrangeiros.



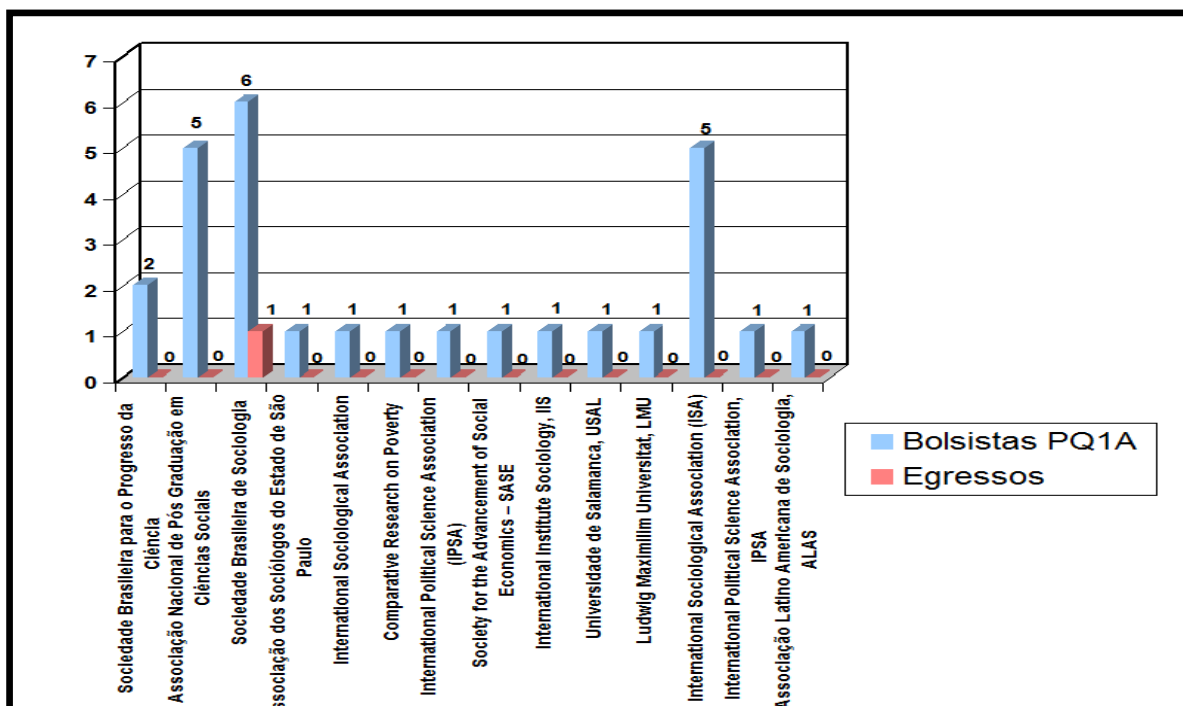
Fonte: O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Egressos que atuaram como membros em conselhos editoriais de periódicos nacionais e estrangeiros.



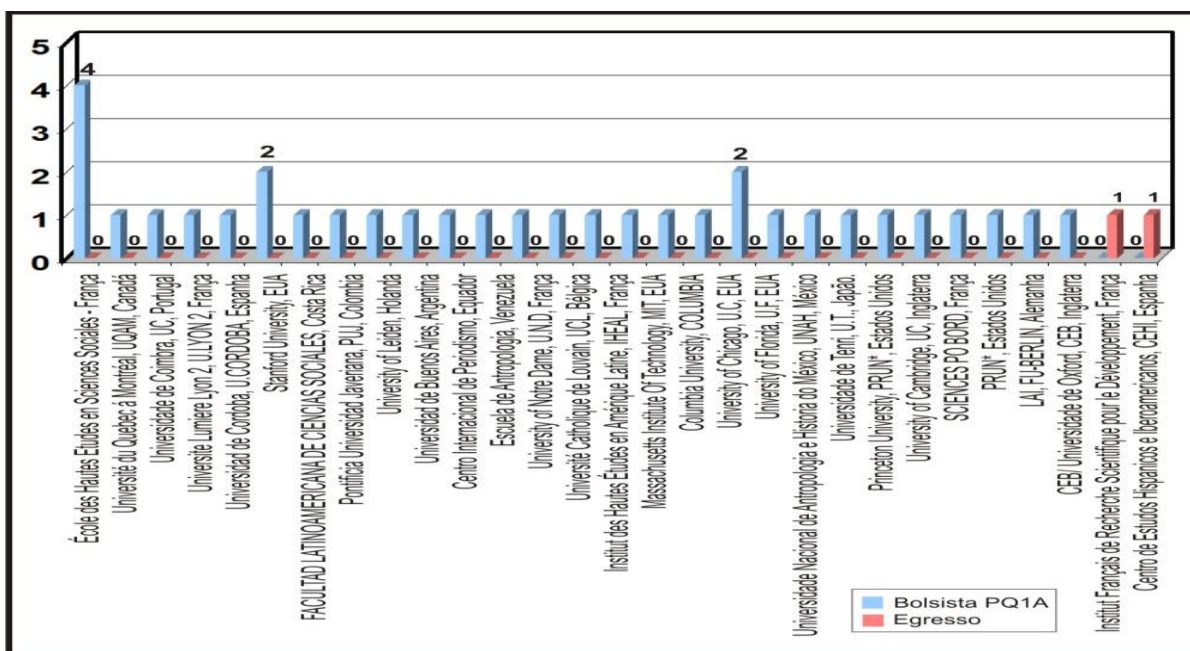
Fonte: O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

Sociedades científicas nas quais atuaram os bolsistas e egressos.



Fonte: O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011

Instituições de ensino estrangeiras em que os bolsistas e os egressos exerceram atividades de pesquisa



Fonte: O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011.

**APÊNDICE J – Títulos de periódicos nacionais e estrangeiros onde os bolsistas PQ1A publicaram artigos no triênio 2007-2009.**

<b>Títulos de periódicos nacionais</b>	<b>Qualis</b>	<b>Artigos</b>
Retratos Assentamentos.	B5	12
Estudos, Sociedade e Agricultura.	B2	5
Sociologias.	A1	4
Tempo Social: Revista de Sociologia da USP.	A1	3
Revista Brasileira de Ciências Sociais.	A1	3
Dados.	A1	3
Novos Estudos CEBRAP.	A1	3
Política & Sociedade.	B2	3
Sociedade e Estado.	A2	2
Lua Nova.	B1	2
Revista Nera.	B3	2
Cadernos Ceru.	B3	2
Prismas.	B3	2
Ruris.	B4	2
Revista UNIARA.	B5	2
Informações Econômicas.	B5	2
Literatura e Sociedade.	A1	1
Caderno do CRH	A2	1
Cadernos Pagu	A2	1
Revista crítica de Ciências Sociais	A2	1
Ciência e Cultura.	B1	1
Revista Brasileira de Educação	B1	1
Ciências Sociais Unisinos.	B2	1
Revista Brasileira de Informação Bibliográfica	B2	1
Revista de Ciências Sociais.	B2	1
História: Debates e tendências	B3	1
Locus.	B3	1
Organizações Rurais e Agroindustriais.	B3	1
Revista Ceres.	B3	1
Cadernos ADENAUER	B4	1
Cadernos da FCECA.	B4	1
Conflitos no Campo Brasil.	B4	1
Educação e Cidadania.	B4	1
Estudos de Religião	B4	1
Geografia em Atos	B4	1
Observatório Itaú Cultural.	B4	1
Revista de Direito do Trabalho	B4	1
Revista do Lume	B4	1
Revista sem Terra.	B4	1
TD. Teoria e Debate.	B4	1
Revista Pegada Eletrônica.	B5	1
SBS Cadernos de Resenhas.	B5	1
Política Democrática	C	1

Espaço Plural.	C	1
Janus: Anuário de relações internacionais.	C	1
Reforma Agrária.	C	1
REMHU.	C	1
Revista Contingentia.	C	1
Coleção Segurança com cidadania.	---	1
Família Cristã.	---	1
Revista Eletrônica do NEAD	---	1
Web Mosaico.	---	2
Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas.	---	3
<b>Títulos de periódicos estrangeiros</b>	<b>Qualis</b>	<b>Artigos</b>
Espacio Abierto.	A2	2
Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo.	B2	1
Nueva Sociedad.	A2	1
Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe.	B2	1
Actes de la Recherche en Sciences Sociales.	A1	1
International Political Science Review.	A1	1
International Sociology.	A1	1
World Development.	A1	1
Latin American Perspectives.	A2	1
Social Compass.	A2	1
Lusotopie.	B1	1
Tumultes.	B1	1
Migrations Société.	B2	1
Cahiers Internationaux de Sociologie.	B3	1
InterfaceHS.	B4	1
Encontros Lusófonos.	B5	1
Anthropos.	---	1
Pensée Plurielle.	---	1

Fonte: O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011

**APÊNDICE K –** Títulos de periódicos nacionais e estrangeiros nos quais os egressos publicaram artigos no triênio 2007-2009.

<b>Títulos de periódicos nacionais</b>	<b>Qualis</b>	<b>Artigos</b>
Sociedade e Cultura	B2	6
Estudos de Sociologia	B2	4
Política & Trabalho	B2	4
Tomo	B3	4
Tempo Social	A1	2
Caderno CRH	A2	2
Cronos	B2	2
Teoria & Pesquisa	B2	2
OP SIS	B3	2
SBS Resenhas.	B5	2
Sociologias	A1	1
Lua Nova	B1	1
Revista de Economia Política do Desenvolvimento	B1	1
Anuário antropológico	B2	1
Comunicação & Política	B2	1
Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas	B2	1
Revista Brasileira de Ciências Criminais	B2	1
Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais.	B2	1
Revista de Administração Pública	B2	1
Revista de Estudos de Conflito e Controle Social	B2	1
Revista Sociologia Jurídica	B2	1
Política & Sociedade	B2	1
Revista FAMECOS	B3	1
Barbarói	B4	1
Revista Brasileira de Segurança Pública	B4	1
Desigualdade & diversidade	B4	1
Eptic	B4	1
Práxis	B4	1
Teoria & Sociedade	B4	1
Sociedade e Desenvolvimento Rural	B4	1
Revista Mediações	B5	1
Temáticas	B5	1
Bahia Análise & Dados	C	1
Revista de Antropologia Social do PPGAS-UFSCar	C	1
Revista de direito de informática e telecomunicações.	C	1
Revista Enfoques	---	1
<b>Títulos de periódicos estrangeiros</b>	<b>Qualis</b>	<b>Artigos</b>
JCOM, Journal of Science Communication	A2	2
Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo	B2	1
MédiaMorphoses	C	1
The Radio Journal	---	1
Scienza e Società	---	1
New Genetics and Society	---	1

**Fonte:** O autor, a partir de informações existentes na Plataforma Lattes do CNPq. Disponível em: <http://www.lattes.cnpq.br>. Acesso em: 30 jul. 2011